

NAS CONGEMINAÇÕES DO PARTIDO SOCIALISTA

"Pacto de Moncloa" à portuguesa

Um acordo do mesmo tipo do firmado em Moncloa pelo Governo e a Oposição espanhola parece estar nas intenções do Governo PS (que a ele alude no seu comunicado de segunda-feira passada). Tal tendência parece ser ainda confirmada pelo eco que a iniciativa espanhola provocou nos grandes centros ocidentais (Washington e Bona, designadamente) e que vem transparecendo dos artigos que diversos órgãos de Informação, entre eles o «New York Times», dedicam ao assunto, não escondendo os seus possíveis reflexos no caso português.

«Opções urgentes» (para vencer a crise) tomadas em ambiente de concertação e mediante o estabelecimento de um consenso mínimo (...) «método seguido por outros países democráticos» como «muito recentemente pôde ser conseguido em Espanha com o chamado acordo de Moncloa» — esta uma referência extraída do comunicado do gabinete do Primeiro-Ministro.

Conversações com os principais partidos da Oposição, a par de contactos com parceiros sociais escolhidos pelo Governo (alguns de representatividade discutível), vão prosseguir. Jorge Campinos, que na segunda-feira, após a elaboração do comunicado do Primeiro-Ministro, mas antes da sua divulgação ao País, teve um encontro com Magalhães Mota e Sérgio Correia, do PSD, disse que em breve haveria também encontros com o PCP e o CDS. «O PS vai negociar com todos os partidos, sem excepção» — disse Jorge Campinos, afirmação repetida

por Mário Soares à TV francesa durante uma entrevista concedida ontem.

Um documento «onde se caracteriza, sinteticamente, a situação e se enunciam as principais medidas necessárias à superação da crise» poderá, deseja o Governo, «servir de base à tão falada e reclamada plataforma interpartidária e social», desde que suscitando um «consenso mínimo» entre as forças em presença.

Numa primeira leitura, o comunicado do Primeiro-Ministro, vindo a lume a poucas horas de expirar o prazo concedido pelo PSD para uma resposta às suas propostas de Bragança, forneceu à direita uma saída para o impasse que o seu «último» ameaçava provocar. A interrogação persiste, no entanto, em torno de se saber claramente «quem cedeu a quem» em todo este complicado processo.

A destacar o facto de o PSD aparecer, mais uma vez, como alvo de referências especiais do Governo: enquanto Jorge

Campinos recebe uma delegação «social-democrata» na segunda-feira, o comunicado do Primeiro-Ministro dá realce também a este partido ao afirmar que o PS «nunca fechará a porta a um acordo parlamentar ou extraparlamentar com os outros partidos democráticos e designadamente com o PPD/PSD». Isto enquanto Magalhães Mota, secretário-geral do PSD e um dos interlocutores de Campinos, classificava o comunicado como «uma resposta oficial do Governo e do Partido Socialista» à posição elaborada em Bragança pelos «social-democratas» e Sousa Franco, vice-presidente do mesmo partido, desvia agora o fogo cerrado para Belém: «se chegámos à actual situação diria que tanto ou mais responsável do que os partidos é o Presidente da República» — diz aquele político à ANOP, acusando ainda Ramalho Eanes de até agora ter tomado apenas iniciativas «muito limitadas e muito tímidas».

De qualquer modo o PSD remete uma posição final para a reunião da sua Comissão Política, cujas decisões deverão ser conhecidas provavelmente amanhã.

Para o CDS, pela voz de Amaro da Costa, seu vice-presidente, «a situação política dramatizou-se em termos relativos com a iniciativa de Mário Soares», o que não implica que os «centristas» não mantenham «todas as suas posições de fundo», ou seja a disponibi-

lidade para um acordo unicamente tripartido, o que releva da consequente exclusão dos comunistas.

Para estes últimos — e o PCP terá sido o partido que frontalmente se declarou desde o início disposto a examinar uma plataforma de saída sem condições prévias no plano do Governo — o caminho continua aberto, mas não sem algumas reservas.

Assim que Aurélio Santos, do CC do PCP, em declarações à RTP tenha assinalado que o comunicado do Governo não adiantava muito o esclarecimento da situação política e «pode dizer-se que se lhe está a querer dar mais relevo que mereça». «É no entanto importante — afirmou também — que o Governo reconheça a necessidade de ser discutida a política a seguir. A situação é cada vez mais grave, há um grande descontentamento com as consequências da política seguida até aqui, com a subida do custo de vida, os despedimentos, os encargos resultantes dos empréstimos estrangeiros».

Continua na pág. 20

"DL" recorda Outubro de 1917

Comemora-se no próximo dia 7 a passagem do 60.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro. Por esse facto, o «Exclusivo» que hoje se publica, por ontem ter sido feriado nacional, é inteiramente dedicado àquele importante acontecimento histórico, incluindo textos sobre «Os Dias que Abalaram o Mundo» e vários aspectos da vida da Rússia de então. Ali se reproduzem, também diversos documentos e alguns desenhos de El Lissitzky.

Na próxima sexta-feira o «DL» publicará um destacável de oito páginas com o ensaio de Mário Dionísio sobre «A Revolução de Outubro e a Cultura».



Brejev propõe termo à corrida nuclear

Falando na abertura das comemorações do 60.º aniversário da Revolução de Outubro, o presidente da União Soviética, Brejev, apelou para o termo dos ensaios nucleares, mesmo para fins pacíficos. Num discurso que teve a duração de uma hora e meia, o primeiro mandatário da URSS abordou inicialmente questões de ordem interna, revelando que a colheita de cereais prevista para 1977 é de 194 milhões de toneladas e que serão

desenvolvidos esforços para o melhor aproveitamento regional. A nível externo renovou os convites para um entendimento com os EUA, criticou líderes ocidentais que apostam no diferendo sino-soviético, advertiu contra a abolição do termo «internacionalismo proletário» e reiterou o apoio soviético ao Terceiro Mundo.

(Pág. 13)

Aeroporto parou para receber Tónico e Malvina

Com um polícia a beijar «Tónico Bastos» (solidariedade luso-brasileira?) e o aeroporto praticamente parado, chegaram esta manhã a Lisboa os

intérpretes da telenovela «Gabriela» Fulvio Stefanini e Elizabeth Savalla (Malvina). Eram acompanhados por Chico Anísio, um dos melhores comi-

cos brasileiros que, neste caso, passou naturalmente despercebido.

Números funcionários aguardavam-nos na pista. Durante meia hora o trabalho foi interrompido. Tal como acontece com «meio-mundo», todos os dias, à hora da transmissão do episódio da «Gabriela».

«Malvina» é, na verdade, uma mulher extraordinariamente bonita. Tem apenas 22 anos e participou nas filmagens com 19 anos (a série passou no Brasil há três anos) vinda do teatro amador. Cabelo curto (é uma pena, sabe, queria trazer o cabelo à «Malvina», como homenagem, mas estou a participar numa outra série, onde faço de empregada de barbearia e uso o cabelo assim. Ainda ontem estive a filmar e na próxima segunda-feira já estou de novo a trabalhar), Elizabeth referiu-se à popularidade



A «Pepsi-Cola» não perde pitada: atrás de Tónico e Malvina lá está o emblema (como quem não quer a coisa).

Continua na pág. 20



Vasco Raimundo e a mulher na prova de Teatro: o técnico de computadores levava o «programa» estudado para derrubar José Fanha, mas este, na réplica, ficou a escassos 5 pontos do seu sucessor no 1.º lugar da «Cornélia»

Técnico de computadores em primeiro na «Cornélia»

Um técnico de computadores, acompanhado da esposa, que trabalha no Instituto Nacional dos Desportos como professor de Educação Física, afastou o arquitecto José Fanha do primeiro lugar do pódio da «Visita da Cornélia» numa sessão excepcional do mais popular programa da televisão portuguesa.

Na próxima segunda-feira um número de telespectadores superior aos três milhões verá o casal Vasco Raimundo (na foto, durante a prova de teatro) liderar um trio composto ainda pelo pianista Rui Guedes e por Gonçalo Lucena, antigo primeiro da Cornélia, subvertendo completamente a ordem do pódio, e apear todos os antigos

ocupantes. José Fanha usaria da faculdade de réplica que o regulamento lhe concede e recuperaria parcialmente, situando-se agora em segundo lugar com 620 pontos. Vasco Raimundo tem 625 e Rui Guedes 610, quando faltam apenas três sessões para o fim do programa.

(Pág. 8)

post-scriptum

Votos aos sócios da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem

Em 1922, um grupo de homens destacados na vida política portuguesa, à frente dos quais se encontrava o dr. Sebastião de Lima, fundador da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem.

Mais tarde a Liga conquistou prestígio internacional, pelo que passou a estar representada em congressos além fronteiras.

Todavia, com o avançar do tempo, em 1926, sob a ditadura, a Liga passou a ter uma vida difícil.

O 25 de Abril permitiu que esta pudesse rebentar as correntes que a hipertrofiavam e subir à cena política portuguesa. Contudo, verificou-se a ausência da exigida dinâmica que os ideais da Liga obrigam. Ausência muitíssimo visível, no período em que sucedeu a Vasco da Gama Fernandes, o dr. Almeida Ribeiro, ocupando o lugar de presidente. Este último, carinhosamente, dedicava-se, muitas vezes, a desconvocar ou a faltar a reuniões de directório, etc... Tristes factos que, no entanto, não impediram o contributo generoso da Liga na « Conferência Mundial Contra o Racismo, o Apartheid e o Colonialismo na África Austral ». Contribuição para a qual o sr. presidente não estava muito voltado.

Mais tarde, o dr. Almeida Ribeiro teve a infeliz e desastrosa iniciativa de designar (sem consultar o directório) um representante da LPDH (dr. Proença de Carvalho) para um jantar de homenagem a Mário Soares, por este ter recebido o galardão dos Direitos do Homem.

O directório, surpreendido com tão mal inspirada atitude, decidiu não aderir a esse jantar de homenagem, por desconhecer quem o organizava, e pedir explicações ao dr. Almeida Ribeiro. A explicação veio a ser dada, com a demissão deste, demissão que foi justificada pela existência de divergências ideológicas no directório e agravada ainda pela afirmação de que a Liga estava a ser tomada por elementos afectos ao MDP/CDE e PCP.

Mais tarde, o directório divulgou um comunicado desmentindo tais afirmações e dizendo não ser constituído por membros ligados às organizações referidas. Cumprime-me aqui criticar esta explicação por parte do directório. Foi uma infeliz resposta, que veio a ser acolhida, com agrado, pelos criminosos sectaristas e golpistas, que tudo fazem para, com a ganância e fanatismo partidário, impedir que os direitos humanos sejam defendidos.

Por que a Liga não pode ser constituída por católicos, monárquicos, anarquistas, socialistas, comunistas, centristas, sociais-democratas, se todos eles pusem acima da sua ideologia, a defesa intransigente dos Direitos do Homem?

O dr. Almeida Ribeiro queixa-se da existência de divergências no seio do directório. Eu não me queixo. Congratulo-me. Porque o facto de existirem divergências é claro sintoma de que não existe monolitismo partidário, facto que é considerado saudável pelos democratas e canceroso pelos ditadores e parafascistas. E um presidente de uma organização como a LPDH, que não aceita o pluralismo está incomodamente instalado, pois terá sempre a consciência inquieta e receosa de que:

— A opinião pública repare no arrependimento silencioso e inconfessado, e julgue, criticando, a actuação do presidente da LPDH que primou pelos caminhos da pravedade e das paixões pessoais, desprezando, deste modo, a organização a que presidia.

— Os sócios da Liga concluíam que têm direito a um presidente (que ao contrário do demissionário), seja coerente, tolerante e compatível com a exigência da própria Liga.

Assim, esta situação leva à realização de uma assembleia geral, em Outubro, onde os sócios da LPDH, vão ter de tomar sérias decisões.

Alguns jornais, em conluio com o presidente demissionário, afirmam que se avizinham eleições, insinuando receio destas por parte dos membros do directório. A insinuação em si, pela origem, não vai atingir o fim.

Os membros do actual directório têm a confiança dos sócios que souberam resistir corajosamente às águas apodrecidas pela demagogia e manipulação.

Desconhecem alguns periódicos que o funcionamento de uma democracia interna está sujeita a duas limitações. Embora os cidadãos (neste caso sócios) possam delegar na direcção a sua confiança para dirigir a Liga por um período limitado de tempo, não podem entregar esse poder permanentemente.

Está nas mãos dos sócios o destino da Liga. Não se pode esquecer que a existência desta não é só homenagem a todos os homens e mulheres que tombaram em defesa dos direitos humanos, como é também indispensável a sua voz na sociedade portuguesa, onde continuam a existir atentados aos direitos humanos.

Aos sócios, perante as dificuldades que se processaram durante tanto tempo e se processam ainda, cumpre acabar com o vírus do ódio, da incompreensão, da irresponsabilidade e do sectarismo.

Aristides Teixeira — LISBOA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 36 87 40

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

SOUSA FRANCO (PSD) À ANOP

Verdadeira "moção de censura" ao Presidente da República

«Limitadas e muito tímidas» eis como Sousa Franco, vice-presidente do PSD, classifica as iniciativas até aqui tomadas pelo Presidente da República no plano político nacional. Numa entrevista à ANOP Sousa Franco acusa ainda o Presidente da República de ser «tanto ou mais responsável do que os partidos» pela situação actual. Trata-se de um ataque declarado ao general Ramalho Eanes, em termos que, em época em que os partidos da direita insistem em «moções de censura», se podem eles próprios classificar como uma «moção de censura» a Belém — antecipada à que pesa como ameaça sobre o Governo.

A posição do actual Governo e do Partido Socialista são igualmente alvo de diversas considerações pelo vice-presidente do PSD que afirma, nomeadamente, subsistirem muitas indefinições acerca do que o PS aceita negociar, isto depois do comunicado do Primeiro-Ministro, publicado na última segunda-feira, o qual na opinião daquele dirigente «parece representar uma resposta às propostas do PSD».

No entanto, frisou, «subsistem muitas indefinições acerca do que o PS aceita, afinal, negociar, dos objectivos da negociação e da metodologia que propõe. Sem que elas se esclareçam, não poderá saber-se o que pretendem o Governo e o PS: obter cobertura para os acordos com o FMI? Negociar uma plataforma de salvação nacional, que permita ao País sair da crise pelo esforço conjugado dos portugueses, enquadrados pelos partidos democráticos? Ou outra coisa ainda?»

Acrescentou que a Comissão Política está vinculada por «um mandato do Conselho Nacional de Bragança, que temos de cumprir, mas poderemos explorar as possibilidades de acordo, que, inclusivamente, seriam levadas a novo Conselho Nacional».

O PSD continua a encarar a hipótese de, alternativa ou cumulativamente, passar a uma atitude de «oposição sistemática ou à apresentação de uma moção de censura, no caso de o PS persistir na política anterior».

AINDA A MOÇÃO DE CENSURA

«Naturalmente — sublinhou Sousa Franco —, a apresentação de uma moção de censura ou a passagem à oposição sistemática não são consequências automáticas, que deva entender-se que entrem em



Sousa Franco

vigor logo que se verifique uma não-correspondência da parte do PS. Os órgãos do partido terão de analisar a situação dentro daquilo que foi recomendado no Conselho Nacional de Bragança e terão de avaliar da oportunidade e do momento dessas duas atitudes».

Na eventualidade de ter de recorrer-se a isso, para Sousa Franco, fosse qual fosse o resultado da votação na assembleia, «uma moção de censura provocaria necessariamente uma clarificação política. O PS a partir do momento de aprovação de uma moção de censura pelo PSD e pelo CDS ficaria a subsistir só com base no apoio explícito do PCP. Quer dizer, criar-se-ia uma situação declarada de maioria de esquerda plena (se o PCP votasse contra), ou coxa (se o PCP se abstivesse). A partir daqui o problema passa por Belém: será que o Presidente da República aceita ter um Governo de maioria de esquerda, ou teria que demitir o Governo? O problema passa também pelo seio do próprio PS. As consequências de uma orientação daquele tipo trariam para o País uma maior divisão e in-

perância governamental».

Sobre as características das conclusões de Bragança, o vice-presidente do PSD disse ser evidente a existência de uma parte que deve considerar-se fixa e uma parte que constitui uma proposta de negociação, relativamente à qual se dão poderes à própria Comissão Política para adaptar os princípios gerais ali expressos às necessidades da própria negociação».

«A parte fixa — prosseguiu Sousa Franco — contém um certo número de princípios que entendemos devem ser desde o início colocados à mesa da negociação pela Comissão Política, como algo que ela própria não tem poder de alterar».

Entre os pontos que só poderiam ser alterados através de outro Conselho Nacional, contam-se o conteúdo essencial das negociações (incluindo uma «plataforma democrática de salvação nacional», a negociar entre o PS, o PSD e o CDS), a questão do PCP e os prazos fixados para o desenrolar do processo, «a fim de evitar que continuemos indefinidamente em contactos sem sentido», salientou o dirigente social-democrata.

Por outro lado, o PSD mantém uma posição rígida quanto à reformulação do executivo, pois o «acordo deverá conduzir a um novo programa de Governo e, por consequência, a um novo Governo ou, então, seja inútil e ineficaz».

Do ponto de vista do PSD, a plataforma terá de ser acompanhada por um acordo social, a negociar pelo Governo com as organizações representativas de interesses de classe. Não é de todo em todo provável que um novo Conselho Nacional aceitasse modificar algum

destes pontos».

CRÍTICAS DIRECTAS A RAMALHO EANES

Interrogado acerca do papel do general Ramalho Eanes na actual situação política, Sousa Franco afirmou que «o Presidente da República deveria ter tomado mais iniciativas no sentido de proporcionar o diálogo entre os partidos que o elegeram», acrescentando que «as iniciativas da Presidência da República foram até agora muito limitadas e muito tímidas».

«Infelizmente — prosseguiu — a única intervenção directa e positiva do Presidente da República no sentido do entendimento partidário (que consistiu na conferência sobre as regiões autónomas entre presidentes e secretários-gerais dos três partidos da maioria presidencial), foi logo seguida de uma outra intervenção (o caso da bandeira dos Açores) que, em nosso entender, por manifesta precipitação e falta de informação suficiente, foi infeliz».

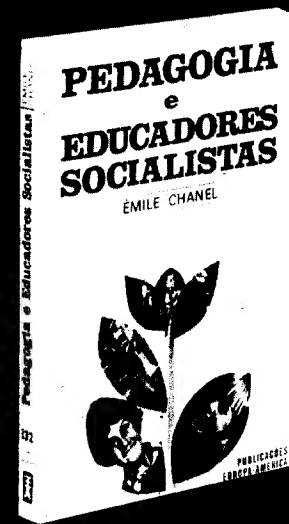
«Mais nenhuma outra iniciativa presidencial de relevo foram tomadas, e deveriam tê-lo sido. Se chegamos à actual situação, diria que tanto ou mais responsável do que os partidos o é o Presidente da República, porque é, naturalmente, o principal responsável pelo Governo e pelo equilíbrio do sistema democrático».

Acerca do discurso presidencial de 15 de Outubro passado, Sousa Franco manifestou o seu receio de que «face aos termos literais em que está formulado, o discurso aponte para um entendimento a quatro, para uma recuperação do Partido Comunista».

Se for essa a interpretação correcta — precisou — nós não a aceitaremos».

AO IDEAL DUMA SOCIEDADE NOVA
CORRESPONDE UMA EDUCAÇÃO NOVA

PEDAGOGIA E
EDUCADORES SOCIALISTAS



ÉMILE
CHANEL

De Platão a Gramsci,
aqui se reúnem os textos mais significativos,
completados com a exposição das experiências
mais notáveis, nomeadamente a soviética,
a chinesa e a cubana.

Livros para quem sabe o que deve ler
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

FOILHA OFICIAL

Legislação hoje publicada no Diário da República, 1.ª Série:

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS:

Resolução n.º 281/77:

Autoriza o Ministro da Indústria e Tecnologia a promover a abertura de concurso público ou negociação particular para a outorga de concessões para a prospecção, pesquisa, desenvolvimento e exploração de petróleo.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS:

Portaria n.º 671/77:

Fixa a taxa de juro a aplicar nos empréstimos a conceder a emigrantes para aquisição ou melhoramento de prédios urbanos e rústicos.

MINISTÉRIOS DAS FINANÇAS E DA AGRICULTURA E PISCAS:

Decreto n.º 141/77:

Autoriza a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas a celebrar um contrato para a elaboração de um estudo sobre a viabilização do perímetro de rega do rio Mira.

MINISTÉRIOS DAS FINANÇAS E DO COMÉRCIO E TURISMO:

Portaria n.º 672/77:

Autoriza a Companhia de Seguro de Créditos a adoptar no seguro de crédito externo as condições especiais da acta adicional AP-ICB.

MINISTÉRIOS DAS FINANÇAS E DOS ASSUNTOS SOCIAIS:

Decreto-Lei n.º 458/77:

Dá nova redacção ao artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 668/75, de 24 de Novembro (pensões de acidentes de trabalho e doenças profissionais).

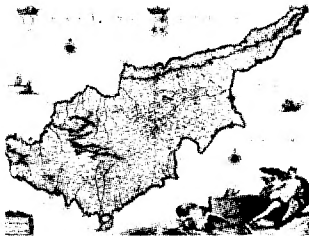
ponto a ponto



Vital Moreira, vice-presidente do Grupo Parlamentar do PCP, recorreu para o Tribunal da Relação da sentença proferida no julgamento da publicação fascista «Jornal Português de Economia e Finanças». O juiz ilibou anteontem o director daquela publicação reaccionária, Valdez dos Santos, do crime de difamação, admitindo, no entanto, que terá havido «negligência» na elaboração da notícia que deu origem ao processo.



Jaime Gama, secretário nacional do PS, participa amanhã e depois em Estrasburgo num colóquio sobre a cooperação e segurança na Europa organizada pelo Clube Europeu de Jornalistas. Em seguida desloca-se à RFA para assistir ao Congresso das secções e núcleos do PS naquele país.



Uma delegação do Conselho Português para a Paz e Cooperação, composta por José Neto e Maria Lucília Santos, participou em Bruxelas na Conferência Internacional de Solidariedade com o Chipre. Fazer sentir a pressão da opinião pública mundial para que a ONU faça aplicar as suas próprias resoluções sobre aquele martirizado país foi o objectivo central da Conferência.



O MAP avisa que é considerado crime de especulação punível com prisão de três dias a dois anos e multa a venda de milho pelas entidades directamente abastecidas pelo Instituto dos Cereais.

REGIME KHMER VAI "ABRIR"?

PEQUIM — Pol Pot, primeiro-ministro cambojano, foi recebido em Pequim com excepcionais atenções. Quase metade dos membros do «bureau» político do PC Chinês, entre eles quatro vice-presidentes do Comité Central, assistiram ao banquete oferecido em sua honra no Palácio da Assembleia Nacional Popular, a que presidiu o próprio Hua Kuo-Feng.

Do lado chinês tudo foi feito para vincar o título de chefe de partido de Pol Pot. Este clarificou parcialmente a situação declarando que a sua visita tivera lugar «no momento em que o nosso Partido Comunista do Kampuchéa (Camboja) comemora o décimo sétimo aniversário da sua fundação e proclama pública e solenemente a sua existência». Tal precisão, dada pela primeira vez, faz remontar a criação do PCK a 1960, isto é, ao ano em que, segundo o presidente da Assembleia Nacional cambojana, Nuo Chea, «a organização revolucionária do Kampuchéa adoptou a linha estratégica e tática da revolução nacional democrática». Mas foi Hua Kuo-Feng quem mais disse, no seu discurso, sobre esse PCK que, de súbito, e merge da clandestinidade. Ao ouvir o presidente do PC Chinês, foi «sob a justa direcção do Partido Comunista do Camboja» que a revolução «khmer» conseguiu a vitória. «O PCK, tendo à sua frente o camarada Pol Pot é um firme partido marxista-leninista» e constitui «o centro directivo do povo do Camboja». O mesmo PCK, segundo se sabe, não deixou em nenhuma ocasião de dirigir ao PC Chinês mensagens calorosas que tanto um como outro se abstiveram de publicar.

Segundo os observadores melhor informados, essas várias proclamações consagram os vários resultados das mudanças ocorridas na passada Primavera na equipa dos dirigentes de Phnom-Penh e que fazem muito claramente de-

Pol Pot o homem forte do novo regime. Quanto aos seus colegas nota-se que Leng Sary o acompanha a Pequim na qualidade de «membro do Comité Permanente do Comité Central do PCK e vice-primeiro-ministro encarregado dos Negócios Estrangeiros». No que diz respeito a Kieu Samphan, um co-



Uma imagem do passado recente, durante a luta contra o corrupto (e finalmente derrubado) regime pró-occidental

municado da agência Nova China proveniente de Phnom-Penh, designa-o simplesmente como «presidente do Praesidium de Estado do Camboja», isto é, o equivalente de chefe do Estado. Mas em tais condições causa espanto o facto de ele não ter sido mencionado, como o protocolo exigiria, na série das «saúdes» feitas por Hua Kuo-Feng durante a sua alocução. Será preciso dizer que nesses discursos, e nos diferentes artigos publicados pela imprensa chinesa, e

em que a História tem um papel importante, o nome do príncipe Sihanouk desapareceu totalmente?

Pol Pot referiu-se principalmente à situação que actual-

ALAIN JACOB

ram até agora oportunidade de fazer tal experiência.

«O abastecimento de víveres está totalmente assegurado», disse ainda Pol Pot, que falou de uma média anual de «312 quilos de arroz por pessoa». Para mais, «há progressos no domínio da saúde». Nesta base, o chefe do Governo «khmer» revela impressionantes ambições de megápolis. Avaliando em oito milhões de habitantes a população actual, anuncia a intenção do regime «de aumentar rapidamente essa população para quinze a vinte milhões de habitantes, nos dez próximos anos».

UMA ABERTURA PARA O EXTERIOR?

No domínio da política externa, Pol Pot, que falou durante quase cinquenta minutos, mostrou uma moderação notável. Se falou de territórios perdidos sob diversos regimes, insistiu na vontade que o Camboja tem de «preservar as fronteiras actuais», pondo assim de parte toda e qualquer ideia de «agressão ou provocação» contra quem quer que seja, afirmando que «a revolução não pode ser exportada de um país para outro» e que o povo cambojano não deseja «ser um tema de preocupação para os amigos próximos ou afastados».

Queria Pol Pot mostrar que o seu país estava aberto a novas relações com o exterior? A excepção de algumas referências, sobretudo históricas, ao imperialismo americano, ele absteve-se cuidadosamente de toda e qualquer fórmula que pudesse ofender alguém no auditório de diplomatas que o escutava com atenção. De tal maneira que não podia deixar de se notar um sensível desequilíbrio entre as posições chinesas e cambo-

Continua na pág. 4

política

de A a Z

REPETIÇÃO DE ARGUMENTOS

O chefe de gabinete do Primeiro-Ministro leu, para que a RDP e a RTP no-lo transmitissem, um comunicado extenso e repetitivo de uma argumentação conhecida. Na sua página do «Portugal Socialista», falando a militantes, falando «Entre militantes», Mário Soares, como secretário-geral do Partido Socialista, afirmou: «Os acordos — pontuais ou mais amplos, parlamentares ou extraparlamentares, e designadamente com o PSD — são desejáveis e possíveis, uma vez que é a situação objectiva do País que os aconselha.» Mas, nesse mesmo artigo, advertia: «Não contem, porém, com o PS para lhes facilitar a tarefa ou para lhes abrir paulatinamente as portas do Governo numa partilha do Poder em que se diluam todas as responsabilidades.» E, após ter recusado uma vez mais a «partilha do Poder», o secretário-geral do PS, «entre militantes» falando, com os militantes falando, definia a posição do Partido Socialista: «Seremos ou Governo ou oposição, mas em qualquer dos casos assumiremos posições claras, sem partilhas de responsabilidades a nível executivo.»

Esta repetição de argumentos e de posições recebeu, paradoxalmente, surpreendentemente, uma nota positiva ou uma expectativa favorável dos opositores «centristas» e «socialistas-democratas»; positiva e de expectativa, também, a leitura do PCP.

Se da parte do PCP, a reacção ao comunicado se compreende porque Mário Soares recusa a «maioria de esquerda», mas repele o «ghetto» político que PSD e CDS pretendem impor; incompreensível é a «expectativa» benévola

anunciada pelos «socialistas-democratas»; incompreensível, igualmente, a primeira satisfação dos «centristas». Considerar esta repetição de argumentos como uma resposta positiva a uma agressivo ultimato, como anuência a conversações que satisficam exigências imperativas, é, realmente, fazer do «diálogo de surdos» uma conversa amistosa e cooperante.

Consideramos que é cedo ainda para medir o alcance e a extensão das reacções. São de recuo, ou de desorientação, as primeiras. São de expectativa, também. As forças de «esquerda», do «centro» e da «direita», não estão em condições de governar sem este partido socialista. E digamos, sem pessimismo e sem optimismo, que o aparecimento de outro partido socialista não constitui, neste momento, um factor decisivo para a solução da crise nacional.

No actual equilíbrio (ou desequilíbrio) o Partido Socialista, tal como é, cobre uma área política e eleitoral que constitui uma base de poder democrático.

REPETINDO

Incorremos, igualmente, no risco de repetir, de nos repetirmos: o PSD, partido do «centro-direita», e o CDS, partido da «direita», montaram, apoiados numa leitura subjectiva do discurso presidencial de 25 de Abril de 1977 ou em incentivos secretos (nacionais ou estrangeiros) uma operação de cerco ao «Governo Constitucional de direcção socialista». A substância ideológica do movimento conjunto em que CDS e PSD se empenharam é um anticomunismo primário que representa, no plano político, a condenação do movimento operário e sindical, culpabilizando um partido pela dinâmica global da luta de classes e pela existência de estruturas sindicais que resultam das liberdades de Abril e são esteio das respectivas conquistas. Este «anticomunismo» é apenas a primeira formulação, por evidentes motivos de tática, de uma ofensiva estratégica contra o «socialismo» (e contra o Partido Socialista), contra a «esquerda» (e contra as organizações da «esquerda» dividida), contra a Constituição.

O «cerco» visa a imposição de uma «ordem democrática musculada» que assegure certos «regressos», certas «reposições», e desde logo se confunda com o «fascismo modernizado», evolutivo, desenvolvimentista, ao qual muitos dos dirigentes do CDS e do PSD se sentem ligados, ou sem se aperceberem ligados estão, pela mentalidade, pelo estilo de vida, pelo cordão umbilical dos interesses e até pelos laços familiares.

A oportunidade das negociações com o Fundo Monetário Internacional levou a apertar o «cerco», forneceu ocasião para o «ultimato de Bragança». Pretendo comum que o PSD e o CDS esgrimem, a incompetência do Governo. A este argumento aderiram militantes e aderentes do PS. Reconhecemos que nos meios militares, onde a tecnocracia surge como compensação de algumas frustrações, o argumento colhe.

Reconhecamos que o volume publicado sobre a actividade do «Governo Constitucional de direcção socialista» não constitui a necessária informação sobre a competência, nem suficiente prova de eficácia, nem afirmação de um critério de austeridade.

Mas tudo são pretextos, tudo são cortinas de fumo, para a manobra de «cerco» do PSD e do CDS. Eles querem entrar na «área do Poder», participar na actividade governativa, ter as suas posições no «aparelho de Estado», mas directamente e não pela mediação de «independentes» que lhes são afectos e com o PSD e o CDS empenhados em deter, ou mesmo contrariar, uma política orientada para o socialismo e respeitadora das conquistas de Abril.

DILEMA CLARO

O dilema está posto: ser Governo ou ser Oposição. Mas nem toda a latitude do problema político português neste simples dilema se contém. Perguntar-se-á: Que Governo? Que Oposição?

Aos senhores ministros dará pessoal satisfação ser Governo, mas o cidadão comum, o homem concreto, a «pedra viva», quer saber que Governo é este e para que serve este Governo. E quer saber-lo concretamente, aferindo as palavras pelos actos, contrastando as promessas feitas no tempo eleitoral com as realizações do tempo governamental.

De discursos estamos cansados. Nauseados da verbal informação, do mimo retórico, das retóricas e demagógicas habilidades. Das palavras aos actos, cumpre aos homens, do Governo, ou, melhor dizendo, aos «homens de Governo», dar o decisivo passo. Passar da política à criação e à produção. E fazer política, administrando, trabalhando, legislando. Construindo, com isenção, com modestia, com competência. A crise exige a vitória no plano político, mas só será solucionada por vitórias nas batalhas do Trabalho e da Cultura.

Contra as forças do Trabalho e da Cultura não se pode governar em Democracia. Poderão existir maiores parlamentares, mas não existem «maiorias populares activas».

SHOW



VEJA

NO DIA 5 DE NOVEMBRO, ÀS 21.10 H.
NA TELEVISÃO · 1.º PROGRAMA

PELA 1.ª VEZ
EM PORTUGAL

MALVINA

ELISABETH SAVALLA

**TONICO
BASTOS**

FÚLVIO STEFANINI

**CHICO
ANÍSIO**

O MAIOR CÓMICO BRASILEIRO

**DIRECÇÃO MUSICAL
WALTER AZEVEDO
E THILO KRASSMAN**

ESPECTÁCULO GRAVADO NO TEATRO MONUMENTAL
DIA 4 DE NOVEMBRO, ÀS 22 H.

BILHETES À VENDA NAS BILHETEIRAS DO TEATRO

M/13 ANOS

E P A L



**EMPRESA PÚBLICA
DAS ÁGUAS DE LISBOA**

**CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA
EMPREITADA DE "CONSTRUÇÃO DE MURO DE
SUPORTE E DIVERSOS TRABALHOS NO
RECINTO DE S. JERÓNIMO EM LISBOA"**

Faz-se público que no dia 29 de Novembro de 1977, pelas 15 horas, na sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Av. da Liberdade, n.º 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa até às 17 horas do dia 28 de Novembro de 1977.

Caução provisória: 15000\$00 (quinze mil escudos)

Alvará exigido aos concorrentes: 1.ª subcategoria da I categoria e da classe correspondente ao valor da sua proposta.

O processo do concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, onde poderá ser examinado e obtidas cópias.

Lisboa, 27 de Outubro de 1977

Pela **EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA**
O Presidente da CFAL
(João Bau)

OCUPAÇÕES DE CASAS DESDE 1975

Proposta de amnistia aprovada pela Câmara de Lisboa

Através do voto de qualidade do presidente, eng.º Aquilino Ribeiro, a Câmara Municipal de Lisboa aprovou, com votos favoráveis do PS, durante a sua última sessão, uma moção apresentada pelos representantes da FEPU, na qual é solicitada à Assembleia da República uma amnistia para os casos de ocupação de habitações ocorridos entre Abril de 1975 e Dezembro de 1976.

Uma moção apresentada pelo CDS sobre o aumento da criminalidade na cidade de Lisboa, na qual aquele partido pede medidas adequadas por parte do Governo, para garantir condições mínimas de tranquilidade mereceria a abstenção da FEPU. Silva Graça justificaria essa posição, alegando que tal intranquilidade era devida, sobretudo, a actividades fascistas, proibidas na Constituição. Silva Graça consideraria ainda a moção "muito incompleta", frisando que as actividades criminosas já deveriam ter sido objecto de medidas concretas por parte do Governo. O texto viria, entretanto, a ser aprovado com votos do PS, PSD e CDS.

Foram, ainda, levantadas questões relacionadas com os edifícios ocupados por partidos políticos, problema levantado pelos vereadores do CDS, e sobre a transformação, do Teatro Maria Matos em estúdio da TV, intervenção efectuada pelo PSD.



A Câmara propõe que este espectáculo acabe

A Frente Eleitoral Povo Unido apresentou, ainda, uma proposta no sentido de dar o nome de Ramiro Correia a uma rua da capital. Esta questão vai transitar para a secção to-

ponímica da CML.

Da reunião de ontem resultou ainda a atribuição de 14 mil contos ao Batalhão de Sapadores Bombeiros, para a compra de cinco autotanques

e a decisão de destinar às verbas resultantes da utilização dos terrenos do aeroporto da Portela ao realojamento das famílias a residir em barracas das mediações.

PARA CONSTRUÇÃO DE CASAS

Crédito a emigrantes aumenta taxa para 9,5

A taxa aplicável aos créditos a conceder a emigrantes para o efeito de construção de casas foi aumentada de 6,5 para 9,5 por cento, por portaria hoje publicada no «Diário da República».

Desde 22 de Julho de 1976 que a referida taxa não sofria qualquer aumento, não obstante terem sido aumentadas as taxas de juro das operações activas.

Este ajustamento, ainda que em proporção limitada, integra-se na necessidade de actualização das referidas taxas.

O sistema de poupança-crédito, instituído com vista à orientação da poupança dos emigrantes para o nosso país, para construção, aquisição e melhoramentos de prédios urbanos e rústicos, inclui a concessão de empréstimos a emigrantes a uma taxa de juro bonificada.

Regime Khmer

Continuação da pag. 3

janas — mas num sentido relativamente inesperado. Tanto a linguagem do presidente Hua Kuo-Feng como a de Pol Pot mostram que as relações bilaterais entre os dois países — e os dois partidos — fazem do Camboja um interlocutor privilegiado da China. O chefe do PCK explicou longamente como o pensamento de Mao Tsé-Tung levava os revolucionários cambojanos a reconhecer as «altas virtudes revolucionárias» do presidente Hua. Cioso em três pontos que o presidente Hua havia evocado expressamente. Pol Pot nunca empregou a palavra «hegemonismo», que, no vocabulário de Pequim designa habitualmente a política externa soviética.

Também não se fez eco do convite no capítulo da inevitabilidade da guerra, preferindo falar dos cinco princípios da coexistência pacífica. Finalmente, não julgou útil falar daquilo a

que Feng chamara «o conceito estratégico do presidente Mao sobre a divisão em três mundos», que alimenta, como se sabe, o diferendo sino-albanês.

Se Pol Pot quis mostrar moderação e boa vontade na sua compreensão dos assuntos internos chineses, nem por isso deixou de mostrar uma grande independência de julgamento em matéria de política internacional, como um homem que não quisesse fechar nenhuma porta, e abrir mesmo algumas, se possível.

(Le Monde)

Concurso público

para prospecção de petróleo

Foi hoje publicada no «Diário da República» uma resolução do Conselho de Ministros, que autoriza o ministro da Indústria e Tecnologia a promover a abertura de concurso

Adolescente francês matou emigrante português a tiro

Um francês de 17 anos matou, em Clermont-Ferrand, um trabalhador português, Manuel Pereira, e feriu outros dois quando estes tentavam impedir-lo de bater no pai.

O adolescente tinha tido uma acesa discussão com seu pai, perto de casa, em Blanzat (Puy de Dôme), chegando mesmo a bater-lhe. Foi nessa altura que intervieram alguns portugueses que trabalhavam ali

perto e tinham assistido à cena. O jovem foi então buscar uma carabina e abriu fogo em direcção do grupo de portugueses, tendo morto, com várias balas, Manuel Pereira, de 25 anos, pai de três filhos, e domiciliado em Saint-Amant-Tallende (Puy de Dôme).

Para proteger a fuga, o jovem assassino voltou a carregar a arma e disparou de novo ferindo os dois portugueses que se tinham lançado em sua perseguição. Os feridos são Manuel da Silva, 49 anos, e Amândio Bernardes de 32, ambos moradores em Blanzat.

O assassino conseguiu fugir e está a ser procurado pela Polícia que organizou uma gigantesca batida pela região.

Baixa de preço alimentação infantil

Será reduzido o preço máximo de venda ao público de uma série de produtos essenciais à alimentação infantil. A decisão, que pertence à Secretaria de Estado do Comércio Interno, entrará em vigor após publicação do respectivo diploma, já enviado para o «Diário da República».

A título de exemplo, o «Aci-lacto» passará de 132\$50 para 120 escudos, o «Maternolacto» de 167\$90 para 151\$50 e o «Primolacto» de 141 para 127 escudos.

São abrangidos pelo diploma 17 produtos, de primordial importância na alimentação infantil.

Trasladações do Tarrafal

Um grupo de antifascistas sobreviventes do Tarrafal está a promover esforços para que sejam transferidos para Lisboa os restos mortais das vítimas desse campo de concentração fascista.

Nesse sentido divulgaram um apelo a todos os sobreviventes do Tarrafal para que aderissem à Comissão Promotora da Trasladação, estando já prevista a realização de duas reuniões nesse fim: a primeira em Lisboa, amanhã, dia 3, na Rua da Barroca, n.º 3, ao Bairro Alto (sede da Comissão de Moradores da Encarnação) e a segunda no Porto, a 4 deste mês, na Rua Gonçalo Cristovão, n.º 90 (sede do Grupo dos Modestos). Ambas as reuniões se realizarão às 21.30.

As adesões à iniciativa podem também ser dirigidas a União dos Resistentes Antifascistas portugueses (URAP), na Rua Alexandre Braga, n.º 6 - 1.º Esq., Lisboa, ao cuidado

Mário Soares reafirma disposição de negociar com todos os partidos

O Primeiro-Ministro, Mário Soares indicou que tenciona continuar no poder, numa entrevista difundida, ontem à noite, por um canal da TV francesa.

Decorrem actualmente negociações com as outras forças políticas e sociais do País, declarou, antes de manifestar a sua «convicção» de que se poderá realizar um acordo social e económico.

«Não escolhi, disse, dialogar com os partidos de direita,

nem com os partidos à esquerda do Partido Socialista, mas com os dois, tal como com todos os parceiros sociais, ou seja, os sindicatos e as associações patronais».

Soares reconheceu que havia «grandes dificuldades» económicas: o preço do petróleo e das matérias primas, em particular, o número de desempregados (350.000) e além disso, os 700.000 portugueses vindos das antigas colónias africanas.

«Estou convicto, concluiu

Soares, de que os portugueses estão conscientes de que não era possível oferecer-lhes um dia para o outro um nível de vida melhor».

Entrevistado por Paul Nahon, para o noticiário principal da estação de televisão francesa «Antenne-2», Mário Soares manifestou também a sua solidariedade com François Mitterrand e com os «amigos socialistas franceses», porque, como assinalou, «sou socialista e parceiro de Mitterrand na Internacional Socialista».

Comentando as dificuldades que atravessa neste momento a União da Esquerda Francesa, o Primeiro-Ministro português começou por rejeitar que ela se tenha transformado num fracasso: «A ideia está viva, atravessa dificuldades mas estas podem ser ultrapassadas», concluiu.

A entrevista com Mário Soares foi precedida de um documentário sobre aspectos da situação económica e social portuguesa.

REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Delegação do PCP em Moscovo

Uma delegação do PCP partiu para Moscovo, onde assistirá às comemorações do 60.º aniversário da Revolução de Outubro. Compõem-na Álvaro Cunhal, secretário-geral do partido, e Domingos Abrantes, membro do Comité Central.

A partida Cunhal foi abordado pelos jornalistas com perguntas sobre o actual momento político português. Respondeu em síntese:

O PCP continua a procurar chegar a um acordo com o Governo para encontrar uma plataforma patriótica, negociada entre diversas forças sociais e políticas interessadas no prosseguimento do processo democrático».

O secretário-geral do PCP comentou depois o comunicado divulgado na véspera pelo Gabinete do Primeiro-Ministro, adiantando que na sua opinião o texto tenta fazer «o ponto da situação», se bem que o faça de uma forma que considerou «confusa». Para Cunhal a plataforma a negociar deve assegurar a defesa das conquistas da Revolução consagradas na Constituição, da liberdade e da democracia, dos interesses do nosso povo». Por outras palavras, não haverá que confundir tal plataforma com aquilo a que chamam um consenso das forças sociais e políticas para aceitação das imposições do FMI, do imperialismo».

A despedir-se da delegação esteve no Aeroporto da Portela o embaixador da URSS em Lisboa, Arnold Kalinine.

COMEMORAÇÕES EM LISBOA

Iniciaram-se, ontem, em Lisboa, com a inauguração de uma exposição de livros, fotografias e selos da URSS, as

comemorações do 60.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro.

A exposição, que estará patente até ao dia 15 na Galeria Nacional de Arte Moderna, foi inaugurada pelo embaixador da URSS em Lisboa, tendo assistido ao acto um representante da Secretaria do Estado da Cultura.

O número de livros expostos é de cerca de mil, grande parte dos quais em francês, inglês e espanhol. Entre os títulos portugueses figuram o primeiro volume das «Obras Escolhidas de Lenine» e a «História da Grande Revolução Socialista de Outubro».

As comemorações em Portugal, organizadas por uma comissão nacional de mais de uma centena de pessoas, incluem diversas outras manifestações culturais. Uma exposição de pintura, aquarela e gravura da URSS será aberta no Palácio Foz. Aguarda-se, entretanto, a vinda a Portugal de diversos grupos de danças da URSS, que actuarão em vários pontos do País durante o período das comemorações. No Palácio Foz decorrerá também um ciclo de cinema da URSS.

CARLOS BRITO (PCP)

Plataforma tem de ser mais que aceitar (ou não) receitas do FMI

Se no Governo pensam ganhar tempo com as conversações que temos estabelecido para continuar a fazer a mesma política, que não haja ilusões. Nós afirmamos que é preciso passar das conversações aos acordos destes actos», frisou Carlos Brito, presidente do Grupo Parlamentar do PCP e membro do comité central daquele Partido, ao usar da palavra numa sessão de esclarecimento realizada em Agueda, perante meio mi-

lhar de pessoas.

Aquele dirigente comunista referia-se às conversações que o PCP tem mantido, desde há dias, com o Governo, e visava em concreto a necessidade de cessarem os ataques à Reforma Agrária e às empresas nacionalizadas e intervencionadas e o fim da repressão patronal contra os trabalhadores.

Sublinhando que a participação do PCP no Governo «não é condição para a nossa

contribuição para a elaboração de uma plataforma», Carlos Brito adiantaria, porém, que aquelas conversações não se podem reduzir à questão da aceitação ou não aceitação das propostas e exigências do FMI, devem dar respostas claras a todos os problemas financeiros e económicos, num quadro político claro», e admitindo que, no imediato, a resposta à questão do Governo seja uma remodelação profunda».

Carlos Brito, que anunciou a realização, para breve, pelo PCP, de uma conferência eco-

nómica para a dinamização do sector nacionalizado, aberta a todos os trabalhadores, alertou ainda os pequenos industriais e comerciantes, referindo que «ninguém se surpreenderia que uma das exigências do FMI seja uma nova subida das taxas de juro».

Trabalhadores da Imprensa criam Executivo Nacional

Reuniram-se na capital norte-nordeste, na sede do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos dos Distritos do Porto, Bragança e Vila Real, o Secretariado do Coordenador Local dos Trabalhadores da Comunicação Social e o Executivo do Secre-

tariado de Lisboa, tendo sido decidido criar um Executivo Nacional.

Este Executivo traduzirá na prática a unidade existente entre os dois órgãos coordenadores «em relação às decisões aprovadas nos recentes ple-

nários efectuados em Lisboa e no Porto e que constituiram manifestações concludentes da força da razão que assiste aos trabalhadores da Comunicação Social».

Durante a mesma reunião foi igualmente repudiada a forma tendenciosa como o jornal «O Dia» noticiou o plenário geral de Lisboa, na sua edição de 24 do mês passado».

Por outro lado, foi também condenada a posição assumida pela administração da empresa pública Século-Popular (sector «O Século»), ao anunciar, antes do plenário, o pagamento dos salários em atraso como tentativa de desmobili-

zação dos trabalhadores, determinação que, aliás, não foi concretizada».

Foi ainda decidido elaborar conjuntamente uma folha informativa a distribuir pelos trabalhadores (entre os quais já circulava um abaixo assinado) para que as medidas de reestruturação postas em prática sejam discutidas na Assembleia da República.

Dois mortos numa colisão

Em Águas de Moura, devido ao choque do automóvel que conduzia com outro, morreu o eng. António Martins Nunes, de 35 anos, resi-

dente em Faro.

Um indivíduo que o acompanhava (e cuja identidade ainda não se apurou) faleceu a caminho do hospital.

Curso de alfabetizadores no MDP/CDE

O MDP/CDE realiza no próximo fim de semana, com início às 14 e 30 de sábado, na sede da FEPU (Rua Artilharia 1, nº 105-19) um curso de formação de alfabetizadores.

NUM ÚNICO VOLUME

Encadernado

HISTÓRIA DA GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

Edições Progresso

670 páginas apenas 180\$00

HISTÓRIA DA GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

Este importante livro relata como os operários, soldados e o campesinato trabalhador da Rússia realizaram em Outubro de 1917, sob a direcção do Partido Comunista, a mais grandiosa Revolução do mundo, a marcha triunfante do Poder Soviético e as primeiras transformações revolucionárias no país.

DA a distribuição

MOVILAR PORTUGUESA

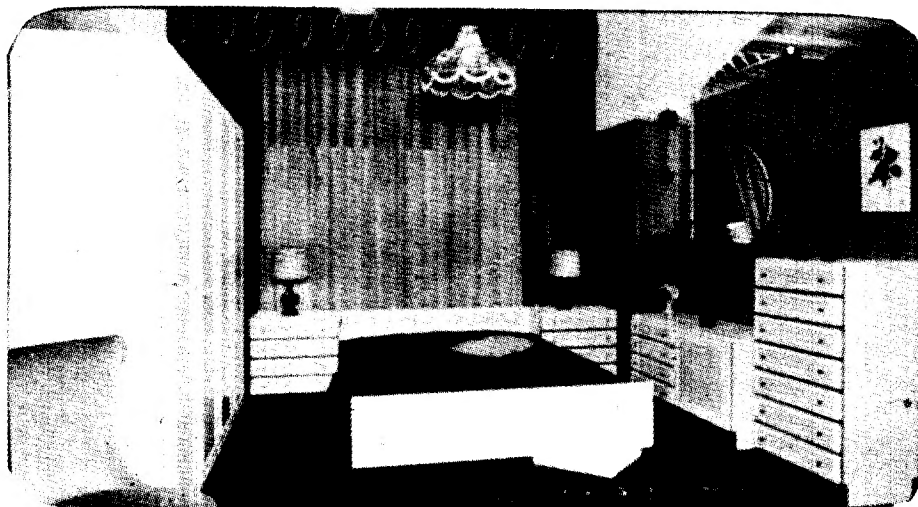
LOJA 3 — VÁRZEA

AV. DO BRASIL, 104-A
AV. DE ROMA, 106-A - Tel. 764143
(Junto à Av. do Brasil)

APRESENTAÇÃO DOS NOVOS MODELOS DE MOBILIÁRIO/78

EXPOSIÇÃO NOCTURNA

Até às 23.30 horas durante o mês de NOVEMBRO



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES
DE PORTUGAL (CTT)

**AUTOMÓVEIS, FURGONETAS
CAMIONETAS, FURGÕES, ETC.**

LEILÃO

DOS VEÍCULOS ABAIXO DISCRIMINADOS,
DISPENSADOS DE SERVIÇO

SÁBADO AS 10 HS. DA MANHÃ

Nas instalações da Empresa, em Lisboa, na
QUINTA DO PINHEIRO DE FORA — ESTRADA MOS-
CAVIDE-SACAVÉM (Junto ao campo de futebol do
Sacavenense).

AUTOMÓVEIS: Mercedes, Opel e Volkswagen.
FURGONETAS: Anglia VAN, Thames VAN, Austin,
Finnus, Renault. **FURGÕES:** «OM» Tigro e Lupeto,
Borgward 2000 e 4500. **CAMIÕES:** Thames Truck,
etc., são cerca de 40 UNIDADES, que serão vendidas
individualmente e que estarão em

EXPOSIÇÃO 6.ª FEIRA

das 9 às 12 e das 14 às 17 horas



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ 111
Telfs. P.P.C. (5 linhas)
532929 51478 532446

AFRAFILHOS, Lda

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

DA

**CÂMARA MUNICIPAL
DO BARREIRO**

**CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO
DA EMPREITADA DO EMISSÁRIO
NORTE DE ST.º ANTÓNIO DA CHARNECA**

Preço base: 3 284 196\$00

Caução provisória: 82 105\$00

Alvará exigido: 4.ª subcategoria da V categoria

O prazo para apresentação das propostas é de 30 dias
contados a partir da publicação deste anúncio no «Diário
da República».

O acto público do concurso terá lugar nos Paços do
Concelho da Câmara Municipal do Barreiro pelas 10 ho-
ras e 30 minutos do primeiro dia útil que se seguir ao
termo do prazo fixado neste anúncio.

O programa do concurso, caderno de encargos e pro-
jecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas
de expediente na secretaria técnica dos Serviços Muni-
cipalizados da Câmara Municipal do Barreiro.

**O CHEFE DOS SERVIÇOS DE ÁGUAS
E SANEAMENTO**

Álvaro de Bulhão Pato Maia Rebelo
(Eng.º Civil)

**MOBILIÁRIO, UTENSÍLIOS E MÁQUINAS
P.ª ESCRITÓRIOS**

MOBÍLIAS, MÓVEIS SOLTOS, ELECTRODOMÉSTICOS,
ADORNOS PARA RESIDÊNCIAS, ELEMENTOS PARA
COZINHAS, BARES, ETC., ETC.

LEILÃO

AMANHÃ DAS 15 AS 20 HORAS

AV.ª CASAL RIBEIRO, 17-B

Por motivo de dissolução de sociedade será vendida
pela maior oferta e sem base de licitação toda a sua
montagem e existência

EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 AS 13 HORAS



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ 111
Telfs. P.P.C. (5 linhas)
532929 51478 532446

AFRAFILHOS, Lda

SOARES-AL FAIÇAL EM PARIS

Reconhecimento e empréstimo árabes dependentes da evolução em Portugal

Mário Soares e Saud Al Faïçal, ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita e presidente da Liga Árabe, encontraram-se ontem em Paris. O encontro serviu para o Primeiro-Ministro português, na qualidade assumida de ministro dos Estrangeiros de Lisboa, manifestar a Saud Al Faïçal o desejo de Portugal normalizar as suas relações com os países árabes em geral e em particular com a Arábia Saudita. No final, Soares disse que as conversações decorreram de uma forma franca e amigável e que ambas as partes foram unânimes em considerar a necessidade de intensificar e estreitar as relações entre os dois países e entre Portugal e os restantes países árabes. Foi divulgado que o príncipe Faïçal aceitou um convite para visitar oficialmente Portugal dentro em breve.

«Não pretendemos que Portugal despreze a sua constituição política e o programa do Governo», dizia o diplomata saudita aos jornalistas, depois do encontro com o Primeiro-Ministro português, e deixando entrever que Soares se socorreria da Constituição e do Programa do Governo para justificar a resolução de elevar ao nível de embaixada as relações diplomáticas entre Israel e Lisboa. Nas palavras de Faïçal, «Israel elevou o seu consulado em Lisboa a embaixada, aproveitando-se do programa do Governo Português».

Mas — acrescentou — «o Governo Português vem agora dizer que Portugal, velha nação ligada historicamente aos árabes, está com a nossa causa, ao nosso lado, e, por isso mesmo, as suas palavras são o garante suficiente».

Segundo a ANOP, citando círculos franceses, a Arábia Saudita estaria disposta a conceder a Portugal um empréstimo a longo prazo para ajudar a debelar as dificuldades económicas da actual situação portuguesa — mas isto somente depois da troca de embaixadores entre Lisboa e Riad. Os mesmos círculos dizem que a Arábia Saudita mantém adiado o reconhecimento diplomático de Portugal no intuito de acompanhar a evolução política no nosso País. De acordo com as mesmas fontes, Riad pretende certificar-se primeiramente, de que Portugal permanecerá no bloco ocidental, mantendo a sua associação à NATO.

Enquanto em Paris Soares avistou-se apenas com o diplomata saudita Saud Al Faïçal. De registar que, antes de partir para a capital francesa anteontem, o Primeiro-Ministro e presentemente responsável pelas relações externas de Portugal teve um encontro em Belém com o Presidente da República general Ramalho Eanes. De

acordo com Belém, tratou-se de assuntos correntes da Administração Pública, mas não parece fora de hipótese que a reunião tenha tratado também desta diligência da política externa do Governo. Soares tem anunciado para esta tarde o seu regresso a Lisboa.

JOÃO LIMA

Tendo viajado com o Primeiro-Ministro até Paris, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Emigração, João Lima, ficou entretanto mais alguns dias, até sábado, na capital francesa. A permanência de mais alguns dias em Paris é oportunidade para alguns contactos complementares do encontro entre Soares e Al Faïçal. Entre os contactos contam-se os embaixadores em Paris do Barém, da Síria, do Iraque e da Arábia Saudita.

Falando à ANOP, o secretário de Estado disse que deverá avistar-se com alguns membros do Governo francês ligados aos sectores da Emigração, do Trabalho e dos Negócios Estrangeiros, mas não estão previstos quaisquer reajustamentos nos acordos de emigração assinados entre os governos de Portugal e de França. O objectivo fundamental desta deslocação e do prolongamento desta perma-

nência é fundamentalmente o de estabelecer diálogo com os diplomatas árabes na sequência das conversações que Medeiros Ferreira encetou em Nova Iorque no mês passado, e ainda assentar ideias quanto aos convites feitos ao Governo português para o ministro português dos Estrangeiros visitar a Síria e o Iraque e o ministro iraquiano dos Estrangeiros se deslocar a Portugal.

Ainda sobre emigrantes e emigração: «O Governo português não está disposto a alterar os acordos de que os nossos emigrantes beneficiam em França e os portugueses podem estar certos de que nada moverá o nosso Governo» — disse João Lima.

CHINA

Entretanto, segundo o semanário «Página Um» na sua edição de hoje, o Primeiro-Ministro Mário Soares avistou-se ontem em Paris também com um representante diplomático da República Popular da China.

O semanário cita «fontes que reputa(mos) de fidedignas» e diz que o encontro pode ter sido com o embaixador da RPC na capital francesa. A ter-se verificado, o encontro foi rodeado do maior sigilo.

EM COMUNICADO DE 31

Partido do Governo diz não negociar sob ameaça e em resposta a ultimatos

«O Governo Constitucional e o partido que o apoia reafirmam a sua disposição de dialogar, com paciência e abertura de espírito, com todas as forças políticas e sociais, na perspectiva e com a determinação de chegar, a curto prazo, a uma plataforma política, económica e social com todas ou algumas dessas forças», salienta-se num comunicado do gabinete do Primeiro-Ministro, divulgado no dia 31 através da Rádio e Televisão como «informação sobre o conteúdo das negociações em curso com o Fundo Monetário Internacional».

Depois de considerar que, «infelizmente, mesmo para uma reunião meramente positiva — em que se previam tão-só perguntas e pedidos de esclarecimento — não foi possível fazer sentar todos à mesma mesa» e revelar que o Governo se comprometeu a apresentar um projecto de documento «onde se caracterize, sinteticamente, a situação e se enunciem as principais medidas necessárias à superação da crise». O comunicado sublinha que a iniciativa do Governo Constitucional «obedeceu a imperativos patrióticos que transcendem em muito as negociações com o FMI, e embora tenha sido também ditada pelas características conjunturais da crise financeira que o País atravessa». Assinala ainda que um projecto de acordo ou de plataforma mínima entre partidos e/ou parceiros sociais não pretende sobrepor-se às decisões que normalmente venham a ser tomadas no quadro da Assembleia da República, «que é o lugar próprio para os debates políticos públicos entre partidos e entre estes e o Governo».

Mais adiante «registra com agrado» que todos sem excepção aceitaram a iniciativa do Governo «embora desde logo se encontrasse, em geral, melhor receptividade à ideia do acordo por parte dos parceiros sociais».

NÃO A ULTIMATOS

O comunicado aponta, em tom de crítica, que «simultaneamente, alguns partidos, e em declarações públicas, têm vindo a propor o primado da política sem porventura ponderarem suficientemente a delicadeza do momento que o País atravessa e a complexidade e urgência das negociações internacionais em que estamos empenhados».

«Publicamente — prossegue — foram feitos ultimatos e ameaças ao Governo porventura com excessiva facilidade. O Governo, como repetidamente tem afirmado, não está minimamente agarrando ao poder, e só aceitará continuar a ser Governo enquanto puder contar com a confiança do Presidente da República e enquanto os mecanismos constitucionais, para o efeito previstos, não forem utilizados contra ele na Assembleia da República, mediante a aprovação de duas mocções de censura com o intervalo mínimo de um mês. Se os partidos da oposição entenderem que devem utilizar tais mecanismos, no uso de um direito que a Constituição lhes reconhece, o Governo Constitucional nada fará para o evitar. Da mesma maneira não negociará sob ameaça nem muito menos em resposta a ultimatos. Não se trata de orgulho isolacionista ou de triunfalismo, como se tem insinuado, mas tão-só

de elementar dignidade democrática, que só não entenderá que não a não tiver».

O Governo e o seu partido diz que passará à oposição, «como lhe cumpre, se vier a ser derrubado na Assembleia da República» e que, nessa altura «faria uma oposição leal, e não sistemática, ao partido ou partidos sobre quem necessariamente viesse a recair a responsabilidade de ser Governo, por efeito desse derrube».

E prossegue considerando que nada tem de dramático em democracia uma mudança de Governo. «O que haverá de considerar-se anormal — ou pelo menos insólito — é que o partido ou partidos que procuram derrubar o Governo, por razões — dizem — de ineficácia ou de incompetência, vissem a seguir a constituição de um Governo em que se associem ao partido derrubado. Isto isto deverá ficar bem claro que o partido do actual Governo nunca fechará a porta a um acordo parlamentar ou extra-parlamentar com os outros partidos de democráticos e designadamente com o PPD/PSD».

**NÃO À «PARTILHA
DO PODER»**

A finalizar o Primeiro-Ministro lembra que «não pode confundir-se, porém, o desejo de chegar a uma plataforma orientadora das opções a tomar, a prazo curto ou médio, com a partilha do poder a nível do executivo ou, muito menos ainda, com um governo de coligação. Um e outro fizeram as suas provas durante os Governos Provisórios. O partido do Governo, no que concretamente lhe diz respeito não aceita participar numa nova expe-

riência deste tipo». Lembra também que «a situação portuguesa é muito complexa e as negociações em curso são decisivas e sobremaneira delicadas» importando por isso «agir com flexibilidade, imaginação e espírito de criatividade, mas também com infinita ponderação, sem excessivas pressas e nunca sob a influência de visões catastróficas para o futuro nacional» mas termina por afirmar que «não será somente a de democracia que está em causa mas sim também a sobrevivência nacional, em termos de dignidade, de verdadeira auto-determinação e de independência».

Técnicos franceses

farão estudo

sobre perímetro

de rega do Mira

Uma empresa francesa foi encarregada de proceder a um estudo sobre a viabilização do perímetro de rega do rio Mira, pelo montante de 813 milhões de francos, verba retirada do empréstimo concedido pelo Banco Europeu de Investimentos.

A empresa — «Groupe ment d'études et de réalisations de sociétés d'aménagement régional», com sede em Paris — foi escolhida em concurso internacional.

No perímetro de rega do Mira foram já despendidas a vultosa verbas, sem que tenha sido possível aumentar, de modo considerado satisfatório, a área regada.

FISTAV Intervenção sexta-feira da Intersindical

De hoje até sexta-feira, decorre num hotel de Cascais a 5.ª reunião do Comité Executivo da Federação Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Meios Audiovisuais (FISTAV), com o fim de preparar a realização do II Congresso que, brevemente, se efectuará em Veneza.

Alguns dos países participantes (além do nosso): República Democrática Alemã, Japão, Inglaterra, URSS, França, Polónia e Finlândia.

Encontra-se também presente a FIA (Federação Internacional de Actores), através do seu secretário-geral.

Como observador permanente, assiste às reuniões de trabalho o Sindicato das Telecomunicações. Convidado especial: CGTP-IN.

Amanhã, as delegações presentes na FISTAV visitam a RTP (15 horas), efectuando-se no dia seguinte uma conferência de imprensa, à tarde.

Esta manhã, os trabalhos principiam com uma intervenção do Sindicato das Telecomunicações. Depois de amanhã, a reunião da FISTAV termina com uma comunicação da CGTP-IN.

PARALISAÇÃO NA CAMPANHA DAS LEZIRIAS

Trabalhadores denunciam má gestão da empresa

As razões que levaram os trabalhadores da Companhia das Lezírias a uma paralisação de trabalho, que se mantém desde há uma semana foram divulgadas esta manhã, numa conferência de imprensa que decorreu no Sindicato dos Transportes Rodoviários de Lisboa, promovida por uma delegação de representantes dos trabalhadores daquela empresa agrícola.

A paralisação surgiu na sequência dos aumentos salariais com que a comissão administrativa da Companhia das Lezírias decidiu contemplar cerca de 40 por cento dos trabalhadores desta empresa. Aumentos que atingem precisamente os trabalhadores dos sectores mais privilegiados. Os trabalhadores agrícolas da Companhia das Lezírias mantêm-se na disposição de continuar a paralisação enquanto a comissão administrativa não suspender a sua decisão.

No âmbito da sua luta enviaram telegramas aos órgãos do poder nos quais sublinham a arbitrariedade cometida pela CA da Companhia das Lezírias e exigem que sejam cumpridos os Contratos Colectivos de Trabalho a todos os empregados da empresa nomeadamente a convenção para o trabalho rural nos distritos de Lisboa e Santarém que aguarda publi-

cação há mais de um ano. Uma delegação de representantes dos trabalhadores em greve foi recebido pelo eng.º Oliveira e Silva, chefe do gabinete do secretário de Estado da Estruturação Agrária. O referido funcionário do MAP depois de se inteirar da situação disse aos trabalhadores para aguardarem uma resposta pois seria necessário consultar a Comissão Administrativa da Companhia das Lezírias.

Por outro lado através de exemplos, a Comissão de Luta denunciou a má gestão da empresa agrícola responsabilizando pelo facto a sua comissão administrativa.

ESTA TARDE EM SERPA

Julgados seis trabalhadores da "Flor do Alentejo"

Sob a acusação de «furto e desobediência à autoridade» são julgados esta tarde, no tribunal de Serpa, os seis assalariados rurais detidos no último sábado quando as forças da GNR espantaram violentamente os trabalhadores da UCP «Flor do Alentejo» que procediam à apanha de azeitona e batata doce na herdade que o MAP decidiu entregar ao agrário José Francisco Cruz e Corujo.

Em Vale de Vargo, na UCP «Flor do Alentejo», as forças da GNR numa operação repressiva, impediram os trabalhadores de concluírem as sementeiras. De início exigiram

que os trabalhadores se identificassem. Depois passaram à agressão tendo uma mulher grávida sido bastante mal tratada.

Segundo um comunicado divulgado pela União dos Sindicatos do Distrito de Beja esta determinação do Ministério da Agricultura e Pescas coincidiu com «uma das mais brutais e violentas agressões até agora efectuadas no Alentejo». Acrescenta-se ainda no mesmo texto também assinado pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas e pelo Secretariado Distrital das UCPs, que continua a ofensiva do sr. Barreto «contra aqueles que através do seu esforço criador e sacrifício se encontram neste momento

empenhados nas maiores sementeiras de sempre».

Também os membros da FEPU eleitos para as autarquias do distrito de Beja condenam os acontecimentos ocorridos na «Flor do Alentejo». Igual posição manifestou a Junta de freguesia de Vale de Vargo.

Por sua vez a Federação Regional de Beja do Partido Socialista emitiu um comunicado no qual refuta «a forma como a União dos Sindicatos de Beja» comenta os acontecimentos. A cusa ainda «os caciques sindicais, de manipularem os trabalhadores no sentido de estes voltarem a ocupar as terras, entregues aos seus legítimos proprietários no passado dia 10 de Outubro».

Maria Velho da Costa membro do Tribunal Russell

Maria Velho da Costa, presidente da Associação Portuguesa de Escritores, foi convidada a participar no III Tribunal Internacional Russell, que se reúne, no próximo ano, em Francoforte, na Alemanha Federal.

Objectivo: julgar os atentados aos direitos humanos na República Federal Alemã, nomeadamente no campo das perseguições políticas.

Além desta escritora, um outro nome português integrará o III Tribunal Russell: Otelo Saraiva de Carvalho, como, aliás, já noticiámos.



na construção dum país novo

APOIAMOS A CONSTRUÇÃO CIVIL
E A AQUISIÇÃO DE
HABITAÇÃO PRÓPRIA



Através de um plano de crédito à construção civil o MONTEPIO GERAL colabora activamente na reestruturação desta indústria em Portugal.

Mediante um sistema de crédito para aquisição de CASA PRÓPRIA, o MONTEPIO GERAL facilita a venda de habitações prontas e cria um importante potencial de novos compradores.

confie na nossa experiência - dê-se conta da nossa rapidez

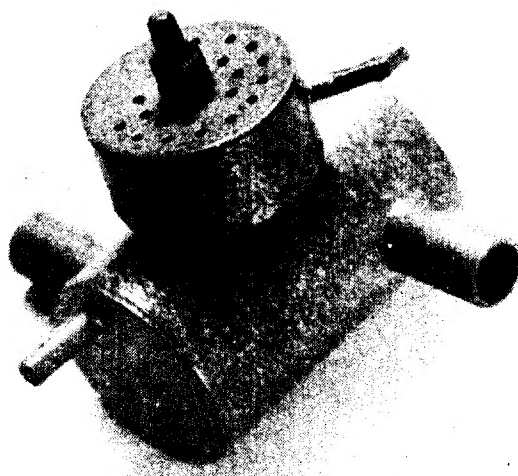


MONTEPIO GERAL

Lisboa: Rua do Ouro 219 a 241 - Rua Manuel Jesus Coelho, 1-B
Rua Ferreira Borges, 97 - Porto: Avenida dos Aliados, nº 90

AVEIRO BRAGA BRAGANÇA COIMBRA EVORA FARO FUNCHAL MOSCAVIDE SETUBAL VISEU

Ref.ª Comercial



Um novo invento português vai ao próximo Salão Mundial de Invenção de Bruxelas. Trata-se dum gasificador destinado a reduzir o consumo de combustível dos veículos automóveis, criado pelo sr. Alfredo de Jesus Gonçalves, comerciante do Bombaral.

De dimensões reduzidas (8

cm) e de fácil aplicação, o referido aparelho actua, sobretudo, na recuperação do combustível desperdiçado devido ao facto de a temperatura a que se faz a mistura, no carburador, não ser a mais adequada.

Na foto, o gasificador a que nos referimos.

SESSÃO EXCEPCIONAL NA 'CORNÉLIA'

"Programa" de Vasco Raimundo atirou José Fanha para o segundo lugar

Um programador de computadores de nome Vasco Raimundo, chefe do Centro de Recolha e Tratamento de Dados de uma companhia petrolífera, ocupa desde segunda-feira às onze da noite o primeiro lugar no «podium» da «Cornélia», o mais popular programa da televisão portuguesa. O anterior ocupante do lugar, José Fanha, foi apeado junto com os até então segundo e terceiro, mas conseguiu classificar-se em segundo lugar, a cinco pontos do primeiro, ao defender-se com um somatório excepcional de provas.

Fanha baseou a actuação na força da sua poesia. No Teatro Villaret, já entrados pela noite fora (a gravação principiara às 16 e só termina-

ria às 23 horas) viveram-se alguns dos mais belos momentos da história do programa. As provas principais de José Fanha e a maior parte dos números em que intervieram os primeiro e segundo concorrentes da sessão vão, seguramente, transformar o programa de TV da próxima segunda-feira, em excepção focal de interesse, mas ao mesmo tempo de polémica pelas peripécias que o concurso proporcionou.

Conhecida já a envolvimento da «Cornélia», e sabida como é a sua capacidade em pôr metade deste País de joelhos diante da televisão uma noite por semana, sobreleva desta vez a possibilidade de a força das palavras de Fanha e a imaginação à solta de outros con-

correntes contribuírem para apurar o sentido crítico dos telespectadores em detrimento da contemplação passiva de eventuais talentos histriónicos dos cornelianos.

DUAS VEZES MÁXIMO PARA TODOS

A concorrência à antepenúltima sessão da Cornélia era constituída pelo sucessor de Assis Pacheco no «podium», Gonçalo Lucena, pelo programador Vasco Raimundo (acompanhado pela mulher, uma professora de Educação Física actualmente ao serviço do Instituto Nacional dos Desportos) e por um conhecido compositor e pianista, Rui Guedes, autor da música do hino do CDS, mas igualmente autor e intérprete da música que dá uma força inesperada aos versos de Florbela Espanca, no último disco gravado pela actriz Eunice Muñoz.

Muito iguais entre si, todos com uma participação estudada até ao pormenor, usando a imaginação em doses elevadas e acompanhados por elementos à altura, proporcionaram alguns belos momentos à assistência que enchia por completo as cadeiras, as coxias, os corredores e o átrio do Teatro Villaret, tornando extremamente difícil o trabalho de jornalistas e dos técnicos da Televisão.

Para se fazer uma ideia do que será a sessão, e descontado o facto de o júri ser useiro e vezeiro em abrir a mão de pontos quando as coisas começam a correr bem, basta dizer-se que por duas vezes o trio de concorrentes atingiu o

máximo, somando todos três 75 pontos na dança e na prova de Literatura. Também no tratamento do tema «Imaginação» apenas Lucena perdeu três pontos. Na prova livre só o concorrente B, Vasco Raimundo, não granjeou o máximo de pontos, perdendo dois na votação de Raul Calado.

No final Rui Guedes atingiria os mesmos pontos de Gonçalo Lucena (610) enquanto o vencedor subia até aos 625, todos eles, portanto, superiores aos 607 de José Fanha. Foi necessário a este repetir a maratona de provas a que, até hoje, só Assis Pacheco se tinha submetido.

Os momentos altos da intervenção de Fanha situaram-se no teatro (um saltimbanco como os das feiras do antigo tempo, carregando muitas das amarguras do mundo) e num poema que apresentou como prova livre, contando a vida e a história de um operário desfeito pelas cadências infernais e as explorações da sociedade do lucro e da mais-valia.

Ao fim das 10 provas Fanha totalizou 620 (falhou uma per-



Gonçalo Lucena na prova de Teatro. No final, com 610 pontos, não conseguiu sequer o terceiro lugar no «podium»: o sorteio face a Rui Guedes foi-lhe desfavorável

gunta de literatura), sentando-se agora no segundo lugar. O terceiro é Rui Guedes, que afastou Gonçalo Lucena no desempate, tendo sido necessário recorrer a uma espécie de sorteio para decidir entre eles. Rui Guedes seria aliás o primeiro se não tivesse falhado a pergunta de Código de Estrada, com a consequente perda de 50 pontos.

Resta acrescentar que na última sessão normal da «Visita da Cornélia», prevista para

gravação no dia 14 de Novembro, regressam dois antigos concorrentes (o jornalista Carlos Ventura Martins e Paquica, a jovem que dançou numa sessão anterior a «Juanita Banana») e um cozinheiro conhecido no antigamente (Michel de nome, titular do restaurante também assim chamado), que saiu do País logo a seguir ao 25 de Abril e agora pretende, aparentemente, relançar o restaurante através da Cornélia.



Jose Fanha deu tudo por tudo na réplica, que acabou às 11 da noite. Cinco pontos separaram-no agora de Vasco Raimundo, seu sucessor no primeiro posto



Rui Guedes, autor do «Hino do CDS», somou 610 pontos, como Lucena. E o novo «terceiro» do pódio. Com os 50 pontos do Código da Estrada, que falhou, estaria agora com 660... e em primeiro lugar

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

- Ao abrigo do n.º 1 - alínea b) do Artigo 34.º e do n.º 1 do Artigo 35.º dos Estatutos e no cumprimento da alínea f) do Capítulo VI do Programa de Acção dos actuais Corpos Gerentes, convoco a Assembleia Geral para reunir extraordinariamente no dia 3 de Novembro, quinta-feira, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto 1: Apreciação e deliberação do Orçamento Extraordinário para o 2.º Semestre do corrente ano.

Ponto 2: Informações
a) Despedimentos
b) Quotização
c) Contratação
d) Diversos

OBSERVAÇÕES:

- De acordo com o Artigo 36.º dos Estatutos a reunião terá início à hora marcada com a presença de qualquer número de sócios.
- No sentido de facilitar a maior participação possível é permitido o ingresso de acompanhantes de associados que poderão assistir aos trabalhos em local para eles reservado.
- Por regulamentação própria do Pavilhão dos Desportos terá este de encerrar às 24 horas pelo que se chama a atenção dos associados para não deixarem de estar presentes à hora marcada.
- Recorda-se que é Direito dos Sócios "participar na vida do Sindicato, nomeadamente nas reuniões das Assembleias Gerais, requerendo, apresentando, discutindo e votando moções e propostas que entender convenientes". (Art. 13.º, alínea b) dos Estatutos).
- Encontra-se à disposição dos sócios na Sede do Sindicato e no Centro Social e Cultural dos Trabalhadores do Comércio, Rossio 113, o Projecto de Orçamento Extraordinário. Entretanto, será enviado por correio para todos os sócios.
- Os sócios deverão munir-se do seu cartão de sócio ou de outro cartão de identificação para o ingresso na sala.

Lisboa, 13 de Outubro de 1977

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Manuel Barros

Aeroportos portugueses protegem-se contra pirataria

«O sistema de segurança implantado nos aeroportos portugueses não está ainda completo, mas é satisfatório para as exigências actuais», afirmou à Anop o comandante Ramos Pratas, presidente nacional de segurança na navegação aérea.

Só os aeroportos onde se impõem mais rigorosas medidas de segurança, como os de Lisboa, Porto, Faro e Funchal, dispõem de um sistema mais adequado iguais medidas podem ser postas a funcionar, se necessário, nos restantes aeroportos.

Relativamente ao Aeroporto de Lisboa, as medidas de segurança consistem na inspecção aos passageiros e à sua bagagem de mão. No entanto, desde que a «El Al», escala o Aeroporto de Lisboa, procede-se também à verificação da bagagem de porão nos aviões desta companhia israelita. O comandante Ramos Pratas acrescentou ainda que o sistema de segurança é mais apertado quanto a determinadas companhias.

PUB.

Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e Ofícios Correlativos do Distrito de Setúbal

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA ELEITORAL

De acordo com os artigos 76 e 78 dos estatutos, convoca-se a Assembleia Eleitoral deste organismo para o dia 15 de Dezembro de 1977, a decorrer na Sede do Sindicato e nos locais que oportunamente serão divulgados, das 13 às 22 horas, excepto nas mesas de voto colocadas nos locais de trabalho onde o funcionamento é das 13 às 19 horas, a fim de proceder à eleição dos corpos gerentes para o triénio 1977-1980.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Domingos Baião Pires

NOTA: Avisam-se todos os sócios que só poderão votar se tiverem pago a quota do mês de Agosto e tenha no mínimo dois meses de associado à data da eleição.

FERROVIÁRIOS QUEREM ACT Meia hora de paralisação na próxima sexta-feira

Os ferroviários paralisarão, na próxima sexta-feira, a nível nacional, entre as 10 e 30 e as 11 horas, de acordo com uma convocatória nesse sentido, da Federação dos Sindicatos dos Ferroviários.

Esta paralisação de meia hora surge na sequência do impasse surgido na negociação do acordo Colectivo de Trabalho para aquela empresa que foi objecto de um decreto ministerial limitando as possibilidades de aumentos salariais que não fossem obtidas à custa de diminuição nas regalias sociais dos trabalhadores.

Entretanto, a Comissão Sindical Negociadora havia apresentado ao Conselho de Gerência e ao Governo uma proposta de reestruturação da CP, que no seu entender, permitiria uma economia anual na ordem das centenas de milhares de contos. Mas a essa tentativa de diálogo, como a classificam os representantes dos ferroviários, não foi dada qualquer resposta.

Esta paralisação de meia hora, programada para o dia 4, deverá abranger cerca de 27 mil trabalhadores, uma vez que apenas alguns quadros técnicos da CP não estão filiados nos Sindicatos, em número de três, que representam, a nível nacional, os ferroviários portugueses.

DEVIDO A FALÊNCIA

Algort paralisa

A Algort Portuguesa, instalada na Póvoa de Varzim, encontra-se praticamente parada depois de goradas as diligências efectuadas pelo administrador de falência da firma-mãe, Pier Ivan Lonpaery, antecorrem, junto da administração portuguesa.

Apenas cerca de 200 trabalhadores laboravam esta manhã, mas antes do fim desta semana a fábrica ficará completamente parada.

Os 1200 trabalhadores estão assim lançados no desempre-

DELEGAÇÃO DA CGTP-IN EM ESPANHA

"Consolidar a unidade do movimento sindical"

«A actividade tendente a criar as condições para fazer avançar e consolidar a unidade do movimento sindical, a todos os níveis, regional, nacional e internacional», foi um dos pontos pelos quais se pronunciaram favoravelmente as delegações das «Comissões Obreras» e da CGTP-IN, que recentemente se deslocou a Espanha a convite daquela organização.

Outro ponto do comunicado conjunto a propósito emitido, refere a necessidade do «desarmamento simultâneo, pela liquidação dos blocos político-militares, pela segurança europeia e a nível mundial e pelo estabelecimento de uma paz duradoura».

De salientar, também, que ficou decidido «apoio aos movimentos de libertação nacional e às forças progressistas que, na África Austral, na América Latina e na Ásia lutam contra o imperialismo, contra o fascis-

mo, pela liberdade e independência dos povos». Nesta linha é igualmente manifestada a solidariedade com a luta do povo árabe da Palestina, pelos seus direitos nacionais e com o combate de todos os povos que lutam pela autodeterminação e independência.

E ainda: «As duas delegações saúdam mutuamente a luta dos trabalhadores de Espanha e de Portugal e das suas organizações sindicais de classe, na defesa dos interesses dos trabalhadores, pela consolidação da democracia e pelo progresso social».

Durante esta visita, a delegação da CGTP-IN, composta por Álvaro Rana e Kalidás Barreto, do Secretariado, e José Manuel Carinhas, do departamento internacional, teve uma entrevista com Marcelino Camacho, secretário-geral da sua congénere espanhola.

Os delegados da CGTP-IN, informaram, no decurso das

entrevistas que mantiveram, «da evolução do processo revolucionário em Portugal e das lutas dos trabalhadores portugueses para preservar e impulsionar as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário, as liberdades e direitos democráticos consagrados na Constituição, assim como a preocupação pela situação económica do País e a sua disposição de superar a crise económica actual».

Neste sentido, foi posto em relevo pela delegação portuguesa o papel importante do «movimento sindical unitário português, representado pela CGTP-IN que, na fase actual, e m aplicação das resoluções adoptadas no último Congresso de todos os Sindicatos, actua com a maior firmeza contra as tentativas das forças conservadoras e reacçãoárias que tentam manobrar para travar e fazer retroceder o processo democrático em Portugal».

CCT DOS BANCÁRIOS

Direcções sindicais foram a S. Bento

Uma delegação composta de representantes das direcções dos três sindicatos dos trabalhadores bancários foi recebida na passada segunda-feira,

em S. Bento, pelo Primeiro-Ministro, e pelo ministro das Finanças, a fim de tratar de problemas relacionados com o Contrato Colectivo de Trabalho do sector, que se encontra em negociação há nove meses.

Segundo declarações de Miguel Pacheco, presidente do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, foram discutidas as questões fundamentais relacionadas com o «congelamento» das negociações para a revisão dos CCT, especialmente no que toca às carreiras profissionais e tabelas salariais, mas tendo em conta a situação económica do País.

As três direcções dos bancários fazem parte do grupo da «Carta Aberta», tendo sido criticadas recentemente em assembleias gerais pela classe

que as acusa de tendências conciliatórias com o Governo.

Ainda no âmbito do sector bancários, foi publicado no «Diário da República» na passada segunda-feira, um despacho conjunto dos ministros das Finanças e dos Negócios Estrangeiros, determinando a integração no sistema bancário nacional dos trabalhadores bancários portugueses retornados das ex-colónias de Angola e Moçambique.

O despacho estabelece ainda o sistema de acordo com o qual os trabalhadores serão reintegrados em cada banco. Vinte por cento dos trabalhadores serão já integrados no próximo mês de Dezembro e os restantes, metade serão em 78 e a outra metade em 79.

SECRETÁRIO DE ESTADO NO NORTE

Reconhecida incompetência dos Tribunais de Trabalho

Encontra-se no Norte, em visita de trabalho às delegações do MT, o secretário de Estado do Trabalho, Almeida Simões. Esta manhã esteve em Braga e, à tarde, em Vila Real, para contactos com os funcionários do seu Ministério, com o objectivo de «dar um impulso à nova estrutura que imperiosamente se coloca ao MT».

Já na segunda-feira, em visitas do mesmo âmbito, Almeida Simões havia tido reuniões nas delegações do Porto e de Vila do Castelo.

Na capital do Norte, o secretário de Estado informou os jornalistas de que a Lei Orgânica do Trabalho está em vias de conclusão e que será publicada até final deste ano. Segundo aquele membro do Governo, há dois factores que determinam a linha mestra da futura lei: «Ao MT compete desenvolver uma política que permita a realização dos objectivos do

trabalho e emprego, dando os instrumentos necessários ao diálogo aos parceiros sociais». O outro factor é a reestruturação da Inspecção-Geral do Trabalho.

A propósito dos casos da Facar, Ambar, Coronado, TMG, Sofil e de outras empresas em que há trabalhadores suspensos ou despedidos arbitrariamente pelo patronato, Almeida Simões limitou-se a dizer que ao MT só competem «diligências conciliatórias», pois «só os tribunais são competentes para julgar».

No que se refere a casos como o da Têxtil Manuel Gonçalves, aquele membro do Governo reconheceu que os Tribunais de Trabalho não têm respondido em tempo oportuno às expectativas, afirmando que estão a ser feitas diligências junto do Ministério da Justiça no sentido da sua integração nos tribunais comuns.

Duas vitórias de listas unitárias

Uma lista unitária foi eleita para os corpos gerentes do Sindicato da Construção Civil do Funchal, sucedendo a uma direcção de idênticas características e sob sua proposta.

Os resultados finais apurados indicam que a lista vencedora obteve 891 votos, contra os 186 e 169 somados por outras listas suportadas por diversas tendências políticas.

A importância desta vitória de uma lista unitária é sublinhada pelo facto de ser encabeçada por um membro do secretariado da

Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional, Diamantino Alturas.

TAMBÉM EM BRAGA

Por outro lado, em Braga registou-se também uma vitória de uma lista unitária, nas eleições dos corpos gerentes do Sindicato dos Gráficos do Minho.

A vitória coube à lista A, que totalizou 359 votos, contra os 176 da sua opositora, a lista «B».

Ourives do Norte ameaçam com "luta"

Reunidos em Assembleia Geral, os ourives e relojoeiros do Norte aprovaram, antecorrem, uma moção na qual repudiavam enérgica e firmemente a estranha atitude do MT pela não publicação da sua PRT, concluída em Junho pela Comissão Técnica.

No documento aprovado, exige-se a publicação da Portaria no próximo Boletim do MT pois caso isso não aconteça os trabalhadores reservam-se o direito de tomarem as formas de luta que julgarem convenientes.

Durante a reunião os trabalhadores sublinharam os sérios riscos que ameaçam a sua sobrevivência dado o galopante aumento do custo de vida e os magros salários (4.350 escudos para a grande maioria) que a classe afeita. Frise-se que datam de Setembro de 1974 as tabelas salariais em prática.

Tal como se lê na moção aprovada, a impaciência e o desespero apossaram-se dos trabalhadores que estão, há meses, à espera, da publicação da Portaria.

Trabalhadores madeirenses condenam terrorismo

Dirigentes e delegados sindicais e comissões de trabalhadores da Madeira, reunidos em plenário na União dos Sindicatos do Arquipélago da Madeira, no passado dia 27, condenaram todos os atentados fascistas e terroristas, nomeadamente os que atingem «militantes sindicais honestos e dignos» e exigiram aos órgãos de soberania a punição dos respectivos autores.

Aqueles representantes dos trabalhadores madeirenses

aprovaram ainda mais duas moções, uma de repúdio pelos despedimentos verificados na Madeira Palácio, Mira Mar e Residencial Greco, exigindo ao Governo Regional a suspensão dos processos disciplinares e dos despedimentos e outra, em apoio dos trabalhadores do Grupo Grão-Pará e Matur, na qual exigem também o julgamento da antiga administração, em particular de Fernanda Pires de Lima e do filho, «pelos crimes cometidos contra a economia nacional».

CT da "Tranquilidade" contra reintegração

A Comissão de Trabalhadores da Companhia de Seguros Tranquilidade — Núcleo Sul — enviou ao Conselho de Gestão da companhia uma carta em que declara que independentemente da análise que venha a fazer depois de ouvir os trabalhadores, não aceita a «admissão, integração ou reintegração» de quaisquer ex-administradores, nomeadamente a de Fernando Valente Gaspar.

Este ex-administrador da

Tranquilidade foi afastado na sequência da nacionalização do sector e da dissolução das administrações e reintegrado recentemente pela Secretaria de Estado do Tesouro.

Um plenário de trabalhadores da Tranquilidade pronunciou-se há tempo desfavoravelmente quanto à admissão de ex-administradores e foi com base nessa decisão que a CT deliberou enviar a carta ao Conselho de Gestão.

LUÍS PEDRO DE MENDONÇA

Adiado o julgamento

Foi mais uma vez adiado «sine die» o julgamento dos cinco trabalhadores da empresa produtora de material telefónico Luís Pedro Mendonça, na sessão que decorreu no tribunal de Loures, no passado dia 31. A base do adiamento é o re-

querimento apresentado pelo advogado de defesa dos trabalhadores, em consequência da providência cautelar pendente naquela tribunal contra o patrão, por abandono da empresa.

informação sobre FEIRAS e CONGRESSOS quinzenalmente neste jornal

SALÃO MUNDIAL DE INVENTOS BRUXELAS

2 a 11 de Novembro de 1977

5.º CONGRESSO DE OBSTETRICIA E GINECOLOGIA

ROMA

12 a 20 de Novembro de 1977

BATIMAT — INTERBUILD

LONDRES E PARIS

22 a 29 de Novembro de 1977

SALÃO INTERNACIONAL DE EQUIPAMENTOS PARA HOTÉIS

BRUXELAS

27 de Novembro a 1 de Dezembro de 1977

EXPOSIÇÃO AVICOLA

BARCELONA

23 de Novembro a 2 de Dezembro de 1977

9.ª CONFERÊNCIA SOBRE HERBICIDAS

PARIS

13 14 de Dezembro de 1977

5.º CONGRESSO ASIÁTICO DE ENDOCRINOLOGIA

SINGAPURA

22 a 27 de Janeiro de 1978

Av. Liberdade 233
Tel. 536 121
Lisboa 2

EUROPEIA

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

BRASIL

Pela Constituinte livre e soberana

Encontra-se em curso em todo o Brasil a campanha pela Constituinte Livre e Soberana. O conjunto da Oposição Democrática decidiu lançar todo o seu peso nesta batalha, da qual depende o futuro de 110 milhões de brasileiros.

Hoje a exigência nacional da Constituinte Livre e Soberana constitui o centro do programa democrático. É também a única solução justa e realista para a crise que vive o país.

A crise do regime é insólita. A ditadura encontra-se socialmente isolada, mesmo

junto dos sectores que sempre a apoiaram; está internacionalmente desmoralizada e incapaz de governar no dia a dia por outro meio que não seja o da violência e do repetido desrespeito dos Direitos do Homem.

Que perspectivas apresenta a ditadura à Nação?

Para Janeiro promete a «sucessão presidencial»: a escolha de um novo presidente me-

MARCELO DIAS

diante o democrático sufragio livre e directo dos generais de 4 estrelas, do Alto Comando sob orientação do ditador de turno, ao qual cabe indicar o seu sucessor. Triste espectáculo de um país de 110 milhões de habitantes, a primeira potência industrial do continente, cujos governantes entendem suceder-se uns aos outros como se estivessem na Idade Média!

OS «PRESIDENCIÁVEIS»

A «ementa» presidencial não é menos pobre. O candidato mais cotado é o chefe do SNI, o Serviço de Informações do regime, general João Baptista Figueiredo. O seu principal rival militar, o general Sílvio Frota, ex-ministro do Exército, recentemente «caído em desgraça» representam nada menos que os interesses de casta do aparelho repressivo operacional, isto é, daqueles senhores que torturaram cerca de 30 mil cidadãos brasileiros e mataram mais de 700 nos últimos dez anos. Daqueles senhores que são o pilar fundamental do «statu quo» pois sabem que em qualquer mudança demo-



Giscard d'Estaing recebendo Geisel em Paris. Toda a Europa, mesmo esta, tem os olhos postos no Brasil

crática têm contas a acertar com a justiça.

Em seguida, menos cotados, vêm os nomes do general Dilermando Monteiro, comandante do II Exército, e do senador Magalhães Pinto, o único civil com acesso à selecta antessala da sucessão de Geisel. O facto de o general Dilermando ter chegado a ser suficiente para fazê-lo aceitar como presidente, eleito por um milionário da população brasileira (110 generais). Mesmo este mérito pode ser posto em dúvida na medida em que o general tem responsabilidade, pelo menos, no ocultamento das torturas sofridas por Aldo Arentes e outros presos políticos, em Dezembro passado, em dependências do II Exército. Por outro lado, se o DOI-CODI de São Paulo foi virtualmente «congelado», o DOPS da mesma cidade continua a torturar presos, como ficou comprovado por laudos médicos, no caso do estudante Celso Bamber, preso no 1.º de Maio deste ano.

Quanto ao senador Magalhães Pinto, o facto de ser civil não é por si promessa ou garantia de nada que tenha a ver com a democracia. Antes de ser senador, o sr. Magalhães Pinto é o maior banqueiro do Brasil representante dos interesses do sector que mais beneficiou com a queda do nível de vida de 90 por cento da população, em proveito do fausto e luxo de 6 por cento segundo recentes estatísticas de «concentração de renda» divulgadas pelo DIEESE.

O povo brasileiro não aceitará de maneira subserviente sequer o «menos pior» dos nomes ventilados. É o processo sucessório absurdo e retrógrado, em si, que está em questão. Numa das suas últimas manifestações o Movimento Estudantil de São Paulo definiu bem este sentir com a palavra de ordem «Abaixo a sucessão, queremos eleição».

INSTITUCIONALIZAR A DITADURA?

Para depois da sucessão o regime «promete» a sua «institucionalização», uma espécie de passe mágico que leve à incorporação na Constituição de alguns dos mecanismos totalitários do Acto Institucional nº 5, cujos poderes passariam das mãos do presidente para as do Superior Tribunal Militar, para um Conselho de Estado ou qualquer outro organismo análogo sob hegemonia militar.

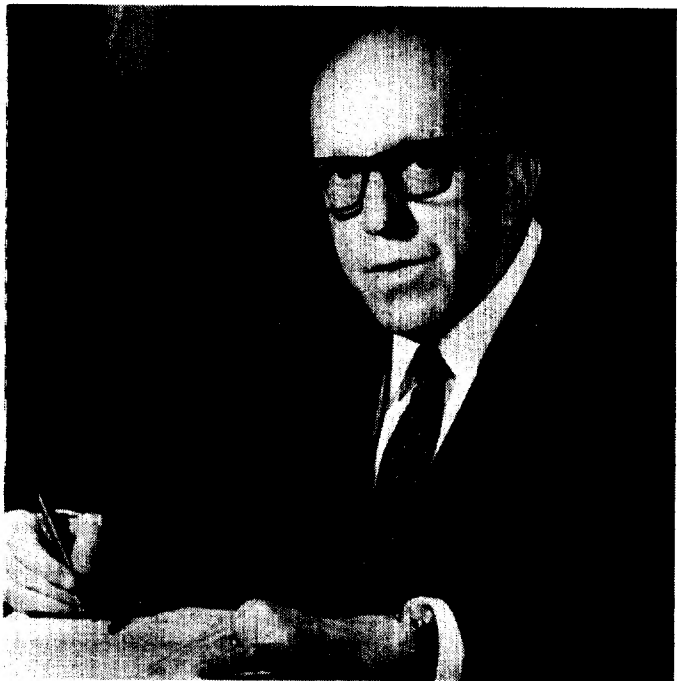
O actual congresso, eleito em 1974 sob o crivo da lei de «inelegibilidades», da repressão policial e do bipartidarismo

mo impostoe em seguida mutilado por numerosas «cassações de mandatos» parlamentares do MDB, seria transformado numa espécie de constituinte.

O povo brasileiro já está cansado de abusos e pilhérias de mau gosto desta ditadura que em 14 anos violou mais de dez vezes a sua própria legalidade, alterando as regras do jogo cada vez que se torna-

negociação directa, sem interferência do Estado, das suas prementes reivindicações salariais e outras, com o patronato.

A Amnistia Geral e Irrestrita engloba, além da libertação dos presos, o regresso dos exilados, a reincorporação na Universidade dos estudantes expulsos mediante o Decreto nº 477 e a anulação de todos os despedimentos de funcionários públicos efectuados por



Magalhães Pinto, civil na «corrida» presidencial

va necessário dar «cobertura jurídica» aos seus actos de puro arbitrio.

A transformação do actual congresso, nascido atrofado pela limitação das liberdades e, em seguida, mutilado pelas «cassações» numa Constituinte destinada a «legitima» as vontades do regime, representaria mais uma vez, manipular grosseiramente as leis no reino da ilegalidade.

A CONSTITUINTE

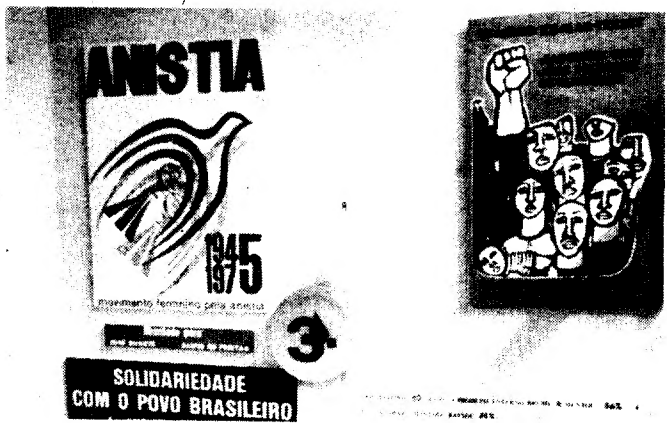
Frente ao burlesco projecto de «institucionalização» da ditadura ergue-se a bandeira da Constituinte Livre e Soberana. Constituinte livremente eleita, em sufrágio universal e directo, após o prévio restabelecimento das liberdades democráticas e a proclamação da Amnistia Geral e Irrestrita a todos os cidadãos brasileiros presos e perseguidos políticos.

O restabelecimento das liberdades democráticas representa a supressão de toda a legislação que limita o direito à palavra, reunião, manifestação e organização política. Representa a devolução aos trabalhadores do direito à greve, de todas as liberdades sindicais e da possibilidade de

motivos de perseguição política. Tem igualmente como resultante indispensável o desmantelamento das polícias políticas militares e civis: DOI-CODI, DOPS, etc., bem como o julgamento, rigoroso mas sereno, de todos os indivíduos responsáveis por torturas e assassínios de presos políticos.

O restabelecimento da liberdade e a Amnistia Geral, sob a égide de um Poder Judiciário que tenha recuperado todas as prerrogativas da magistratura, é o primeiro passo para a imediata convocação de eleições para a Constituinte Livre e Soberana, que elaborará a carta magna de um novo Brasil Democrático.

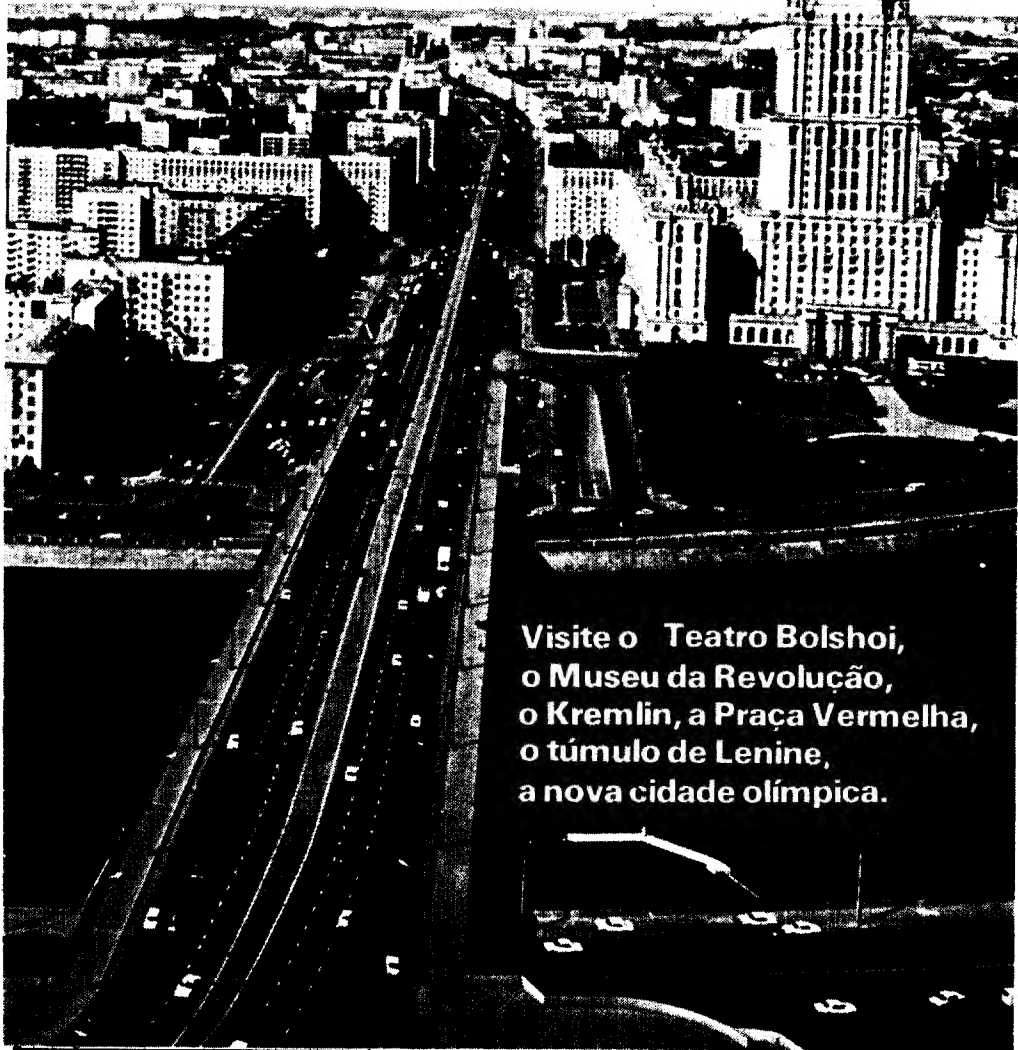
É por estes objectivos que está a mobilizar-se, em todo Brasil, a Oposição Democrática, que hoje engloba um poderoso bloco formado pelo MDB; pela Igreja, pelo Movimento Estudantil; pelas Oposições Sindicais e alguns sindicatos; pelos intelectuais; artistas; jornalistas; advogados; pelo Movimento de Mulheres; pelos militares constitucionistas; por milhares de brasileiros de distintas convicções religiosas, políticas e ideológicas que lutam unidos pelo fim da ditadura e pela Liberdade.



Pormenor da exposição patrocinada em Abril deste ano pelo Comité Pró-Amnistia Geral no Brasil (Livreria Opinião, Lisboa)

АЭРОФЛОТ
Soviet airlines

Conheça Moscovo com a Aeroflot



Visite o Teatro Bolshoi, o Museu da Revolução, o Kremlin, a Praça Vermelha, o túmulo de Lenine, a nova cidade olímpica.

HORÁRIO DOS VOOS PARA MOSCOVO E HAVANA				Horas locais	
	LISBOA	MOSCOVO		LISBOA	HAVANA
	(partida)	(chegada)		(partida)	(chegada)
Quartas			Segundas		
Sextas	09.00	19.15	Sextas	02.30	07.50
Sábados		19.15			

Hotel Ritz - apartamentos 50-52

Tel. 684131-680341

Aeroporto- Tel. 886193

A Argélia celebrou ontem a sua Festa Nacional

No dia 4 de Julho de 1962, a Argélia ascendeu à independência após sete anos de guerra de libertação contra o colonialismo francês. A data do levantamento nacionalista — 1 de Novembro — passou a ser considerada o Dia da Festa Nacional do Povo Argelino. Estendendo-se por uma área de mais de 2200 mil quilómetros quadrados, este país árabe do Norte de África vem fazendo notáveis progressos económicos e sociais, graças à aplicação dum programa de raiz socialista.

O Programa de Tripoli de 1962 baseava-se no impulso da indústria pesada, e em detrimento da ligeira, e previa, como medidas imediatas após a independência, a criação duma moeda, a nacionalização da agricultura e do comércio externo, a criação de monopólios estatais e a nacionalização da banca.

Esse programa foi cumprido, e hoje o Estado, através das sociedades nacionais, é o verdadeiro motor da industrialização do país. Grandes dificuldades subsistem, porém, na agricultura. A base da economia argelina é o petróleo e o gás, que constituem 60% das receitas do Estado e 1/3 do PNB. Mas, devido à fraca produtividade do sector agrícola, aliada a um crescente consumo decorrente do aumento da população (cuja taxa de crescimento anual se cifra em 3%), cerca de 30% das receitas do petróleo são utilizadas para cobrir as importações de produtos agrícolas. Entre 1969 - 71, o PNB cresceu a uma taxa média anual de 8%, atingindo em 1971 o montante de 4760

milhões de dólares (o que representa uma captação de 350 dólares). Nesse mesmo ano, o sector nacionalizado da economia representava cerca de 85% em termos de produção.

Os objectivos fixados pelo plano quadrienal de 1970 - 73 consistiam em dotar a economia argelina dos seus próprios motores de crescimento. Deu-se especial destaque ao uso dos recursos internos, ficando os empréstimos limitados à importação de bens de equipamento ligados à realização dos projectos industriais. Aproveitando e explorando os valiosos recursos energéticos que possui, a Argélia planeia a sua industrialização de modo a conseguir, dentro de poucos anos, auto-abastecer-se a exportar grande número de bens nomeadamente nos sectores petroquímico e siderúrgico. O plano traduziu-se num crescimento do PNB ao ritmo anual de 9%; num aumento da produção de 5% e numa septuplicação dos investimentos. Em 1973 o sector nacionalizado representou 87% da produção.

O plano 1974 - 77 prevê financiamentos globais na ordem dos 54 mil milhões de dinars, distribuídos pelo sector industrial (o maior beneficiário), agrícola (com obras de irrigação e construção de diques), transportes e comunicações sociais. O ensino figura em segundo lugar logo a seguir à indústria, sendo-lhe atribuídos 11 mil milhões de dinars.

Os hidrocarbonetos continuarão a assegurar o financiamento desta nova etapa do desenvolvimento argelino, que,

tal como a anterior, foi estabelecido a partir das projecções feitas para o ano de 1980, quando os planificadores argelinos contam conseguir um aumento considerável do rendimento per capita, e levar a cabo uma série considerável de obras sociais.

Depois da reforma de 1970 - 71, os bancos argelinos (que haviam sido previamente nacionalizados e reagrupados em três estabelecimentos bancários nacionais) converteram-se num importante instrumento ao serviço da planificação e do investimento.

Os anos de 1976 e 1977 assinalaram uma viragem decisiva no sistema político do país. Em Junho de 1976, foi aprovada a Carta Nacional, em Novembro foi aprovada a Constituição, e em Dezembro foi eleito o presidente da República. Em 25 de Fevereiro deste ano, os oito milhões de eleitores argelinos escolheram os seus representantes à Assembleia Popular Nacional. Deste modo se institucionalizou o regime, saído do golpe de Estado de 1965.

COMÉRCIO COM PORTUGAL

As relações comerciais entre Portugal e a Argélia estão em franco progresso, sendo de salientar os resultados positivos que teve para os dois países a recente visita do ministro Mota Pinto a Argel.

De Janeiro a Dezembro do ano findo, exportámos mercadorias num total de 9456,6 toneladas num montante global de 80 087 contos, enquanto a



Boulevard Che Guevara, em Argel, que liga o Square Lénine à Place des Matins

Argélia exportou para Portugal, de Janeiro a Agosto do mesmo ano, 7.849,9 toneladas de mercadorias, num montante global de 38 933 contos (média mensal: 3264 contos de importações e 6674 contos de exportações). A tendência é para uma acentuada intensificação

das nossas exportações. De facto, no final do primeiro trimestre deste ano, já haviam exportado bens no montante global de 47 043 contos, sendo a média mensal deste ano da ordem dos 15 681 contos.

A rubrica mais vendida este ano foi «pastas químicas, de

madeira, para o fabrico de papel», na qual realizámos 17 015 contos.

Como foi oportunamente anunciado, o presidente Ramalho Eanes aceitou um convite do presidente Huari Boumediene para visitar a Argélia em data a marcar.

A entrada do Istiqlal no Governo de Marrocos

Após uma cura de oposição de quase quinze anos, por vezes marcada por uma severa repressão, o partido do Istiqlal volta à política marroquina. Mais ainda, a sua presença no seio do governo, apresentado ao rei no dia 10 de Outubro pelo primeiro-ministro, Ahmed Osman, nada tem de simbólico. Sucessor de Allal El Fassi à testa da grande formação nacionalista, o advogado M'Hamed Boucetta aceitou a pasta dos Negócios Estrangeiros, posto este particularmente delicado devido à persistência do conflito do Sahara Ocidental.

Outros sete membros do Istiqlal são ministros ou secretários de Estado. Há um ano, tal situação seria inimaginável. Isto é, amplidão dos êxitos obtidos pelo rei Hassan II, cujos esforços para estabelecer as instituições parlamentares, longo tempo suspensas após o golpe de força que sacudira o regime, são hoje recompensados.

O soberano teria podido contentar-se apelando para personalidades sem marca política ou até para «independentes» a fim de formar a equipa governamental. Estes últimos, com 141 lugares em 264, detêm, sozinhos, a maioria absoluta do Parlamento. Ao fazer participar no Parlamento o gabinete do Movimento popular — que nunca contentou o regime — e mais ainda o Istiqlal, o rei quis, num momento particularmente delicado da história da sua pátria prosseguir na sua política de união nacional à volta do trono, inaugurada no momento da «Marcha verde», lançada em Novembro de 1975

para a recuperação das «províncias marroquinas espoliadas» do Sahara ocidental. Desde então que o Istiqlal não deixou de se aproximar do Ralácio, distendendo a pouco e pouco os elos que mantinha com as outras formações de oposição e principalmente com a união socialista das forças



Hassan II: as pazes com o Istiqlal são um êxito

populares, dirigida pelo advogado Abderrahin Bouabid.

A USFP seguiu um caminho inverso. Tomado por salvo quando das eleições legislativas de Junho, tanto pelos «independentes» como pelo seu antigo aliado, o partido de Bouabid só obteve dezasseis lugares no Parlamento, e o seu chefe teve um forte fracasso em Agadir AUSEP ficou diminuída e isolada, e vai agora constituir o essencial de uma

oposição em que se encontra na companhia do Partido do progresso e do socialismo de Ali Yata (comunista) do qual sempre se quis manter afastado.

O advogado Boucetta terá escolhido uma via mais fácil voltando aos negócios? Nada é menos certo. O seu partido sempre foi um acérrimo defensor da soberania nacional, assumindo neste ponto, com fidelidade, a herança de Allal El Fassi, defensor de um «Grande Marrocos» que se estendesse até ao Senegal. Tais pretensões já não estão, pelo menos oficialmente, na ordem do dia. Mas o Istiqlal não aprovou o acordo de Ifrane (1972), assinado pelo rei Hassan II e pelo presidente Boumediene, que reconhece à Argélia a posse de Tindouf.

Ao associar o Istiqlal ao poder, o soberano pode esperar não ser invadido de propostas nacionalistas. Boucetta vai pois jogar uma partida delicada. No plano interno, os ministros do Istiqlal vão ter de enfrentar, tal como os restantes colegas, uma situação económica e social preocupante, marcada por uma vertiginosa subida de preços, o défice crescente da balança comercial, a especulação imobiliária e das terras, e o crescimento das despesas militares.

Terá o novo governo meios bastantes para realizar as reformas de estruturas que lhe permita resolver tais problemas? Podemos perguntar a nós próprios se o Istiqlal, ao aceitar associar-se ao poder, não deverá caucionar uma política que até agora condenou.

(Le Monde)

PUBLICITY

Quinta da Luz

A 200 metros do Largo da Luz, junto à Circular do Campo Grande, no sítio ideal, existe a casa para si: 3 ou 4 assoalhadas e garagem privativa.

Sogel
sociedade geral de empreitadas lda

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

EUA retiraram-se da OIT

O presidente Carter dos EUA retirou ontem o seu país da Organização Internacional do Trabalho (OIT), assinalando assim a primeira retirada norte-americana de uma agência das Nações Unidas desde a fundação da Organização mundial em 1945.

Carter disse ter retirado o seu país da Organização, devido à OIT não estar já empenhada nos seus propósitos originais, que eram a melhoria da sorte dos trabalhadores de todo o mundo, e porque críticos afirmam que a OIT está a ser cada vez mais dominada pelos soviéticos e pelos países do Terceiro Mundo.

Os EUA estão prontos a regressar quando a OIT for novamente verdadeira para com os seus princípios e procedimen-

tos», declarou o presidente através de um comunicado lido aos jornalistas pelo secretário norte-americano do Trabalho, F. Ray Marshall.

O secretário norte-americano apresentou razões que estiveram na origem da decisão do presidente Carter: A OIT não tem aplicado níveis laborais iguais entre todas as nações do mundo; A agência frequentemente emite condenações sem a adequada investigação; A política entra muitas vezes nas considerações da OIT e as nações são condenadas por razões políticas estranhas. Como originalmente estabelecido, as delegações de cada país junto da Organização Internacional do Trabalho eram compostas por representantes do trabalho, indústria e governo e cada um

destes representantes eram indicados pelos respectivos dirigentes e, agora, muitas das delegações representam quase exclusivamente o governo.

Entretanto, nas Nações Unidas, em Nova Iorque, um porta-voz do secretário-geral Kurt Waldheim disse que a acção de Carter era um passo retrógrado e indicou esperar que os EUA voltem depressa à OIT.

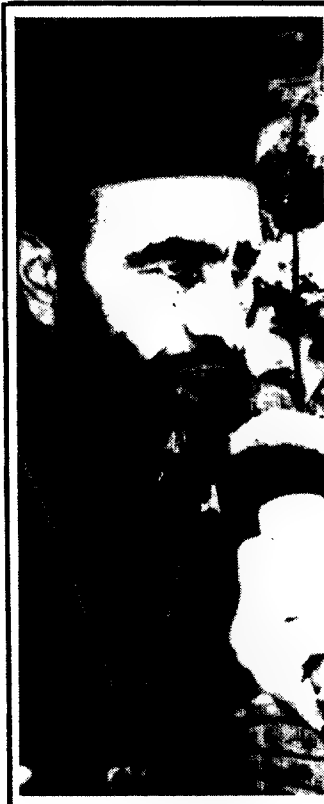
A decisão dos Estados Unidos é tanto mais desapontadora se a observarmos à luz do forte apoio afirmado pelo presidente Carter e pela sua administração às nações unidas, e ao fortalecimento da cooperação internacional», acrescentou ainda o porta-voz de Waldheim.

Por seu turno, e ainda em Nova Iorque, o director da Or-

ganização Internacional do Trabalho, Francis Blanchard, disse ter ficado triste e surpreso com a decisão de Carter.

Através de um comunicado hoje emitido, o director executivo da OIT, de nacionalidade francesa, declarou que a única maneira de fortalecer a comunidade mundial no campo do trabalho é a de lutar no seu seio e não fora da comunidade e que a Organização continua fiel aos seus princípios primários.

Ainda sobre este assunto e embora os ataques desenvolvidos pela OIT sobre Israel tenham sido uma das razões para o abandono da Organização pelos EUA, os responsáveis israelitas não têm a certeza se o seu país abandonará em seguida a agência.



Monsenhor Cappucci recusa libertação

Mons. Hilarion Capucci (que vemos na foto) foi libertado hoje de manhã pelo governo israelita, mas recusa-se a sair da prisão porque não quer ser expulso do país, indica-se de boa fonte em Telavive. Com efeito, segundo certas informações provenientes do Vaticano, o vigário patriarcal grego-católico de Jerusalém seria aguardado em Roma hoje ou amanhã. De mesma fonte, julga-se saber que as autoridades israelitas fazem todo o possível para convencer o Arcebispo a aceitar a sua libertação. Mons. Capucci já cumpriu três anos da sua pena de 12 anos de prisão a que foi condenado em Dezembro de 1974, acusado de transporte de armas por conta da Resistência Palestiniana.

Andrew Young apreensivo com África do Sul nuclear

Andrew Young, embaixador americano nas Nações Unidas, está convencido de que a União Soviética poderá ser tentada a fornecer armas nucleares aos vizinhos da África do Sul se o Governo de Pretória fizer explodir um engenho nuclear.

Numa entrevista para a televisão, o embaixador sublinhou que uma experiência nuclear sul-africana levaria prontamente os vizinhos da África do Sul a procurar obter armas nucleares onde quer que pudessem. É razoável presumir que po-

deriam obter armas nucleares muito mais sofisticadas do que as que a África do Sul é capaz de fabricar. E não seria necessariamente de nos que as adquiririam.

Interrogado se queria dizer que a União Soviética facultaria armas nucleares a países vizinhos da África do Sul, como Moçambique e Angola, respondeu: Penso que seria extremamente tentada a isso.

Referindo-se à ascensão da maioria ao poder, Young disse:

É uma ideia cuja hora sou e que já há muito deveria ter

sido aplicada e aceite em todo o Mundo.

No começo da entrevista, Young sublinhou: Não penso que haja a intenção, da parte de quem quer que seja, de tentar destruir a África do Sul. O que penso é que há a possibilidade de reforçar as pessoas sensatas e clarividentes dentro do país e demonstrar as que estão com medo e em pânico que o seu caminho racista de apartheid não vai resultar para elas, independentemente do que está a acontecer.

Aludindo à recente inter-

dição massiva do Governo de Pretória contra as organizações negras anti-apartheid», o embaixador americano observou que não se pode legislar contra o pensamento, nem se pode destruí-lo através da preparação militar. E acentuou:

Não há bomba atómica, nem quantidade alguma de gases lacrimogéneos, nem qualquer espécie de armamento convencional, que sejam capazes de vencer a batalha de ideias. E é essa a batalha que a África do Sul está a perder com o resto do mundo.

Milionário holandês libertado pelos raptadores

O multimilionário holandês, Maurits Caransa, raptado na passada sexta-feira, foi libertado pelos raptadores na noite de terça para quarta-feira em troca de um florim de dez milhões de florins (cerca de 170 mil contos), informou um porta-voz da Polícia da Holanda.

Caransa foi «transferido» da esquadra principal de Amesterdão para um outro destino, não revelado, acrescentou o mesmo porta-voz cerca das 2h30 de hoje. Na opinião dos observadores a expressão delibera-

da de «transferido» faz pensar que Caransa se encontra à disposição da justiça.

Este importante negociante, de 61 anos de idade, foi encontrado num bairro popular do centro de Amesterdão por uma mulher que o ajudou a chamar um táxi. Caransa chegou cerca das 2 horas da manhã à esquadra principal depois de ter permanecido 120 horas nas mãos dos raptadores. O multimilionário estava sorridente e aparentava boa saúde.

Sul-africanos arrasaram base em Angola

O Exército sul-africano arrasou uma base da SWAPO em Angola, matando pelo menos 61 guerrilheiros, anunciou, em Pretória, o Quartel-General da Defesa, acrescentando que na operação morreram cinco soldados governamentais.

O ataque prolongou-se por 36 horas e é considerado o mais grave desde que a SWAPO lançou a campanha pela independência da Namíbia, território administrado pela República da África do Sul por mandato da Liga das Nações

que a ONX deixou de reconhecer.

O ministro da Defesa, P.W. Botha, afirmou durante um comício eleitoral que os soldados sul-africanos pagaram um preço alto. Esperamos que os nossos soldados protejam as nossas fronteiras, e dêem as suas vidas como o fizeram nos últimos dias.

Segundo o ministro, o confronto entre o Exército e a SWAPO ocorreu na tarde do dia 27 do mês passado, quando uma patrulha das Forças de Segurança deparou com cerca de

80 guerrilheiros, num ponto não especificado da fronteira Namíbia-Angola (que se estende por 1.600 quilómetros). O combate registou-se na linha fronteiriça, simultaneamente em território sul namibiano e angolano, conforme se alargava e movimentava o campo de batalha. O confronto foi dado por findo na manhã do dia seguinte. A patrulha sul-africana pediu reforços quando foi alvejada a partir de duas posições da SWAPO.

Segundo informações do Mi-

nistério da Defesa, por outro lado, as Forças de Segurança sul-africanas estão abatendo uma média de cem guerrilheiros da SWAPO por mês.

Em princípio, Pretória concordou com a independência da Namíbia, território rico em diamantes e urânio, para fins de 1978. Exige, no entanto, um período de transição pacífico, culminando em eleições supervisionadas pelas Nações Unidas. A SWAPO, por sua vez, pretende a imediata retirada sul-africana.

Sanções económicas vetadas pelo Ocidente

Os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França vetaram no Conselho de Segurança três resoluções africanas que impunham severas sanções económicas à República da África do Sul, mas concordaram pela primeira vez em apoiar um embargo de armas ao regime de Pretória.

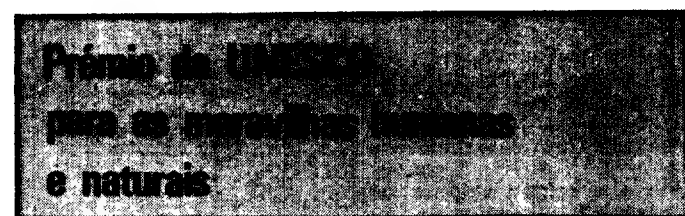
As resoluções, a serem adoptadas, equivaleriam a declarar um «prático estado de

guerra com a África do Sul», segundo o embaixador norte-americano Andrew Young.

Os países africanos (Libia, Benin e Maurícias) pediram um embargo completo, não só de armas, mas que atingisse os investimentos, empréstimos, créditos de exportação-importação e cooperação nuclear.

A votação foi de 10-5 favorável a Pretoria nas três resoluções.

No entanto, as três potências referidas aliaram-se depois à Alemanha Federal e Canadá para pedirem um boicote de armas, que seja válido inclusivamente para os países não representados na ONU.



A UNESCO, Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas, promoverá este mês um concurso novo e não-político: o da maior maravilha feita pelo homem ou pela Natureza.

Os países membros da UNESCO podem concorrer com «riquezas inestimáveis e insubstituíveis não só para o seu país mas para a Humanidade em geral».

Os vencedores serão anunciados após uma reunião do Comité da Herança Mundial da UNESCO, composto por quinze países, que terá lugar em Washington, em Setembro de 1978.

As maravilhas vencedoras serão marcadas por placas da UNESCO indicando que fazem parte da herança mundial, e os países que as possuem serão obrigados a proteger e conser-

var para sempre estas suas poses. Aqueles que provem não ter meios para o fazer receberão subsídios do fundo da herança mundial da UNESCO.

Os candidatos podem ser riquezas naturais como as planícies Serengeti da Tanzânia, cheias de animais selvagens, as ilhas Galapagos, a Oeste do Equador, outra reserva de animais selvagens, ou o Pico do Everest, a montanha mais alta do mundo, no Tibete.

E podem ser monumentos feitos pelo homem, como o monumento «Stonehenge», megalítico da Grã-Bretanha, as cidades de Veneza ou de Jerusalém, o Palácio do Taj Mahal na Índia ou as Pirâmides do Egipto. Também podem concorrer monumentos recentes, como o arranha-céus desenhado pelo arquitecto Louis Sullivan em St. Louis, no Missouri.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

TEM BOM GOSTO?

Visite a nossa exposição de mobiliário de vários estilos, jogos de maples, lustres, candeeiros, bibelots, quadros a óleo e grande variedade de artigos decorativos

Galeria Actual - Móveis e Decorações
AVENIDA DA REPÚBLICA, 12 (JUNTO SALDANHA)

Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

Dirigente sindical ameaça Callaghan

Arthur Scargill, líder dos mineiros do carvão na Grã-Bretanha, avisou subitamente hoje o primeiro-ministro James Callaghan, de que os mineiros podiam derrubar o seu governo, se interferisse no diferendo criado pelas suas reivindicações de um aumento salarial de 90 por cento.

«O sr. Callaghan deve recordar-se que o governo Heath (a anterior administração conservadora de Edward Heath) ten-

tou interferir no processo dos contratos colectivos livres em 1974 e que isso levou à sua derrota nas eleições gerais», disse Scargill aos jornalistas.

O governo britânico decretou, recentemente, um conjunto de medidas anti-inflacionárias incluindo a limitação de aumentos salariais superiores a 10 por cento, embora permitindo excepções desde que ligadas a uma maior produtividade.

60.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

Brejnev propõe suspensão total de ensaios nucleares

O presidente da URSS, Leonid Brejnev, inaugurou hoje as comemorações do 60.º aniversário da Revolução de Outubro, numa cerimónia conjunta com personalidades destacadas do PCUS e líderes governamentais. O discurso foi proferido perante o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, e os Sovietes Supremos da URSS e da Federação Soviética. Presentes ainda mais 123 delegações que representam 104 países.

A cerimónia foi realizada no Palácio dos Congressos, no Kremlin, profusamente embandeirado.

No seu discurso, Brejnev afirmou que a URSS está pronta a chegar a um acordo com outras potências nucleares sobre a total suspensão de ensaios atómicos mesmo a título pacífico, uma questão que tem obstruído a conclusão de um tratado sobre a proibição total das experiências. Notou que esta proposta seria «avaliada correctamente» pelos interlo-

cutores de Moscovo nas conversações de Genebra.

O líder soviético, que em Dezembro completará 71 anos, declarou que as relações internacionais se achavam, actualmente, numa «espécie de cruzamento» que poderia conduzir à paz ou a «um equilíbrio ainda mais perigoso, quase à beira da catástrofe». Continuou, salientando que «seria um crime perder a oportunidade de estabelecer uma paz genuína» e acusou implicitamente os Estados Unidos da responsabilidade pelo prosseguimento da corrida aos armamentos e pelo desenvolvimento de novas armas de destruição. Entretanto, deixou claro que a URSS dá muita importância às relações com os EUA, advertindo que «se acentuarmos as contradições e procurarmos impor opiniões um ao outro, isso provocará apenas o fomento da desconfiança e da hostilidade desnecessárias» aos dois países e à paz geral.

Brejnev criticou implicitamente algumas das opiniões e políticas expostas por partidos «eurocomunistas» por Europa Ocidental, asseverando que o termo «internacionalismo proletário», uma designação que alguns partidos deixavam de usar, não podia ser abandonado sem causar sérios prejuízos ao movimento revolucionário mundial. Sugeriu também que um «afastamento das leis gerais do socialismo, incluindo o «internacionalismo proletário», poderia levar outros partidos ao que classificou como «consequências graves», e citou a China como exemplo. «Pequim aliou-se às forças da reacção na arena mundial... e os ganhos socialistas do povo chinês ficarão seriamente em perigo». Nessa altura, Wang Yu-Ping, embaixador da República Popular da China em Moscovo, abandonou a sala. Note-se que nenhuma delegação oficial chinesa assiste às comemorações. Contudo, Brejnev continuou no mesmo assunto, mas noutro tom: advertiu «certos dirigentes de países capitalistas» que contam com a continuação da degradação das relações entre a URSS e a China, dizendo que praticam uma «política de vistas curtas. Aqueles que a seguirem poderão muito bem ver errados os seus cálculos».

A seguir, o presidente da União Soviética disse que os países comunistas eram «os amigos firmes e de confiança dos Estados do Terceiro Mundo», afirmando que estes terão «o auxílio e o apoio máximos para o seu desenvolvimento na senda do progresso». Acrescentou: «Isso significa não apenas apoio moral e político mas também económico e nos aspectos de organização, incluindo auxílio para fortalecer as suas defesas».

No seu discurso de uma hora e meia, várias vezes interrompido por entusiásticos aplausos, Leonid Brejnev dedicou largo espaço aos assuntos internos da URSS, nomeadamente aos relativos à produção de alimentos (colheita de 1977

prevista: 194 milhões de toneladas de cereais), questões de planeamento interno e de desenvolvimento de regiões, particularmente da Sibéria.

As ausências mais notadas nas comemorações do 60.º aniversário da Revolução de Outubro são as da China, Albânia e Camboja. Além disso, alguns partidos comunistas estão ausentes dos 114 convidados. O representante de PC japonês não confirmou se o seu partido enviaria uma delegação. Quanto aos «eurocomunistas», Enrico Berlinguer (PCI), que está em Moscovo desde sábado, regressará na próxima sexta-feira; Santiago Carrillo (PCE), chega hoje, após o discurso, e Georges Marchais, não comparecendo, envia dois elementos do «Bureau Politique» do PCF (Paul Laurente e Jean Kanapa).

Para outros partidos, a questão é mais complicada pela existência de cisões. No caso da Grécia, só a organização de Florakis estará presente e não o partido dito «do Interior». Quanto aos suecos, o ortodoxo A K P de Rolf Hagel e os dissidentes VK P foram convidados, mas só o primeiro chegou ontem a Moscovo. O segundo, que será acompanhado por Carl Hermansson, um dos «chefes históricos» do comunismo sueco, só chegará hoje à tarde.



O ideal da paz foi uma vez mais reafirmado pelo dirigente soviético, Leonid Brejnev, no importante discurso que proferiu na abertura das cerimónias comemorativas do 60.º Aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. O dirigente do Estado e do Partido Comunista da URSS propôs a suspensão total dos ensaios nucleares, mesmo daqueles que se fazem com intuítos pacíficos. Abordando o tema das relações com Washington, Brejnev advertiu que se está numa encruzinhada: ou se caminha para a paz ou para um desequilíbrio susceptível de nos conduzir ao abismo da guerra. Na foto: Brejnev discursando em Outubro de 1973 perante a Conferência Mundial das Forças da Paz que então se reuniu na capital soviética. Nessa reunião como na sessão inaugural das comemorações da Revolução, Brejnev acentuou a importância decisiva para todos os povos do desanuviamento e dos caminhos que conduzam à paz.

Nova substância anticancerígena

Investigadores da universidade de Concepcion, no Chile, descobriram uma nova substância com características anticancerígenas. Esta substância foi obtida a partir da planta denominada Hippeastrum Ananuca, vulgarmente conhecida apenas pelo seu segundo nome.

O estudo foi produto dos

esforços conjuntos de cientistas da universidade chilena e da universidade cristã do Texas.

O dr. Silva, da universidade de Concepcion, afirma que é um dos alcalóides componentes da Planta, a «Licornia», o responsável pelas propriedades anticancerígenas da Ananuca.

TELEX TELEX TELEX

DÓLAR E LIBRA - O dólar americano recuperou hoje algum terreno face ao yen em transacções caóticas na Bolsa de Câmbios de Tóquio depois de atingir um mínimo recorde logo após o início das transacções. As taxas de câmbio flutuaram desordenadamente, tendo a moeda americana começado por descer a 245,20 yen comparado com o mínimo anterior de 247 yen no encerramento de ontem. Mas o yen

perdeu força em transacções posteriores quando o Banco do Japão adquiriu aproximadamente 50 milhões de dólares.

Por sua vez, o valor da libra esterlina aumentou hoje drasticamente nas transacções em Paris, passando de 8,605 na sexta-feira para 8,855, declararam negociantes.

ENERGIA SOLAR - A energia solar é a única alternativa à futura escassez mundial de petróleo - disse um perito da comissão económica da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP), de passagem por Madrid. O técnico, que pediu para não ser identificado, salientou que o consumo mundial de combustível triplicou nos últimos 25 anos. O do petróleo e gás aumentou o quintuplo e a electricidade cresceu quase sete vezes.

BOMBA DE NEUTRÕES - O general Alexander Haig Jr., comandante supremo das Forças da NATO na Europa, afirmou ontem que dentro em breve seria conhecida a decisão sobre se o Pacto Atlântico empregaria a bomba de neutrões.

CARTER - Há cada vez mais americanos que pensam que o presidente Carter é incapaz de restabelecer a confiança no governo, segundo revela uma sondagem publicada hoje pelo «New York Times». Estes americanos desiludidos são agora 51 por cento. Em Abril passado havia 70 por cento de americanos que confiavam no presidente Carter.

Pilotos aéreos satisfeitos com a ONU

Derry Pearce, porta-voz da Federação Internacional das Associações de Pilotos das Linhas Aéreas (FIAPLA), acolheu hoje com agrado a condenação da pirataria aérea pela Comissão Política da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Ao ser-lhe perguntado se a FIAPLA levantara agora definitivamente a sua ameaça de greve, o comandante Pearce respondeu: «A situação será agora analisada pelos elementos principais da federação».

A comissão de 149 países discutiu a questão da pirataria aérea, após os pilotos ameaçarem com uma greve de 48 horas por causa do assalto a um avião alemão ocidental de passageiros, cujo comandante foi abatido a tiro.

Pearce declarou hoje à Reuters: «O que se passou indica que a ONU escutou a voz dos povos de todo o Mundo, que manifestaram a sua grave preocupação acerca do problema».

Pense bem. Porque é a Cultura uma arma tão importante?

Porque contribui para que o povo e as classes trabalhadoras se libertem do obscurantismo, repudiem a demagogia e combatam a opressão. Leva aos explorados o conhecimento das causas e dos responsáveis pela exploração de que são vítimas. Você sabe que o imperialismo, o capitalismo e a grande burguesia tentam por todos os meios impedir o acesso das classes laboriosas à Cultura. Subvertendo-a ou boicotando os seus meios de produção e divulgação.

Aqui, entramos nós.

Por isso somos o semanário que mais divulga a actividade cultural.

Todas as quartas-feiras.



teatro do bairro
alto

R. Ten. Henri
Cascais
Tel. 661515 689205

teatro da Cornucópia

Carimiro e Carolina
de
Odón von Horváth

5.º MÊS

ÚLTIMAS SEMANAS

Todas as noites às 21 e 45
Sábados às 18 e 21 e 45
Domingos só às 18

Subsídio da SEC

Hoje



Terá hoje o F. C. Porto a mesma alegria no jogo que disputa em Inglaterra contra o Manchester?

I PROGRAMA

1.º Período

15.15 Abertura e Curso de Monitores.
18.00 Fecho.

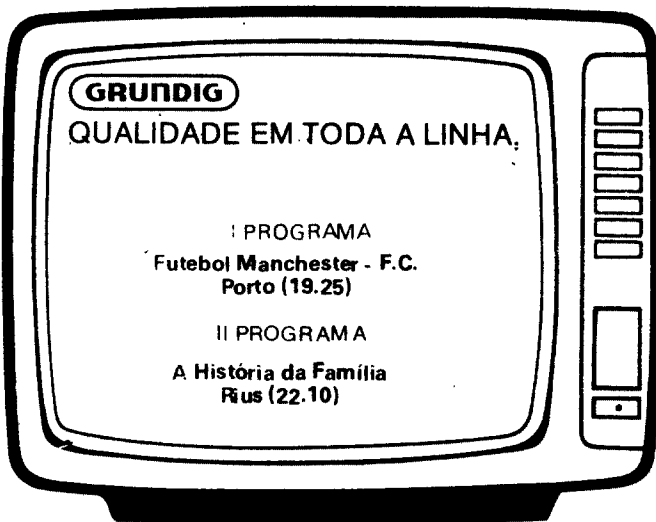
2.º Período

18.30 Abertura e Telejornal. 1.ª edição.
18.40 O Circo Pepinelo.
18.50 Uma Cidade sobre o Rio Scalda — Antuérpia.
19.25 Eurovisão. Transmissão directa do jogo Manchester-FC do Porto (2.ª mão dos oitavos de final da Taça dos Vencedores das Taças) comentário do enviado especial da RTP Nuno Braz
21.20 Telejornal. 2.ª edição.
21.55 Boletim Meteorológico.
22.00 Gabriela. Episódio n.º 121.
22.50 O Orfeão Portuense. Documentário realizado por Correia Alves.
23.20 Telejornal. 3.ª edição.
23.40 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 Telejornal. 2.ª edição.
21.30 Gabriela. Repetição do episódio n.º 56.
22.10 A História da Família Rius. 1.º episódio. Interpretes: Fernando Guillen, Maribel Martin, Victoria Vera, Emilio Gutierrez Caba, Ramiro Oliveros, Nadala Baptista e Jorge Serrat. Realizador: Pedro Amalio Lopez.
23.20 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período

17.15: Abertura e Curso de Monitores; 18.00: Fecho.

2.º Período

18.30: Telejornal. 1.ª edição. 18.35: Os Paladinos. 18.55: Aventuras dos Hardy. 19.30: Tropicália. 20.00: Telejornal. 2.ª edição. 20.35: Gabriela. 21.10: Boletim Meteorológico. 21.15: Telefutebol especial. Resumos dos jogos BK 1903 - Benfica e Manchester - F.C. Porto. 21.30: Colditz. 22.10: Andre Malraux. 22.50: Telejornal. 3.ª edição. 23.15: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Telejornal. 21.35: Gabriela (repetição). 22.10: Banda Sinfónica Nacional Portuguesa - Casablanca. 23.00: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 3

Canal da Crítica

O QUÊ! A CAMPANHA ELEITORAL JÁ COMEÇOU?

Por MARIO CASTRIM

Aquilo a que ontem assistimos na primeira parte do «Mo-saico» é daquelas coisas em que não acreditaríamos se não vissemos com os que a terra há-de comer.

Uma delegação do Partido Popular Europeu, ou seja, a Federação dos partidos democratas-cristãos, aceitou o convite para uma mesa-redonda na Televisão Portuguesa e vai disto: toca a fazer a propaganda do CDS, das suas altas qualidades democráticas, do seu peso na situação política do nosso país, que Freitas do Amaral goza de grande reputação no estrangeiro que o CDS desempenha um papel preeminente na Europa, segundo as palavras de Von Hassel, o conhecido reaccionário da Alemanha Federal, etc., etc.

Estamos em presença de uma descarada intromissão nos assuntos internos do nosso país praticada por estrangeiros, num órgão de comunicação subordinado ao Estado português. Isto é inadmissível. Revoltante.

Não seja ninguém tão inocente que retire culpas ou responsabilidades aos dirigentes da RTP. Uma iniciativa de convidar uma delegação de tal forma comprometida, não se toma subalternamente ou de ânimo leve. Inúmeras delegações de Paz, das Mulheres do apartheid, etc., etc., têm visitado o nosso país sem que se verifique o convite para a sua presença na Televisão. A ligação destes sujeitos ao CDS era mais que conhecida e a propaganda deste partido e a ingerência nos assuntos internos do nosso país era mais que previsível: era certa.

Numa altura em que o CDS perde audiência e capacidade de decisão, esta visita e esta entrevista enquadram-se numa forma de pressão evidente. Eis como alguns milhões de portugueses ouviram cantar hossanas democráticas a um partido onde se albergam terroristas, e desordeiros, a um partido que não votou a Constituição e que aguarda a primeira oportunidade para a eliminar. Um partido cujo mandão disse pela TV, alto e bom som, que não era socialista e que nada faria pelo socialismo.

Para «democracia», não está nada mau. Infelizmente, esta palavra é mais elástica do que uma pastilha. Tão elástica que intê já chega ao CDS.

O imunda Televisão ao que tu chegaste...

DE QUEM NÃO SERÁ O REINO DOS CÉUS

A intromissão nos assuntos internos do nosso país não se quedou pela intervenção do fascista Von Hassel. O italiano Giovanni Boano também deu o seu golpe. De maneira algo curiosa e complementar à de Hassel: enquanto este endeu-sava a direita, Boano atacava a esquerda. Eles dois, intem-dem na divisão das forças.

Assim, ouvimos a reunião de convivência entre a Democracia Cristã e o Partido Comunista Italiano pelo facto de este partido ser muito firme entre os trabalhadores e além disso aceitar as regras do capitalismo político, a economia do mercado, a integração na Europa, etc.

Daqui se depreende que, no nosso país, sendo dada a representatividade do PCF junto dos trabalhadores a defesa intransigente que ele faz do pluralismo político (a ponto de propor negociação com todas as forças políticas interessadas na democracia e no combate à crise económica) a presença do PCP nos escalões mais altos de decisão fosse in-

dispensável.

Mas o sr. Boano acha que os comunistas italianos são bonzinhos, enquanto os portugueses são umas pestes, são os mauzões da fita embora, comicamente, declare logo a seguir que não conhece bem os comunistas portugueses...

São uns pândegos, estes cavalheiros. Por um lado, censuram o PCP por, segundo eles, seguir um partido comunista estrangeiro, por outro lado, censuram-no por não seguir outro partido comunista estrangeiro...

Quanto à alusão a Álvaro Cunhal ela é tão sem consistência, tão leviana, tão intencionalmente deformada que mais se parece com uma calúnia.

A provar que para certos «democratas» todas as armas, as mais sujas, servem. De uma coisa podem eles estar seguros: um «cristão» assim nunca entrará no reino dos Céus.

Entrará, quando muito, no reino da RTP. E é um pau

DÊM-NOS BRITA E VÃO VER

Emissão importante, a vários níveis, foi aquela dedicada ao concelho da Sertã. A vimos. Televisão a sério, porque vimos, o nosso povo a sério, os nossos problemas, a nossa realidade que espera a transformação. Vimos as carências mais fortes: a falta de electricidade, de água, de assistência, de protecção no trabalho, de respeito pela pessoa humana. Ou seja: tivemos diante dos nossos olhos a radiografia de um País governado durante dezenas de anos por aqueles que são legítimos ascendentes de-

um partido tão louvado, a nível internacional, pela sua actual «democracia».

As cenas da reunião na Câmara são impressionantes de força popular, de autenticidade. As populações, depois do processo da Dinamização cultural de 1975, começaram a tomar consciência de si próprias, do seu poder. Aqueles rostos começaram a movimentar-se, a ocupar o seu lugar num puzzle que também era um rosto! o rosto de Ramiro Correia...

Igualmente não devem ser esquecidas as palavras do sacerdote! as pessoas da região dão muito valor à propriedade privada, são desconfiadas em relação ao cooperativismo, viveram sempre da sua terrinha, habituaram-se a contar só com ela.

O sacerdote diz-nos que o 25 de Abril trouxe à Igreja mais oportunidade de realizar a sua missão. Mas agora as pessoas têm mais desconfiança em relação ao 25 de Abril, há uma forte tendência de juventude para a direita, os trabalhadores da terra não viram nenhum dos seus problemas resolvidos.

Que os responsáveis deste País tomem bem conta, nestas palavras e vejam a cabala gigantesca que se está a montar para quebrar a esperança do nosso povo, para lhes arrancar o 25 de Abril do coração: cabala que passa pela destruição da Lei do Arrendamento Rural, pela entrega forçada de terras aos agrários pelas desintervenções, pela propaganda dos partidos de Direita no seio da Televisão portuguesa, o 25 de Abril não presta, o CDS é que é bom...

E no entanto, a força colos-

sal do nosso povo esta apta a entrar em acção. Com ela, tudo se resolverá. Sem ela, nada será possível. Viram ontem aquele camponês da Sertã? Os caminhos são péssimos, a Câmara como claramente nos disse o presidente de Câmara, Angelo Soares Bastos, não tem capacidade de resposta? Pois bem, dêem-nos brita que a gente faz.

Brita. Brita para o nosso povo. Com o seu braço poderoso, o povo português construirá o seu futuro. Vale mais a mão calejada dos trabalhadores do que cem mil empréstimos gigantes ou semigigantes.

Um pormenor: o inquérito foi excelentemente conduzido por um repórter que existia na Televisão portuguesa chamada Avelino Rodrigues. Que será feito dele?

Por outro lado, o documentário foi altamente valorizado pela locução maravilhosa. A voz, de uma grande riqueza expressiva, fazia lembrar a de um grande nome da Rádio e da Televisão chamado Luis Filipe Costa. Trata-se de uma descoberta sensacional que deve ser acarinhada pela RTP. Locutores com tamanha qualidade não aparecem todos os dias. O que não quer dizer, é evidente, que a RTP não tenha por lá melhores locutores e apresentadores do que Luis Filipe Costa. Tem, sim senhor. Tem pelo menos vinte melhores do que ele.

(Pchiu! Não me façam rir que sou viúvo.)

P.S. Devido ao feriado, so amanhã poderá ser publicado o comentário à «Visita da Cornélia». Desculpem-me. M. C.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS SECRETARIA DE ESTADO DA POPULAÇÃO E EMPREGO Direcção-Geral do Emprego

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE EMPREGO
CENTRO DE LISBOA

COMUNICADO A DESALOJADOS

Os desalojados recenseados e residentes no Concelho de Lisboa que tenham levantado já as CREDENCIAIS, deverão dirigir-se, de novo, à rua Almirante Barroso, n.º 15-B, das 9 às 12 horas e das 14 às 17,30 horas, nos dias a seguir indicados e de acordo com o número da credencial

Mês de Novembro	Número de Credencial
DIAS	
2	1 a 350
3	351 a 700
4	701 a 1050
7	1051 a 1400
8	1401 a 1750
9	1751 a 2100
10	2101 a 2450
11	2451 a 2800
14	2801 a 3150
15	3151 a 3500
16	3501 a 3850
17	3851 a 4200
18	4201 a 4550
21	4551 a 4900
22	4901 a 5250
23	5251 a 5600
24	5601 a 5950
25	5951 a 6200
28	6201 a 6450
29	6451 a 6700
30	6701 a 6950
Mês de Dezembro	Número de Credencial
5	6951 a 7200
6	7201 a 7450
7	7451 a 7700

AVISO:

Só os desalojados recenseados que levantarem as credenciais até 31 de OUTUBRO de 1977 terão direito, verificadas as demais condições, à aplicação retroactiva do subsídio de desemprego, excepto aqueles desalojados a quem não foram entregues credenciais e que aguardam convocação deste Centro.

VASTO E ESTRANHO (É O) TEATRO

Velhos e novos autores

Este X Festival de Sitges caracteriza-se, entre outras coisas, pelo número de textos de novos autores espanhóis apresentados pelos grupos das várias nacionalidades hispânicas. A par dos velhos autores, como o galego Castelão e o sueco Strindberg, e ainda o já conceituado argentino Jorge Diaz, sem falar no nosso Gil Vicente e em Augusto Boal, surgiu uma teoria de gente pouco ou nada conhecida a demonstrar o interesse dos escritores espanhóis pela criação teatral. Trata-se dum facto positivo embora tenha, como é natural, uma contrapartida negativa: a excessiva tolerância na selecção dos textos conduz, quase inevitavelmente, à realização de espectáculos pouco ou nada interessantes, o que por aqui se viu.

Referirei, a propósito, o grupo Taiga, de Santa Cruz de Tenerife, das Canárias, que apresentou uma peça dum autor jovem (suponho) intitulada «Se que no son pulgas nem gusanos». Texto pretensioso, procurando abarcar os grandes temas de actualidade através de duas personagens que constituem como que a representação duma humanidade condenada pela civilização que ela própria criou. Num cenário dominado pelo plástico que se prolonga pela sala, havia ao centro do palco uma espécie de envólucro espacial, feito do mesmo plástico, dentro do qual dois seres larvares, mais ou menos disformes, dialogavam e lutavam por aquilo a que o autor chama, no programa, «A fuga e a integração»; a evasão e o compromisso». Esse diálogo e essa luta prolongavam-se quando as duas personagens — homem e mulher como na Bíblia — rompiam o casulo e continuavam um percurso de um mundo solitário para um mundo povoado. Nessa luta não houve vencedor nem vencido porque ambos acabaram por entender que é da solidariedade que depende a salvação. Nessa altura atin-

Por Carlos Porto

giam a cidade, a civilização, com os seus ruídos, os seus chrios, os seus combates mortíferos. Há, então, a projecção de um filme que nos mostra os sinais da civilização mecânica e destruidora (a selva da cidade, com os seus arranha-céus e os seus automóveis). E é, prosaicamente atropeladas que as nossas personagens morrem.

Esqueçamos, pois, este espectáculo, mais ou menos metafísico, e falemos antes de um outro apresentado pelo grupo «Pespis, Pequeno Teatro», de Málaga, com a peça de Strindberg, «A Dança da Morte». Embora não se trate de um espectáculo totalmente original pelo tipo de adaptação e pelas propostas cénicas utilizados, contém elementos suficientemente fortes e conseguidos para interessar. Embora a referência não tenha surgido, parece-me que o grupo foi buscar algumas das ideias da encenação à recriação de Dusenmatt «Play Strindberg» (encenada na Casa da Comédia por Jorge Listopad), o que não significa que o espectáculo não contenha propostas originais. Iniciando-se na sala, entre os espectadores, essa primeira cena revela já o seu sentido paródico e a sua força. Trata-se dos convidados que aguardam os noivos que vão celebrar o casamento, acto que decorre com essas personagens ajoelhadas no prosa-cénio, viradas para a sala e o padre e os convidados entre os espectadores. Depois do casamento, há a festa, com valses de Strauss. Cadeiras, uma mesa com um telefone vermelho, constituem o cenário. As duas personagens principais sentam-se ao centro rodeadas pelos convidados que vão funcionar como assistentes de um combate de boxe. Sucessivamente, cada um deles anuncia, depois do toque num «gong», o número do respectivo

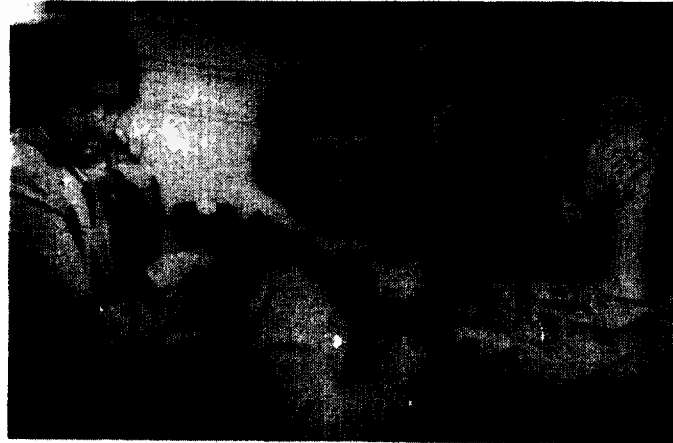
«round», pois que, efectivamente de um combate se trata. A ternura, primeiro, o ênfase, logo a seguir, a cólera, o ciúme, a indiferença, o ódio, seguem-se de acordo com o texto e tendo como principal objectivo a denúncia da motivação burguesa do casamento. O espectáculo termina, depois duma aparente reconciliação do casal, com este e os comparsas pegando-se fortemente à pancada. Nessa altura, o teatro é invadido por outros figurantes que fingem disparar armas para o palco, fazendo-se assim a ligação entre aquele caso aparentemente banal e a realidade globalizante, em que a burguesia surge como factor de desencadeamento da violência e da guerra. Bom trabalho dramático, embora pouco original, boa encenação, bom trabalho de intérpretes, sobretudo dos dois principais.

CIPE LINCOVSKY

À margem do Festival, a actriz argentina Cipe Lincovsky, actualmente exilada em Madrid, apresentou um espectáculo intitulado «Kabaret literário». Intérprete de grandes autores, de Ibsen a Brecht, tendo estado durante bastante tempo no Berliner Ensemble, Cipe Lincovsky é uma destas personalidades capazes de dominar, num abrir e fechar de olhos, uma cena e uma plateia. Contando anedotas, cantando, evocando figuras populares do teatro argentino, conversando, dançando, a actriz revelou extraordinários dotes de profissional, como mediante e como cantora. Foi, posso dizê-lo, um grande momento de teatro.

CONVERSAS SOBRE TEATRO

Aos colóquios programados, aquele que despertou mais interesse foi o que teve por tema a América Latina. Apesar da secção argentina ser débil por reatamento dos actores argentinos presentes na mesa, e apesar da ausência de Augusto Boal, esse colóquio teve que ser prolongado no dia seguinte. Como sempre foi o Chile que levantou mais curiosidade e emoção. Duas actrizes chilenas, que viveram a Unidade Popular, procuraram responder às perguntas sobre o que foi essa maravilhosa e inesquecível experiência que o imperialismo internacional impediu de levar às suas últimas consequências.



Ocultar a necrose sob uma aparente agitação ou a rota sepulcral do cinema comercial francês

"AS BELAS MULHERES DOS OUTROS"

de Yves Robert

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA:
Título Original: Un elephant, ça trompe énormément...
Realização: Yves Robert (França-1976)
Argumento: Jean-Loup Dabadie e Yves Robert (diálogo: J.-L. Dabadie)
Fotografia (eastmancolor): René Mathelin
Cenários: Jean-Pierre Kohut-Svelto
Música: Vladimir Kosma
Interpretação: Jean Rochefort (Etienne), Claude Brasseur (Daniel), Guy Bedos (Simon), Victor Lanoux (Bouly), Daniele Delorme (Martha), Anny Duperey (Charlotte), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes
Cinema: Londres
Classificação: Não acons. men. 13 anos

A produção cinematográfica «mercado comum» que a Europa consome e aplaude começa a pautar-se por critérios repetitivos. Como denominador uma qualidade industrial, como numerador uma forma particular de falar superficialmente de coisa nenhuma, tal parece ser a rota integrada que, de Itália à França, da Alemanha Federal à Inglaterra o cinema vai trilhando. Rota que tem imagens estreitas: o porno de série e o filme «classe média» onde a burguesia dá de si a imagem favorável que gostaria de ter.

As Belas Mulheres dos Outros é apenas um dos muitos exemplos que todas as semanas por aí chegam. Um exemplo nem sequer particularmen-

ADOQUE

TRES MESES DE GARGALHADAS

O CALINAS CALA A BOCA!

Uma Revista de VIVER a Rir!

ERMELINDA NICHOLSON
 HENRIQUE VIANA
 MAGDA MARIA TAVARES
 FATIMA VELOSO
 FERNANDO OLIVEIRA
 MARIA N'ZAMBI
 VASCONCELOS VIANA
 CARLOS QUEIRÓS

no MARTIM MONIZ
 TODAS AS NOITES
 às 20.30 e 22.45
 «MATINÉES»
 AOS DOMINGOS
 M 18 Anos ☆ T. 874476

DATSUN 1200

Vendo.
 Trata pelo telef: 78 89 10
 a partir das 17 h.

Em CASCAIS, o DIÁRIO DA LISBOA é vendido na LIVRARIA GALILEU Av. Valbom, 24-A.

os Bonecreiros

Representam

«Trata-se de um bom trabalho, correcto e eficaz». — Carlos Porto.

«Muito aplaudida a peça por um público entusiasmado». — «O Diário».

4.ª, 5.ª feira e sábado às 21.30 horas

6.ª feira, 4 — Sessão musical com

TRIO ZÉ FERRUGEM

RUA ANTÓNIO MARIA PAIS, 6-A — Moscavide
 Telefone 251 50 07

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

Ter. a Sáb. às 21.45 h.
 Dom. às 17 h.

O VENTO nas RAMAS do SASSAFRAS

DE R. OBALDIA
 Enc. C. AVILEZ
 Na SOC NAC. BELAS ARTES
 R. Barata Salgueiro
 T. 4 12 93
 SUBSIDIO DA SEC

SÁBADO · 5 DE NOVEMBRO, ÀS 21.10 H.
 R.T.P. · 1.º PROGRAMA

SHOW



MALVINA TONICO BASTOS
 ELISABETH SAVALLA FU. VIC. STEFANINI

CHICO ANÍSIO

ESPECTÁCULO GRAVADO NO TEATRO MONUMENTAL
 DIA 4 DE NOVEMBRO, ÀS 22 H.

AVISO

HOMENAGEM AO TEMERÁRIO E VALENTE DOMADOR

RIBAS

Sexta-feira às 19.45 render-se-á homenagem ao domador Ribas que foi atacado pelos leões durante um espectáculo.

Por este motivo todos os artistas que queiram participar nesta homenagem podem pôr-se em contacto com a direcção do Coliseu para a sua inscrição e participação no Grande Fim de Festa que terá lugar no final do espectáculo.

te interessante, apenas decalcado de tantos e tantos outros filmes de sucesso garantido um filme que nem atinge a solidez formal de Santet nem a agudeza crítica de Scola, antes deambula pela facilidade, pela simpatia inodora e indolor, como uma carícia, que se faz a um gato, á espera que o gato a aprecie e goste. O gato gosta e ronrona (um milhão de entradas em Paris — lê-se num cartaz à porta do Londres).

Não sei se vale a pena dizer que o esquema deste filme é traçado à medida para o sucesso sem problemas. E que a ideia que se dá no casamento e da sua transgressão, do desejo e da juventude, da carreira social e dos horizontes da vida é reduzida ao nível da anedota, do pequeno gag do fait-divers sem cor nem violência nem vitalidade. E que os actores fazem os seus «números» individuais com o cabotinismo próprio deste tipo de filmes (onde apenas Anny Duperey introduz um pouco de requinte e de distância).

Sei que não vale a pena perder muito tempo com críticas adiadas mas moço que entretidos e a fazer que nem um por sob a palidez inconfundível. É já a necrose que avança.

tel. 320000
 TRINDADE-INATEL

CO AUTOR DE

O PAGADOR DE PROMESSAS

O SANTO INQUÉRITO

A. DIAS GOMES

JOAQUIM BENITE

TOUS OUS DAS 4.30

DOMINGOS AS 16.30

SEGUNDA-FEIRA DE DESCANSO

ANTÓNIO ASSUNÇÃO

GUIDA MARIA

JOÃO GUEDES



ATENÇÃO

CALENDÁRIO DOS ESPECTÁCULOS NO MÊS DE NOVEMBRO

Período de 2 a 17

Últimas e definitivas representações de

«O SANTO INQUÉRITO»

18, 19 e 20, CENTRO CULTURAL DE ÉVORA com o original de William Shakespeare

«MEDIDA POR MEDIDA»

22 a 27, PROSCENIUM Grupo de Teatro do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa com

«O AVARETO» de Molière

TAÇA DOS CAMPEÕES: ÀS 18 HORAS EM COPENHAGA

Benfica: o salto de um fosso

Aproxima-se a hora: será que (finalmente) ao fim de dois anos sem um gol marcado para a Taça dos Campeões Europeus o Benfica sai dessa apaga e vil tristeza de só fazer tentos na marcação de penal-tis?

A incógnita durará pouco tempo: às 18 horas de Lisboa (esta tarde) um BK 1903 altamente moralizado pelos 3-1 conseguido face ao credenciado KOB que anda envolvido nos negócios da Taça das Taças, tentará satisfazer as poucas entusiasmasdas vinte mil pessoas que cabem laudamente num estádio conce-bido para 50 000 espectadores.

De facto, por aqui tudo espera que o Futebol Club Benfica (como está escrito nos bilhetes e em toda a publicidade do jogo) ainda não seja desta vez que faça um tento nas malhas contrárias em negócio que po-de valer para quem saltar em frente no «exame» coisa como dez mil contos portugueses.

Pensando nisso, o KB pro-mete aos seus amadores um passeio a Itália: dois jogos par-ticulares com as mulheres dos jogadores convidadas do clu-be. Por seu turno, para o Benfi-

NEVES DE SOUSA
nosso enviado especial à Dinamarca

ca a coisa é mais fina: vinte contos de prémio individual. Vendo bem as coisas, quem po-de ganhar assim tem dinheiro para trazer a mulher até um dos países mais ricos da Euro-pa, onde almoça ou jantar (por mais frugal) fica sempre à volta de 350/400 escudos. E, no fim de contas, mesmo sem terem prémio no sapatinho já temos aqui esposas de jogadores (de Bento, Pietra, Vitor Martins, la-do a lado com a noiva de Cha-lana), todas hospedadas no lo-cal da concentração benfiquis-ta: quatro quilómetros fora da cidade de Copenhaga.

A comitiva benfiquista che-gou desdobrada: os homens da Polónia, após 7 horas de espe-ra em Varsóvia, dormiram do-mingo na Dinamarca. A restan-te embaixada oficial, apenas pelas 20 horas de segunda-fei-ra atingiu Copenhaga. Cerca de duas centenas de acompa-nhantes espalham-se pelos ho-téis da capital ou vêm hoje de terras suecas.

Ontem, enquanto a «Euro-

com» proporcionava aos seus clientes um magnífico passeio à Suécia (fomos a Malmö e Lund: largada às 8 horas da manhã e regresso ao pôr do sol), os futebolistas encar-nados faziam matinalmente exercícios, de desentorpecimento no Estádio do BK. As 18, já no Estádio Municipal on-de será o embate, houve treino de conjunto e preleção pelo técnico. Abordando o estado físico da equipa dizia-nos o dr. Vieira da Fonseca: Temos 16 jogadores perfeitamente aptos ao trabalho. Os outros que saem de lesões estão perfeita-mente recuperados. Pietra so-se queixa de quando em vez de uma dorzita, em local dife-rente da sua última lesão. Vitor Baptista levará uma protecção especial na perna direita por a ferida contrada no campo do Boavista demorar a cicatrizar. Vitor Martins (embora se ressinta quando chuta com força) e Mário Wilson estão pelo menos a 95 por cento do rendimento possível.

Já é conhecido o grupo que Mortimore vai apresentar: Ben-to; Bastos Lopes, Humberto, Eurico e Alberto; Pietra, Toni e Vitor Martins; Celso, Vitor Baptista e Chalana. Salvo qual-quer impedimento da última hora os suplentes serão Fidal-go, Pereira, Wilson, José Luis e Shêu.

Dirigentes benfiquistas e quatro dos nove jornalistas portugueses estiveram numa recepção oferecida pela Em-baixada de Portugal em Cope-nhaga. Neste aspecto não se poderá dizer que a diplomacia portuguesa ignorou o desporto como segunda «embaixada» de um país.

Arranquemos para o jogo: o Benfica vai tentar logo de início segurar o meio-campo e lançar Pietra na linha fronte-ira, alternando com Vitor Mar-tins no remate a meia distân-cia. Progressão quase sem-pre pela esquerda, via Chala-na. Celso, colado à linha para as sobras de meio campo, e Baptista nos pulos acrobáticos a que nos habituou. Humberto será o «libero».

Vamos lá a ver se será desta que os sucessores de Eusébio sabem como fazer o gol.



Na Luz, há quinze dias, foi assim: Benfica ao ataque e Celso metido entre dois defensores do BK 1903. Ao fim da tarde, em Copenhaga, deverá ser o mesmo (ninguém acredita que o Benfica se vá remeter à defesa), e é muito provável que os golos que os encarnados não alcançaram em Lisboa apa-reçam (com juros) no Estádio dos dinamarqueses

Técnico do BK 1903: "Vamos forçar o ritmo"

O Benfica defrontará hoje, em Copenhaga, um «adver-sário agressivo». O senhor de La Palisse diria o mesmo, ten-do em conta que nunca uma equipa dinamarquesa esteve nos quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus, e que jamais (aparentemente), como esta tarde, semelhante oportunidade se lhe depara.

Claro que tudo isto é muito teórico e não menos contingen-te. Afinal, porque o BK 1903 desta cidade (Kobenhavem em dinamarquês) apenas perdeu 1-0 na Luz, mercê de muita for-tuna (não confundir com a des-colorida actuação dos encarna-dos há quinze dias) e do dis-creto acantonamento (e re-guardo) de todos os jogadores ao seu reduto mais atrasado.

O senhor de La Palisse que acima assinalamos é, nas pre-sentes circunstâncias, Erik Dennung, técnico dos dinamar-queses que, como lhe compe-tia (veremos se a sua equipa «respeita» as normas e as de-clarções proferidas), já avisou que o seu «equadrão» vai jo-gar ao ataque para anular o gol de desvantagem. «Vamos actuar — afirmou — para con-seguir o bilhete para os quar-tos-de-final. Isto significa — acrescentou — que teremos de nos arriscar e forçar o ritmo».

Outra de Dennung: «os portugueses sabem isto e provavelmente jogarão para conservar a vantagem de um gol. Mas estou preparado pa-

ra mudar de tática durante o jogo e encontrar a estratégia certa, por meio de improvi-sação».

O treinador do B 1903 admi-tiu ainda que o jogo não será fácil e que o Benfica é muito bom no contra-ataque. «Mas estou optimista», salientou, «e os nossos jogadores têm mani-festado melhoria de forma que nos poderá tornar a primeira equipa dinamarquesa a chegar aos quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus».

Entretanto, Erik Dennung adiantou (admitindo, todavia, uma «alteração estratégica de última hora») a equipa do BK que esta tarde defrontará os campeões portugueses: Poulsen; Damm, Andersen, Lorentzen, P. Kristensen e Sundby; Kristensen, Larzen e Francker; Jonsson e B. Kris-tiansen.

Kristiansen, é bom que a de-fensiva encarnada não o es-queça (e deve ter indicações nesse sentido), é o melhor mar-cador da equipa, e o quarto da tabela no campeonato dina-marquês, com 16 golos. O pri-meiro é Hanse, do OB, com vinte e dois tentos, e a equipa que o BK derrotou, no sábado, por 3-1. No mesmo dia da se-mana anterior o BK enfiou seis golos nas redes do guardião Radders, mas sofreu dois: tan-tos quantos o Benfica espera meter hoje nas balizas de Pou-lsen.

OUTRO FUTEBOL: "NACIONAL" DA III DIVISÃO

Alcochetense, Beja, Sarilhense: "os três inseparáveis amigos"

Desportivo das Aves, Sal-gueiros, Caldas, Sacavenense e Alcochetense, Beja e Sari-lhense (os três com oito pon-tos) são os comandantes da série por que se divide o «Na-cional» da III Divisão. O Sal-gueiros, na Série B, é o único vanguardista que ainda não consentiu qualquer ponto, mantendo-se na dianteira com doze. O contrário também se verificou: o Souselense é o úni-co conjunto que ainda somou qualquer ponto. Nas séries do Sul a luta dos primeiros (como dos derradeiros) lugares é re-nhida. Vejamos os casos da F, com três líderes, e mesmo da E, um misto de Centro e Sul, onde Alcochetense, Sarilhense e Beja não se despegam.

Eis os resultados da última jornada (domingo) e as respec-tivas classificações:

SÉRIE A — Joaze-Valdevez, 2-0; Mondinense-Macedo Ca-valheiros, 5-0; Cabeceirense-Tir-sense, 1-0; Vizela-Limianos, 2-0; Monção-Tadim, 2-0; Ribeira Pena Maria Fonte, 3-3; Aves Prado, 2-0; Miranda-la-Bragança, 3-1. CLASSIFI-CAÇÃO: 1.º Aves 11 pontos; 2.º, Mondinense e Vizela 8. SÉRIE B — Paredes-Arrifanense, 3-1; Vale-Cumbrense-Salgueiros, 0-2; Sampedrense-Avintes 2-5; Amarante Oliveirense, 1-0; Cu-cujães-Perozinho, 3-0; Buste-lo-Leverense, 2-0; Vilanoven-se-Lamego, 4-2; Infesta-Fre-a-mundo, 1-1. CLASSIFICAÇÃO: 1.º, Salgueiros, 12 pontos; 2.º, Amarante 10; 3.º Bustelo, 8.

SÉRIE C — Gonçalense-Ca-rapinheirense, 1-0; Oliveira Bairro-Alba, 1-3; Tocha-Naval, 2-2; Ançã-Moleiros, 5-0; Fe-bres-Marialvas, 0-2; Tonde-la-Covilhã Benfica, 4-1; Viseu Benfica-Anadia, 2-0; Gou-veja Guarda, 1-1.

SÉRIE D — Nazarenos-Ma-trena, 1-2; Torrijense-Castelo Branco, 1-0; Batalha-Amiense, 0-1; Elétrico-Caldas, 1-3; Al-canense-Condestável, 2-1; Bombarralense-União Almei-

rim, 1-0; Benfica Castelo Bran-co Alcobaca, 1-2.

CLASSIFICAÇÃO: 1.º, Cal-das, 11 pontos; 2.º, Torrijense e Bombarralense, 9.

SÉRIE E — Bucelenses-Oriental, 2-0; Campomaioren-se-Elvas, 1-0; Sacavenen-se-Desp. Olivais, 0-0; Borben-se-Souselense, 2-0; Vitória Lis-boá-Benavente, 1-1; Pêro Pi-nheiro-Alverca, 4-2; SL Oli-vais-Casa Pia, 3-1; Elvense-Loures, 0-5.

CLASSIFICAÇÃO: 1.º, Sac-a-venense, 10 pontos; 2.º, Vitória Lisboa, Campomaiorense e Bu-celense, 9. SÉRIE F — Quartei-rense-Beja, 1-1; União Monte-mor-Costa Caparica, 2-1; Sei-xal-Reguengos, 0-1; Rosaren-se-Alcochetense, 0-0; Aljustre-lense-Sarilhense, 1-2; Ser-pa-Paio Pires, 0-0; Santiago Cacém-Esperança Lagos, 2-0; Silves-Marítimo Olhanense, 1-0.

CLASSIFICAÇÃO: 1.º, Alco-chetense, Beja e Sarilhense, 8 pontos.

VITÓRIA: 4-0 AO ALVERCA

Quatro golos sem respostas, eis o cometimento do Vitória de Lisboa que, para não deixar o seu nome por mãos alheias, ganhou, ontem, ao Alverca, no campo Alfredo Marques Augusto, na final da Taça de Honra de Lisboa para clubes da III Di-visão Nacional. Assinale-se, a propósito, que o Vitória de Lis-boá é o segundo classificado, juntamente com o Campomaio-rense e o Bucelense, todos com 9 pontos, e a um do guia da Série E do respectivo «Na-cional».

BUCELENSE: 3-0 AO CARREGADO

Entretanto, e ainda ontem (no campo de Alverca), o Bu-celense venceu (3-0) o Car-regado, na final do Campeonato Distrital de Juniores.

JUNIORES AINDA

O Campeonato Nacional de Juniores teve, sábado e domín-

go, mais dois encontros, apro-veitando o escalão a paragem da prova dado o facto da equi-pa portuguesa ter excursiona-do pela Polónia (derrota no pri-meiro encontro, por 1-0, e vi-tória no Segundo, em Cracóvia, por 3-2), o Carregado, que on-tem perdeu com o Bucelense (como acima se assinala), foi derrotado em Soure, por 1-0 (jogo em atraso), enquanto que o Zona Azul empatava com o Sesimbra, em encontro anteci-pado para a jornada número sete.

GILBERTO DO PARANÁ NO FUNCHAL?

Foi bem sucedida a viagem de Jacinto de Vasconcelos, chefe do departamento de fute-bol do Marítimo do Funchal, ao Brasil. Efectivamente, o di-rector dos «verde-rubros» asse-gurou a prevista digressão da equipa ao Brasil, a partir de 11 de Junho, coincidindo por-tanto com o termo do Campeo-nato Nacional da Primeira Di-visão. Estarão já confirmados três jogos: no Rio de Janeiro, com o Vasco da Gama, e em São Paulo com a Portuguesa e o Santos, ou o Corinthians. Jacinto de Vasconcelos conse-guiu, igualmente reforço de vulto para o plantel da turma madeirense: trata-se de Gilber-to, que foi o melhor marcador do campeonato do Paraná, onde alinhou pelo Curitiba.

EUSÉBIO EM TOMAR

Depois de uma efêmera pas-sagem por Aveiro (Beira-Mar), Eusébio Ferreira da Silva, o melhor atacante português dos últimos anos, hoje já sem força nem o fulgor que o celebriza-ram em todo o mundo, ao ser-viço do Benfica (ou de quem o Benfica se serviu), parece ter deixado definitivamente o fute-bol norte-americano, para in-gressar no União de Tomar. Embora o contrato ainda não tenha sido assinado, tudo leva a crer que o preto venha a ser posto no branco, num destes dias, nas margens do Nabão.

JAGADOR DO PERUGIA MORRE NO TERRENO

Um jogador italiano faleceu vítima de ataque cardíaco du-rante um encontro do Campeo-nato de Futebol da Primeira Di-visão, anunciaram funcio-nários. Renato Curi, de 24 anos, jogador do Perugia, que ocupa a terceira posição na classificação geral, morreu du-rante o encontro com o Juve-nus, que se encontra no segun-do lugar. A partida terminou num empate sem golos.



Artur Jorge encontra-se inter-nado na Clínica Oliveira Marti-nho, à Alameda, vítima de frac-tura da tibia e do peróneo, on-tem, no decorrer de um treino efectuado no Estádio do Jam-or. O avançado de Belém dis-putava, na circunstância, um lance com o seu companheiro e defesa Alinho. «Capitão» dos azuis, Artur Jorge ficará inactivo durante cinco meses. Amanhã será submetido a uma operação cirúrgica

O traço de Pargana

BENFICA "KO"??...

PORTO "OK"??...

Que tipo de «Europa connosco?»

TAÇA DAS TAÇAS: EM MANCHESTER ÀS 19 E 30

FC do Porto em "fato de ganga"

MANCHESTER, 2 (Serviço Especial para o «DL») — Uma multidão calculada em 60 000 pessoas vai testemunhar, logo, a partir das 19.30 horas (hora de Lisboa), em Old Trafford, o «2.º acto» do espectáculo que Porto e Manchester United iniciaram há quinze dias, no Estádio das Antas. Isto, naturalmente, sem contar com os milhões de olhos e ouvidos que estarão colados aos «écrans» e rádios que em Portugal (e não só) farão a cobertura do acontecimento.

Pese, e embora, todo o favoritismo que, neste momento, converge para os portistas, o encontro «complementar» apresenta-se do mesmo modo rodeado de expectativa, já que, no seu ambiente — e «aquecidos» pelo entusiasmo transbordante dos «Red Devils» (assim são conhecidos os «incorrigíveis» adeptos do Manchester) — os ingleses costumam ultrapassar barreiras difíceis ou aparentemente intransponíveis.

Apelo a Soares

Ninguém nos passou preocupação, mas sempre gostávamos que, desta feita, os jogadores portistas não fossem alvo de discriminação por parte de Mário Soares, já que, como é sabido, aquando da primeira eliminatória, apenas os benfiquistas receberam felicitações do nosso Primeiro.

Enfim, são mais uns «cobres» que se vão, mas a verdade é que os rapazes vão ficar todos satisfeitos e, que diabo, sempre são portugueses que andam lá por fora a fazer publicidade à gente e não só!

Estes são os homens

Jogo no Estádio de Old Trafford, em Manchester, a partir das 19.30 horas. Árbitro: Einbeck, da República Democrática Alemã.

Equipas prováveis

Manchester United: Stepney, Nicholl, Houston, Albiston e Buchan, Macari, Mc Grath e Brian Greenhoff, Copell, Pearson e Gordon Hill.

F. C. Porto: Fonseca, Gabriel, Freitas, Simões e Murça, Rodolfo, Teixeira e Octávio, Seninho, Duda e Oliveira.

No banco dos suplentes portistas de verão estão: Torres, Teixeira II, Celso, Gonzalez e Vital.

Para Dave Sexton (responsável técnico do Manchester), os 4-0 conseguidos pelos azuis e brancos no seu reduto não significam o «baixar do pano». Muito reservado quanto à formação inicial que vai apresentar, Dave Sexton, que aguardava a comitiva portista no aeroporto, não se furtou ao diálogo com os jornalistas, mas deixou transparecer muita preocupação quando se referiu ao «grande problema» que a sua equipa terá de resolver em 90 minutos no «inferno» de Old Trafford. Apesar de tudo, o técnico inglês acredita (poderá) numa recuperação ainda que... no prolongamento.

Vem a propósito referir que antes do jogo da «1.ª mão» (portanto, antes do «desastre» das Antas, quando em declarações produzidas ao repórter do «DL»), Pedroto acreditava que a eliminatória talvez se decidisse em Manchester e no prolongamento. Os responsáveis ingleses e certa imprensa viam neste despiques as «tais favas contadas do costume». Entretanto, o excelente resultado conseguido pelos portuenses no jogo da primeira «mão» como que inverteu os papéis, já que Pedroto não voltou a falar em prolongamentos ou coisa que o valha, optando por afirmações moderadas, e em contraste com o demasiado optimismo inglês. O técnico portista prometeu encarar esta partida como se o resultado estivesse em 0-0 e, para dar mais força às suas declarações, até adiantou que, salvo qualquer contratempo, jogará o «onze» que nas Antas abriu o caminho para a confortável vitória.

Pelo que pudemos observar, o respeito é mútuo e ninguém parece disposto a arriscar um prognóstico. Os jornalistas ingleses que se deslocaram a Portugal para assistir ao encontro das Antas e que agora

receberam com todas as honras a equipa portista, foram os primeiros a salientar esse facto e a obter idêntica resposta nos hostes portistas. Para já, uma coisa é certa: todos acreditam que será um grande espectáculo, ao nível daquele que se viu nas Antas, mas de resultado imprevisível.

Nestas coisas do futebol todos os vaticínios podem falhar, mas sobretudo quando o tempo é incerto como acontece nestas paragens. Anteontem, quando a comitiva «azul e branca» chegou a Manchester, parou de chover. No entanto, ninguém (nem mesmo os nossos camaradas ingleses) se mostra capaz de garantir que à hora do jogo principiar não chova. Se isso vier a acontecer (o diabo seja surdo, mudo e cego...) as coisas podem complicar-se para o F. C. Porto.

Pela nossa parte, não acreditamos que haja tempo capaz de retirar aos portistas o «passaporte» para os quartos-de-final da Taça dos Vencedores das Taças, onde nunca chegaram.

Tal como o F. C. Porto, o Manchester também realizou o seu último apuro no terreno próximo do grande palco. Do lado portista, Celso continua a ser o maior problema, já que Freitas não se ressentiu da le-

são contraída contra o Sporting. O mesmo se poderá dizer de Oliveira e, Seninho, que recuperaram muito bem das entorses que sofreram na Polónia.

No que se refere ao Manchester, são justificadas as apreensões e as reservas de Dave Sexton, já que frente ao Aston Villa (com quem perdeu por 2-1) o Manchester não pôde contar com Lou Macari (o estratega da equipa) e os irmãos Greenhoff (dois esteios do conjunto).

Realce-se, no entanto, que o ponta de lança Pearson (que não jogou nas Antas por se encontrar lesionado) está totalmente recuperado e vai jogar, admitindo-se ainda que tanto Macari como um dos irmãos Greenhoff (O' Brian) possam recuperar a tempo de jogar.

Os jogadores portistas não estarão totalmente desamparados no Old Trafford. Com eles seguiu viagem cerca de 250 adeptos e, segundo informações recolhidas, deverão juntar-se-lhes mais umas centenas de compatriotas que aqui ganham o seu sustento. Fala-se mesmo que virão portugueses de várias cidades de Inglaterra, mormente da colónia existente em Liverpool, distante de Manchester cerca de 60 quilómetros.

COMO VÃO AS COISAS

SPORTING GANHA AO SETÚBAL (EM ANDEBOL)

O Sporting venceu o Setúbal por 36-18, na Zona Sul, no encontro ontem disputado no Pavilhão de Alvalade, e relativo à quinta jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, que decorre na sua fase de apuramento, em duas áreas (Norte e Sul). O embate tinha sido adiado, estando agora, para que o calendário esteja em ordem, efectuar o Maia-Gaia, da

mesma ronda, na Zona Norte.

HÓQUEI EM PATINS: «ABERTURA» A NORTE

O Torneio de Abertura da 1.ª Divisão da Associação do Porto teve os seguintes encontros e resultados: F. C. do Porto-Académico, 2-0; Infante de Sagres-Vilalonga, 2-2; Candal-Carvalhos, 0-6; Oliveirense-Santjoanense, 3-2.

TÉNIS: SPRIL VENCE EM CÁCERES

O Spril Clube de Lisboa venceu em Cáceres a equipa espanhola de tenis de Caleza Rubia, por 9-1. Peralta, Osório, Conceição, Possen, Jutta Bárbara ganharam as suas intervenções individuais, e só Borges-Tina Pereira foram derrotados, em pares-misto, por Carratal-Maria del Pilar.

ROGÉRIO ARAÚJO: VITÓRIA NA «DGD»

O ciclista Rogério Araújo, do Bombarralense, venceu a última prova da Associação do Sul desta época, denominada «DGD», por ter decorrido sob os auspícios da Direcção-Geral dos Desportos. Na corrida, na qual participaram 14 ciclistas seniores de 3.ª categoria e juniores, Araújo ganharia 2 m e 49 segundos a Georgino Seixas, seu companheiro de equipa. Aliás, os 3.º e 4.º classificados eram igualmente do Bombarralense, equipa que deu es-



Fonseca e Oliveira: dois homens com missões diferentes na equipa do Porto que, ao fim da tarde, descera ao Old Trafford para garantir a continuação portuguesa na Taça das Taças

AUTOMOBILISMO: FÓRMULA 2

Giacomelli ganha a última do "Europeu"

O italiano Bruno Giacomelli, tripulando um «March BMW», foi o vencedor da última prova do Campeonato Europeu de Fórmula 2 disputada em Donington Park. O francês René Arnoux, que no Estoril havia assegurado o triunfo no Campeonato, terminou na sexta posição.

Giacomelli comandou a prova do princípio ao fim, e completou as 65 voltas ao circuito (de 3100 metros de perímetro) em 1 hora 12 minutos e 40,30

segundos, a média de 165,9 quilómetros por hora. No segundo lugar classificou-se o finlandês Keke Rosberg, em «Chevron Hart» com 1:13.08,04. Nos lugares imediatos classificaram-se: 3.º, Didier Pironi, França; «Gordini-Renault», 1:13.25,36; 4.º, Marc Surer, Suíça; «March-BMW»,

1:13.28,88, 5.º, Danny Sullivan, EUA; «Boxer-Hart», 1:13.35,35, e 6.º, René Arnoux, França; «Gordini-Renault», 1:14.04,05.

SPORTING: "PRIMEIRO PASSO"

António Caldas é nome a não esquecer



O sportinguista António Caldas, ao percorrer os 100 metros em 11,1 segundos, foi a figura marcante do Primeiro Passo do Sporting, nas eliminatórias «regionais» que se efectuaram no último fim-de-semana, em Alvalade. Outros jovens a prova teve a participação de setecentos atletas — em foco foram o lançador de peso Ricardo Severino, do escalão A (13,3), Beatriz Barros, no D, no comprimento (4,75), António Nunes, no escalão B, também no peso (11,15), todos do Sporting, e os cufistas António Ribeiro, escalão A, no dardo (30,28) e Cristina Silva, também no dardo (20,86). Elsa Lança, do escalão C, fez os mil metros no tempo recorde de 3.14,8s. Os vencedores das finais regionais do Primeiro Passo, iniciavam do departamento de atletismo do Sporting, foram, além dos já referidos, nos 100 m, D, Cristina Silva, CUF, 15,8; altura, C, Judite Mendão, Sp, 1,20; peso C, Aminda Maria, CUF, 6,53; comp. C, André Cunha, CUF, 5,28; dardo, B, Rui Cardoso, CUF, 30,32; altura, A, Manuel Pereira, Sp, 1,45; peso, D, Beatriz Barros, Sp, 6,80; altura B, Carlos Pereira, Ind, 1,55; comp. C, André Cunha, Sp, 3,98; dardo, C, Aminda Maria, CUF, 25,8; 500 m, A, José Fortes, Ases, 4.32,4; 800 m, B, Luis Bastos, 2.09,2; 80 m, C, Isabel Carvalho (Sporting), 10,8; 80 m, Carlos Dorcas CUF, 10,5.

Para lá da raia

BORG: SUAR PARA VENCER O JOVEM LLOYD

O tenista sueco Björn Borg derrotou o britânico John Lloyd por 6-4, 6-2 e 6-2 para vencer os campeonatos abertos suíços em «court» coberto. Borg, que recebeu 10 000 dólares pela sua vitória, declarou depois do jogo que teve de se empregar a fundo para derrotar o jovem tenista britânico Lloyd, que não era cabeça de série, e chegou a final.

VIREN E SHORTER NA «CORRIDA DA PAZ»

Os campeões olímpicos Frank Shorter, dos Estados Unidos, e Lasse Viren, da Finlândia, figuram entre os mil atletas que participam na «Corrida Internacional da Paz», dos Estados Unidos, que se realiza no próximo dia 12 de Novembro, no «Mill Creek Park», em Youngstown (Ohio).

TÉNIS: ORANTES GANHA NO JAPÃO

O tenista espanhol Manuel

Orantes venceu o Marty Riesen, dos Estados Unidos (6-3, 6-1), no segundo dia do Torneio Internacional «Fred Perry», que está a decorrer na capital do Japão.

FILATOVA: OURO NAS ASTÚRIAS

A soviética Maria Filatova obteve a medalha de ouro da classificação geral da 2.ª Taça do Mundo de ginástica desportiva que se disputou em Oviedo, nas Astúrias. Classificação da prova: 1.ª Maria Filatova (URSS) 39,95 PTS. (medalha de ouro); 2.ª Steffi Kraker (RDA) (medalha de prata).

HÓQUEI EM PATINS: «MUNDIAL» DE 78

Em meios chegados ao Comité Internacional de Hoquei em patins assinala-se que é provável que a Argentina seja o cenário do Campeonato Mundial de 1978. Para esse fim estão decorrendo conversações com o presidente da Federação Argentina de Patinagem, Raul Rongera. Portugal e Espanha tinham-se prontificado a organizar o Torneio de 1978. O último Campeonato realizou-se em Espanha em 1976.

Padeiros amassados

Trabalhadores de uma padaria da Rua da Vinha, ao Bairro Alto, foram esta madrugada agredidos quando se encontravam no Café Malita. A agressão partiu do chefe Domingos da PSP (Esquadra das Mercês) conhecido no *bas-fond* por «O Bailarino».

O referido polícia terá aparecido no café, à civil, com a boa intenção de deter marginais, mas os delinquentes que ali se encontravam lograram escapar. Na circunstância, foram levados para a esquadra vários trabalhadores, nomeadamente três padeiros da «Panificação Reunida de S. Ro-

que». Pelo menos dois foram soados pelo «Bailarino» ainda no café quando protestavam contra a detenção e até porque tinham de voltar ao serviço. Mais tarde, apareceria na esquadra o seu delegado sindical. O chefe Domingos perguntou: «são três?» e, perante a confirmação do delegado, acrescentou então tenha cuidado porque podem ser quatro...».

Finalmente, às quatro horas da madrugada os trabalhadores foram mandados em paz de regresso à padaria. Esta manhã, havia ali pão fresquinho, amassado com alguma raiva.

Oito anos de prisão para marido assassino

O soldado António Alves Rodrigues, que há dois anos assassinou a sua mulher com um tiro de caçadeira, foi condenado a oito anos de prisão maior pelo 1.º TMT de Lisboa.

A vítima, Dália Maria dos Santos Pulha, era alvo de ciúmes injustificados por parte do marido, que lhe desfechou um tiro quando ela estava sentada na cama, a ler.

A defesa argumentou que o

crime ficara a dever-se a «falta de amadurecimento dos ciúmes, que costumavam ter cenas idênticas, em que apenas faltava o disparo fatal».

O réu confessou que tinha ciúmes da mulher, apesar de ter a certeza de que esta não lhe era infiel.

O caso ocorreu em Outubro de 1975, em Moscavide, na residência do casal.

Quatro feridos com tiros de armas caçadeiras

Após calorosa discussão com uma senhora residente na Avenida Infante Santo, foi atingido com um tiro de espingarda caçadeira, ficando ferido numa perna, Vitor Hugo da Silva Pereira, de 38 anos. Encontrou-se hospitalizado no Hospital de S. José.

Um outro caso: quando caçava numa quinta privada em Massamá (diz-se que propriedade do ex-general Spínola), envolveu-se em discussão com quem guardava o terreno Luis Valente da Silva, de 35 anos, da Falaqueira, Amadora. Muito agredido, Luis pretendeu afastar quem lhe batia com a coronha da espingarda. Esta disparou-se e as balas alojaram-se no ventre do caçador furtivo. Em estado gravíssimo, Luis encontra-se internado no estabelecimento hospitalar acima mencionado.

Finalmente, em Alvalade do Sado, armas caçadeiras atingiram de modo grave Francilina Maria Félix, de 36 anos, e Maria Lúcia Félix Ferreira Marques. Tomou conta da ocorrência a GNR de Santiago de Cacém, que, de momento, procede a investigações.

«RATO» APANHADO

Ao pretender roubar um automóvel (ou aquilo que no interior do veículo se encontrava), foi surpreendido por uma brigada da PSP Luis Euclides Valente da Silva, residente na Rua Oliveira Martins. Resultado: recolheu ao hospital, sob prisão, devido a ferimentos provocados por um «cassetete».

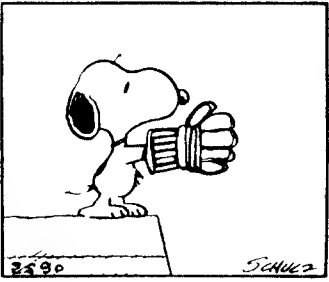
Fechou a fronteira de Portela do Homem

BRAGA, 2. A fronteira de Portela do Homem, no Gerês, encontra-se fechada desde as 20 horas de ontem, em cumprimento de determinações oficiais, apesar do protesto das populações da zona que se opõem ao encerramento da mesma via de ligação com Espanha.

A fronteira deve manter o

actual regime de abertura periódica, devendo reabrir a 15 de Dezembro.

A origem de tal medida reside nas características do parque da Penha-Gerês, cujos responsáveis não consideram apropriada a criação de uma via de tráfego intenso através de uma mais importante reserva ecológica do país.



Monárquicos pedem novas eleições

«A República continua a ser em Portugal, um entrave ao desenvolvimento da democracia e factor permanente de desestabilização», segundo concluiu o Conselho Nacional do Partido Popular Monárquico depois de analisar a actual situação política.

Apontando o exemplo da monarquia espanhola como exemplar, os monárquicos portugueses adiantam que a resolução da crise deveria passar, na sua opinião, por uma coligação entre o PS e o PSD. Mas, uma vez que esta está afastada, «pelo solipsismo do PS e pela falta de poder de decisão do Presidente da República», o PPM acaba por aderir à tese (já formulada pelo Partido Comunista) propondo a convocação de novas eleições gerais, «desde que acautelada a sua genuinidade através da proibição de abstenções».

Abordando a questão da crise económica o documento emanado da última reunião do órgão máximo do PPM condena o projecto das centrais nucleares e exige a revisão dos projectos de Sines, Alqueva, Mondega e auto-estradas.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP (ex-CRGE), a que se refere o processo 8/60 358, arquivo 14, para o estabelecimento na Quinta do Molha Pão, em Tala, concelho de Sintra, de nova linha aérea a 10 kV, n.º 703/R-4, com 53 metros, do apoio n.º 20 da linha n.º 703, ao posto de transformação n.º 966.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repatrição de licenciamento, em 24 de Outubro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe Joaquim Gonçalves dos Santos

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental havia nevoeiro em várias regiões.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ANADIA Máxima 23,5°
FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO Mínima 4,6°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu pouco nublado; vento fraco; NEVOEIRO DURANTE AMANHÃ; agravamento do estado do tempo durante o dia de amanhã nas regiões do norte com períodos de chuva e vento moderado de sudoeste

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H

PORTO 11°
P. DOURADAS 9°
COIMBRA 9°
PORTALEGRE 12°
LISBOA 11°
ÉVORA 12°
BEJA 11°
SAGRES 17°
FARO 18°
P. DELGADA 20°
FUNCHAL 19°

MARÉS DE HOJE

PREA-MAR BAIXA-MAR

6.32 - 3,4 m 0.29 1,7 m
19.03 3,2 m 12.15 1,6 m

Dia 3

7.20 3,3 m 1.33 1,8 m
20.01 3,0 m 13.13 1,7 m

Dia 4

8.24 3,2 m 1.33 1,8 m
21.15 3,0 m 14.29 1,8 m

AMANHÃ

NAScer AS 7.06
OCASO AS 17.35

DIA 4 DIA 11 DIA 17 DIA 25

palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA Nº 11.879

HORIZONTAIS

1 Planície. Sistema monta-
nhoso de Marrocos.
2 Clima. Leito.
3 Antigo dialecto italiano. Pa-
trões.
4 Rio de Portugal. Dá mios.
5 Artigo definido. Sufixo que
designa estado. Nota musi-
cal.
6 Aparência. Cidade do esta-
do da Baía. Preposição e ar-
tigo.
7 Felicidade. Senhor. Clima.
8 Para barlavento. Espreita.
9 Pátrios. Preposição e artigo
definido (inv.).
10 Irma da mãe. Incendiar.
11 Serra de Portugal. Que são
do ar.

VERTICAIS

1 Cabelos brancos. Avido
(fig).
2 Lavram. Batraquio. Suspi-
ros.
3 Elemento grego de compo-
sição de palavras que expri-
me a ideia de vida. Fâmas
dos gatos.
4 O mesmo que polir. Dinhei-
ro (prov.).
5 romance de Emilio Zola.
Freguesia do concelho de
Oliveira do Bairro.
6 Recusa. Reis. Senhora.
7 Falece. Preposição.
8 Tomba. Costumar.
9 Primeiras folhas de arvôres
e arbustos (bras.). Prepa-
re.
10 Íntimo. Xaile das mulheres
indias e persas. Seguir.
11 Falta de apetite. Estimás.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA Nº 7940

HORIZONTAIS

1 Espécie de jogo de azar.
Epidemia.
2 Grande cão de fila. par
mios.
3 Pronome possessivo. Ecoa.
4 Taberna filtrava.
5 Sufixo que designa estado.
Preposição e artigo. Cerca-
duras.
6 guma na suécia. Primeira
das três palavras que for-
mam o nome de uma fregue-
sia do concelho de Anadia.
7 Vende a crédito.
8 Nome de fruto. Transpirara-
9 Le. Após.
10 Invulgares. Fruto da ateira.
11 Enguia. Encostar.

VERTICAIS

1 Paugada. Porto e cidade de
França.
2 Cóbria de óleo. Dividir a
meio.
3 Embarcações grandes. Fer-
ro temperado. Letra grega.
4 Compaixão. Cabelos bran-
cos. Esteiro.
5 Saudável. Nota musical.
Apelido.
6 Boro (s.g.). Letra grega.
7 Força. Campeão. Abrev. da
palavra inglesa mister (se-
nhor).
8 Preposição. Rezo. Nome an-
tigo da nota musical dó.
9 Assinalaram.
10 Basta. futeis. Disparate
(gir).
11 Vagueias. Unir por casa-
mento.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11.878

HORIZONTAIS:

1 Acaso. Pólen
2 Cora. Rata.
3 Arimã. Paris.
4 Bra. Ria. Aca.
5 Ea. Arara. Ai.
6 Ama. Tia
7 Trás. Cl.
8 Ouero. Renal
9 Ur. Gural. Na
10 Ecoa. Asso
11 Marrã. Assas

VERTICAIS

1 Acabas. QUEM
2 CORRE. Turca.
3 Ária. Are. Or.
4 Sam. Amargar.
5 Arrasou.
6 Ia. Rã
7 Partira.
8 Ora. Ai. Elas.
9 Lara. Ain. SS.
10 Ética. CANSA
11 Nasais. Laos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7939

HORIZONTAIS:

1 Malga. Moços
2 Amar. Pare
3 Lis. Saa. Ai
4 Taças. Salga.
5 Alar. Rios.
6 Irisara
7 Ac. Sie. Ar
8 Morna. Adira
9 Araçã. Saram
10 Ma. Roma.
11q. Amais. Casas

VERTICAIS:

1 Malta. Amara.
2 Amial. Cor.
3 Lascã. Rama.
4 Gr. Arrancai.
5 SS. Aa.
6 Fa. SSS.
7 As. Aias.
8 Op. Arredara.
9 Ca. Lia. Iros.
10 Orago. Aramã.
11 Sela. Ramas.

PROVERBIO: QUEM CORRE CANSA.

astrologo sidio

Resolve qualquer que seja o seu problema

Especialista em casos espirituais, amor ou negócios. Tel. 174343.

VENDE - SE

Órgão Hammond 1x5 profissional, Leslie Ham-
mond 760. 1 ano de uso. Motivo de retirada. Falar
com Luis, das 19 às 24 horas. Telefone 0021-
-22336, Valença.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA ven-
de-se na CASA AFRICANA

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 65
Até às 22 horas

ALVALADE — Av. Igreja, 18-A. Tel. 892970.

ALVES DE CARVALHO — Rua Vale de Santo António, 7-9. Tel. 840125.

AMOREIRAS (das) — P.ª Águas Livres, 8-D. Tel. 681515.

BARROS COUVIA — Rua Vale Formoso de Cima, 79-B. Tel. 382180.

BIOTIFAR — Rua D. João de Castro, 27-B. Tel. 638824.

BOM SUCESSO — Rua Bartolomeu Dias, 63-A. Tel. 611454.

CAPUCHOS (dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A. Tel. 572076.

CENTRAL DOS OLIVEIS — Rua Alfereis Barriolaro Ruas, 7-C. Tel. 315539.

COITA — Rua Lusitadas, 30. Tel. 637004.

DALVA — Av. Duque de Avila, 125. Tel. 45225.

GASPARINHO — Rua Dr. Gama Barros, 54-A. Tel. 890485.

MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Tel. 720703-728395.

ONILDA — Av. João XXI, 13-A. Tel. 726848.

OURIQUE — Rua Freitas Gazul, 32-B. Tel. 671667.

PRATES E MOTA — Rua da Beneficência, 91. Tel. 773728.

PROGRESSO — Estr. A-de-Maia, 64-C. Tel. 702226.

PROVIDENCIA — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C. Tel. 770324.

SANTAS — Pra. Luis Camões, 24. Tel. 322798.

REIS GARRIDO — Rua Janelas Verdes, 90. Tel. 662327.

S. JOSE — Rua dos Anjos, 41-A. Tel. 570730.

S. MARCAL — Rua de S. Marçal, 100. Tel. 375318.

S. TOMÉ — Estrada do Desvio, lote 12-C. Tel. 790704.

SIMÕES — Calçada do Tojal, 102-A.

SOUZA — Estrada de Benfica, 429-431. Tel. 789985.

TAVARES — Rua da Palma, 194. Tel. 863350.

VERAL — Rua Morais Soares, 109-111. Tel. 821732.

ALVALADE — Av. da Igreja, 18. Tel. 892970.

BOM SUCESSO — R. Bartolomeu Dias, 63-A. Tel. 611454.

CENTRAL DOS OLIVEIS — R. Alfereis Barriolaro Ruas, 7-C. Tel. 315539.

DALVA — Av. Duque de Avila, 125. Tel. 45225.

REIS GARRIDO — R. das Janelas Verdes, 90. Tel. 662327.

PRATES E MOTA — Rua da Beneficência, 91. Tel. 773728.

SANTAS — Pra. Luis de Camões, 24. Tel. 322798.

S. JOSE — Rua dos Anjos, 41-A. Tel. 570730.

S. MARCAL

Rua de S. Marçal, 100. Tel. 375318.

SOUZA — Estr. de Benfica, 429-431. Tel. 789985.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A. (Tel. 938149) Permanente; Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120-Reboleira (Tel. 938424) Até às 22 horas

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117)

CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D

MEM MARTINS
Milanda Garcia, Est. de Mem Martins, 173 (Tel. 2814103)

RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 2113953)

ALCABIDECHÊ
Carvalho, Até às 21 horas

PORTO SALVO
Ferreira Bastros, Até às 21 horas

CARCAVELOS
Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sa-boia, 20-B (Tel. 260085) Até às 21 horas

PAÇO DE ARCOS
Parada, Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 22 h

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) Até às 24 e das 0 às 9 horas

NOVA OEIRAS
Leal, Até às 21 horas

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204) Até às 24 e das 0 às 9 horas

PAREDE
Junqueiro Mendes, Até às 21 horas

AMOREIRA
Amoreira, (Tel. 262313/267314) Até às 22

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170) Até às 21 horas; A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214) Até às 24 e das 0 às 9 horas

ESTORIL

Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191) Até às 24 e das 0 às 9 horas

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmao, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)

ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-B (Tel. 2040302)

BARREIRO
Higiene, R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2073017)

COVA DA PIEDADE
Carqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTUJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

COSTA DA CAPARICA
Higiência, Av. da República, 3 (Tel. 2400020)

PORTO
(De dia e só até às 22 horas)

CAMPOS — Rua Padre Luís Cabral, 943 — Foz — Tel. 680113

ALVES MOREIRA — Av. Rodrigues de Freitas, 167-51889

CLERIGOS — Rua dos Clerigos, 36 — Tel. 315394

CRUZ — Rua de Costa Cabral, 1082 — Tel. 480041

MONTE DOS BURGOS — Rua Monte dos Burgos, 802 — Tel. 62279

ALIANÇA — Rua da Conceição, 2 — Tel. 24203

GUARANI — Rua Pedro Hispano, 367 — Tel. 62750

MESESES DE LIMA — Praça Dr. Pedro Teotónio Pereira, 277 — Tel. 51764

(De dia e toda a noite)

LIDADOR — Rua do Lidador, 171 — Tel. 683739

ESTÁCIO — Rua Sã da Bandeira, 120 — Tel. 27664

BOTELHO — Rua da Alegria, 863 — Tel. 480089

MAIA — Rua do Campo Alegre, 192 — Tel. 64450

COIMBRA

FIGUEIREDO — Rua da Sofia, 107-109 — Tel. 22837

FERREIRA DIAS — Bairro do Solim — Tel. 72120

cinemas

cinemas

cinemas

ab CINE

Tel. 803055

Sala A

Vão acons. men. 13 anos

13.15, 17.19, 21.30, 23.30

CHEGOU A HORA DE VINGANÇA

Sala B

A CASA DOS DESEJOS

12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30, 23.30

Grupo D. Maiores 18 anos

As 6.ªs feiras e sábados sessões às 24 h

ALVALADE

Tel. 897480 15.15 18.15 e 21.15

Da Índia, uma fascinante história de amor!

A COMPANHEIRA DA MINHA VIDA

5.ª semana

com Tanuja e Rajesh Khanna

Colorido não aconselhável a menores de 13 anos

APOLO 70

Tel. 763319 14, 16.30, 19, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

Bruno S. Walter, Ladengas, Brigitte Mira

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER

um filme de Werner Herzog

2-11 Hoje às 24 h (18 anos)

FELLINI-SATÍRICO

AVIS

Tel. 47163 15.30, 18.30, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

A IRMÃ REBELDE

Inspirado na maravilhosa novela "A Irmã de San Sulpício" com Rocio Durcal

BERNIA

Tel. 776098 14.15, 17.45, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

Al Pacino - Robert Duvall, Diane Keaton, Robert de Niro

O PADRINHO PARTE II

um filme de Francis Ford Coppola

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 14, 16.30, 19, 21.30

Não acons. a men. de 18 anos

James Mason, Susan George, Perry King em

MANDINGO

Um filme de Richard Fleischer

1.º Programa

18.00: Notícias; 18.30: «Temas de saúde» Música portuguesa; 19.00: Orquestras; 19.15: «O Mundo é a nossa casa» Música variada; 20.00: Jornal da Noite; 20.30: Melodias; 21.00: 6.º episódio do folhetim «Oliver Twist», de Charles Dickens, numa adaptação de Maria de Lourdes Vicente; 21.20: «Contraponto»; 24.00: Último jornal; 00.30: Música portuguesa; 01.00: «Música na noite».

2.º Programa

18.05: Obras do compositor inglês Benjamin Britten: Guia dos jovens para orquestra, op. 34 Variações sobre um tema de Frank Bridge, op. 10; 19.00: Madrigais italianos, de Heinrich Schütz; 19.35: Efeméride: Nasce Fernando Correia de Oliveira; 20.00: O pianista Gabriel Tacchino interpreta: Valsa esquecida n.º 1 em do sustenido menor de Liszt Valsa «La plus que lente», de Claude Debussy e Movimentos perpétuos, de Francis Poulenc; 20.20: Quarteto n.º 3 em lá maior op. 41, de Schumann; 21.00: Concerto comemorativo do 150.º aniversário da morte de Beethoven, realizado no teatro Rivoli. Tomam parte a Orquestra Sinfónica do Porto e a pianista Maria João Pires. Direcção do maestro José Alalava. 1.ª Parte: Coriolano, abertura-Concerto n.º 4 em sol maior op. 53, intervalo: o harpista Nicanor Zabaleta interpreta: «El viejo Castillo mudo», de cantos e fantasias de Eduardo López Chavarri. 2.ª Parte: Sinfonia n.º 5 op. 67 em sol menor; 22.30: Obras do compositor inglês Elgar para orquestra de câmara; 23.00: Intercâmbio musical. Temporada de concertos da Radiodifusão húngara, em gravações cedidas por aquela estação emissora 00. Oratória «Cristo», de Liszt; 01.00: Fecho.

3.º Programa

Nacional e Regional (290 m)

18.00: «Contacto»; 18.20: Titulos de 1.ª página; 18.30: Actualidade; 18.45: Fórmula 1; 19.05: Teatro trágico, pelos

CASTIL

Tel. 530194 15, 18.30 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

Barbara Streisand Kris Kristofferson

NASCE UMA ESTRELA

Premiado com 5 Globos de ouro

5.ª semana

CONDES

Tel. 322523 14 16.30 18.45 e 21.30

Não acons. a men. 13 anos

O EXPRESSO DE CHICAGO

c/ Gene Wilder

em 2.ª semana

com Arthur Miller

EDEN

(Tel. 320768) 14, 16.30, 19, 21.30

Jack Lemmon, Lee Grant, Branda Vaccaro, Joseph Cotton

AEROPORTO 77

um filme de Jerry Jameson

Não acons. a men. de 13 anos

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.30, 18.30 e 21.30

Não acons. a men. 13 anos

007-AGENTE IRRESISTÍVEL

6.ª semana

ESTÚDIO 444

Tel. 555134 15.30 18.30 e 21.45

Não acons. men. 13 anos

3.ª Semana

NASCE UMA ESTRELA

IMPERIO

Tel. 5551345 15.15, 18.30 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

14 actores na odisseia mais espantosa

UMA PONTE LONGE DE MAIS

colorido

Um espectáculo invulgar

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

Não acons. 13 anos

AS BELAS MULHERES DOS OUTROS

C/Jean Rockefeller Claude Brosseur Cruy Bedos

MUNDIAL

Tel. 538743 14, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. M/13 anos

O ABISMO

com Robert Shaw, Jacqueline Bisset e Nick Nolte

Parodiantes de Lisboa

19.30: Debate em directo; 19.35: A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes (repetição); 20.15: Antologia; 20.30: Pasquilha; 21.00: A música e as vozes; 21.30: «Quando o telefone toca»; 23.03: «Nocturno»; 24.00: «Nocturno» (continuação); 00.15: «Dia a dia com o passado»; 02.00: Fecho.

NIMAS

Tel. 574362 14.30, 16.45, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

ADOPÇÃO

Grande prémio do Festival de Berlim

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

KING KONG SUPERMAN

Eastmacolor, Bruce Liang Chiana a Cha Sek King

PATHE

Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.30

Sónia Braga, José Wilker Mauro Mendonça em

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

um filme de Bruno Barreto

Não acons. a men. de 18 anos

POLITEAMA

Tel. 376305 13.55, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. men. 13 anos

A CANÇÃO DA FELICIDADE

4.ª semana

O filme começa logo no início da sessão

RESTELO

Tel. 610375 As 21.30h

Maiores de 13 anos

WEST SIDE STORY

(Amor sem Barreiras)

ROMA

Tel. 887778 15.30, 18.30, 21.30

Não acons. a M. 13 anos

AEROPORTO 77

Suspense máximo!

com Jaca Lemmon - Lee Grant

ROXY

14.15 16.30 18.45 21.30

Não acons. men. 18 anos

DE CALCINHAS COR DE ROSA

Em 2.ª semana

(Colorido)

S. JORGE

Tel. 579144 15.15, 18.30 e 21.30

UMA PONTE LONGE DE MAIS

2.ª Semana

Não acons. a men. 13 anos

As sessões começam com recepção do filme

TIVOLI

T. 570595

Sessões às 15.15, 18.30, 21.30

Julie Andrews, Dick Van Dyke em

MARY POPPINS

Um filme de Walt Disney Productions

8.ª Semana

Para todos

NOVO-CINE

Hoje estreia às 21.15

Av. General Roçadas, 7 (A Sapadores)

Não acons. a menores de 13 anos

Um conto das mil e uma noites

AS AVENTURAS DE TAKLA KAN

Technicolor

Não acons. a menores de 18 anos

CULPADO OU INOCENTE

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Santo Inquérito»

MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«O Pato»

TEATRO ABERTO
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Os Macacões»

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»

TEATRO BAIRRO ALTO
21.30 (13 anos)
«Casimiro de Carolina»

ADOQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Calinas Cala a Boca»

VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Desculpa o Caetano»

ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O da Guarda»

COLISEU
21.30 (6 anos)
«A Magia Internacional do Circo»

MONUMENTAL
21.30 (13 anos)
«Aqui Quem Manda sou Eu»

LISBOA/Cinemas

EUROPA
21.15 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois maridos»

ROYAL
21.30 (18 anos)
«A voz do sangue»

APITOLIO
21.00, 23.00 (18 anos)
«Inibição»

CINE AUDITÓRIO
21.30 (14 anos)
«Django Mata»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Lodo na cidade»

QUARTETO
Sala 1
21.00, 23.00 (18 anos)
«Dias Tranquilos em Clichy»

Sala 2
21.00 e 23.00 (18 anos)
«A Punição»

Sala 3
21.15 e 23.30 (18 anos)
«A Alice já não Mora Aqui»

Sala 4
21 e 23 (13 anos)
«Mônica e o Desejo»

MONUMENTAL
21.30 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois Maridos»

OLIMPIA
Sessões permanentes (18 a)
«O Último Tango em Aca-pulco»

CINEARTE

21.30 (18 anos)
«Até os bichinhos gostam»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Hotel internacional»

VUX
21.30 (13 anos)
«O Expresso de Chicago»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Rainha Ardente»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Os Amores de uma Adolescente»

ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (18 anos)
«Jardim Mágico»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A fúria do campeão»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (6 anos)
«As Francesas e as Gaivotas»

Lido
21.15 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois Maridos»

Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«O Rapto de Patricia»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«O Presidiário»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«O senhor é vivo?»

Incrível
21.15 (18 anos)
«Um dia de cão»

LARANJEIRO
Instrução e recreio
21.30 (13 anos)
«O justiciero do meio-dia»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Isto é que me dói»

TERÇO
22.45 (18 anos)
«O Pátio das Cantigas»

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Atena»

PORTO/Cinemas

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Gênio do mal»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«1900» (2.ª parte)

ESTUDIO 400
21.30 (18 anos)
«Adeus Bruce Lee»

JÚLIO DINIS
21.30 (13 anos)
«Que fazemos nós no meio da Revolução»

OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«O Sexo Comanda»

S. JOÃO
21.30 (13 anos)
«Aeroporto 77»

ESTUDIO 4
21.30 (18 anos)
«O horrachinho»

CHAPLIN
21.30 (13 anos)
«Zameer»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Viagem ao Inferno»

RIVOLI
21.45 (18 anos)
«Punhos em Fúria»

CHARLOT
21.30 (18 anos)
«O Padrinho» (2.ª parte)

SALA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«As criaturas»

ESTUDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Car Wash»

ÁGUA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Aeroporto 77»

CARLOS ALBERTO
21.30 (13 anos)
«A canção da felicidade»

BATALHA
21.30 (13 anos)
«O Abismo»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«1900» (1.ª parte)

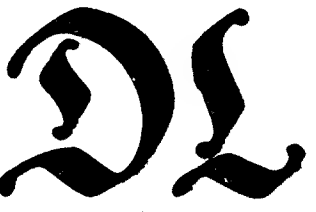
COIMBRA

AVENIDA
21.30 (13 anos)
«Corrida de Loucos»

S. TEOTÔNIO
21.30 (13 anos)
«Oh amigos meus»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«A filha do engano»

TIVOLI
21.30 (13 anos)
«A história D'O»



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍBDA TELEF. 12363
LISBOA PORTUGAL

Flores para os mortos



Cumprindo uma tradição multissecular, houve ontem, Dia de Todos os Santos, a habitual romagem aos cemitérios, com deposição de flores nas campas. Enquanto em Lisboa a afluência era, como de costume, bastante grande, dezenas de milhares de pessoas aproveitavam o feriado para se deslocarem às suas terras na província e praticarem ali o culto dos mortos. Uma nota a destacar: a subida quase incomportável do preço das flores, registada sobretudo nos centros urbanos.

Legionário de Braga novamente suspenso da Função Pública

O comandante de lança da Legião Portuguesa dr. José de Almeida Vieira, que tem estado a desempenhar as funções de chefe da divisão regional de Braga da Direcção-Geral do Emprego, foi suspenso das suas funções, por despacho do secretário de Estado da Popu-

lação e Emprego hoje publicado no «Diário da República», II Série.

O indivíduo em causa, após anterior suspensão, havia sido reintegrado na função pública, facto inconstitucional, vocou certa celeuma.

SEMINÁRIO DO IPE NA GULBENKIAN

Técnico da OCDE "especializa" gestores de empresas públicas

Com a participação de cinquenta gestores de empresas públicas e responsáveis pelos órgãos de planeamento dos Ministérios do Plano e Coordenação Económica, da Indústria e Tecnologia, das Finanças e dos Transportes e Comunicações, iniciou-se esta manhã, na Fundação Gulbenkian, um seminário sobre contratos-programas e gestão de empresas, promovido pelo IPE (Instituto das Participações do Estado).

Subordinado ao tema «Os Contratos-Programas e a Gestão das Empresas Públicas», este seminário, cujas sessões de trabalho decorrerão até à



Hani Gresh, o técnico da OCDE destacado para dirigir o Seminário, quando usava da palavra

próxima quinta-feira, efectua-se ao abrigo do programa técnico da OCDE para Portugal, tendo como animador Hani Gresh, «encarregado de missão» da Direcção de Previsão do Ministério da Economia e das Finanças de França.

Segundo referiu aos jornalistas, o eng. Protes da Fonseca, presidente do Conselho de Administração do IPE, esta iniciativa integra-se na necessidade premente de especializar o maior número possível de gestores, de forma a tornar mais funcional a ligação entre as empresas públicas e a administração central.

Embaixador português condena política israelita

Sintonizado com os esforços de Mário Soares em Paris para estabelecer boas relações com os países árabes, o embaixador de Portugal na ONU proferiu um discurso perante a Assembleia Geral da organização no qual condena a política expansionista que Israel tem prosseguido nos territórios árabes ocupados, desde 1967.

Vasco Futscher Pereira, afirmou, segundo o texto parcial do discurso divulgado pelo Ministério dos Negócios Estran-

geiros, que Portugal «vê com preocupação o estabelecimento de aldeamentos israelitas nos territórios ocupados, bem assim como outras medidas que Israel tem tomado e que podem parecer visar a alteração do «status» daqueles territórios».

Dando o apoio de Portugal e uma proposta de resolução apresentada por Estados árabes e africanos, a qual condena a ocupação por Israel de

territórios árabes, o embaixador português afirmou ainda: «Mesmo que legalmente Israel fosse autorizado a proceder como proceda, as suas iniciativas e acções continuariam a encontrar a desaprovação da comunidade das Nações, pois são actos politicamente condenáveis, desmentindo aparentemente a sinceridade da sua posição e tornando ainda mais difícil qualquer negociação que vise a resolução do conflito».

EUA FORA DA OIT

"Não constitui surpresa" — afirma CGTP-IN

A decisão, ontem tornada pública, de os Estados Unidos abandonarem a Organização Internacional do Trabalho (OIT), «não constitui uma surpresa», nos termos de um comunicado divulgado pela Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional, divulgado ao fim da manhã.

A respeito das causas próximas apontadas para esta decisão (deliberações contra Israel e admissão como observador da OLP) afirma a CGTP-IN que «sempre assumiu, designadamente pelo seu voto na Conferência Internacional do Trabalho, posições favoráveis à causa dos trabalhadores e dos po-

vos árabes, posições que correspondem ao cumprimento do Artigo 7.º da Constituição».

Sobre outro dos motivos apontados para o abandono por parte dos Estados Unidos (a crescente politização) da OIT, diz a CGTP-IN: «Na última conferência, os Estados Unidos e os seus aliados opuseram uma resistência encarnizada contra um projecto de resolução que exigia medidas para pôr termo à discriminação exercida sobre os trabalhadores de nacionalidade panamenha, na zona do canal do Panamá, submetida a uma administração de tipo colonial pelo Governo dos Estados Unidos».

Assim, para a Confederação,

não se trata de politização, «mas da influência que factores políticos e, entre eles, a defesa da independência nacional, têm, com vista à resolução de problemas sociais e à construção de uma nova ordem económica internacional».

A decisão ficaria, portanto, a dever-se ao facto de os Estados Unidos sentirem «crescentemente o seu poder ser posto em causa pelo aumento do número de estados membros, com posições anti-imperialistas, consequência do movimento de libertação nacional e da formação do campo socialista e pelo avanço das posições do movimento sindical não reformista, com posições de classe a nível internacional».

"Moncloa" à portuguesa

Continuação da pág. 1

Recordou ainda que o PCP já em Julho passado afirmara que, a não haver novas eleições, para se clarificar a situação política, era necessário um Governo de plataforma negociada entre todas as forças interessadas no processo democrático. É nesse sentido que, como se sabe, o PCP tem tido negociações, sobre vários temas, com o Governo. «Para haver sucesso nessas negociações é porém necessário que o Governo tenha em conta os interesses e direitos dos trabalhadores e que cesse a verdadeira campanha contra eles e as suas realizações em que parecem empenhados alguns Ministérios, com ataques à Reforma Agrária, às cooperativas e Unidades Colectivas de Produção e às empresas que os trabalhadores defenderam da sabotagem».

A concluir, Aurélio Santos afirmou que o PCP, pelo seu lado, «continua pronto a participar em negociações, mas

não em negociações para submeter o País à tutela do Fundo Monetário Internacional, e sim em negociações com objectivos patrióticos, para assegurar a recuperação económica e defender a independência nacional».

Face, sobretudo, à radicalização de que a direita vem

dando provas, e à debilidade de um Governo minoritário com uma base parlamentar de apoio bastante diferente daquela de que dispõe a UCD de Suárez e enfrentando uma crise muito mais agudizada do que no país vizinho, resta saber se uma «Moncloa à lusitana» será realmente possível.

Tónico e Malvina em Lisboa

Continuação da pág. 1

da série no Brasil e em Portugal. «Recebo muitas cartas de mulheres portuguesas, assim como recebi de brasileiras que têm problemas ou decidem libertar-se como a personagem que interpreto».

«Elizabeth, você consegue ter a coerência da personagem?». «A gente tenta, né!». «No Brasil é difícil essa libertação?». «Onde não é?».

Quanto a «Tónico Bastos», muito mais gordo, fez as

delícias da multidão. «Ainda usa bigode», etc. Vinha acompanhado da mulher. «Medida de vigilância?». — perguntámos. «É» e assumiu imediatamente a personagem da série. Penteia o bigode para os reportagens-fotográficas. Sobre se o que se passa na série tem alguma coisa a ver com o Brasil de hoje, Fulvio Stefanini concorda e que nalgumas regiões do Nordeste isso ainda acontece.

3
tome
5

PONTE QUE NÃO EXISTE

No «Código da Estrada», edição do ano corrente, figura uma ponte que não existe. Verdade: entre as páginas 81 e 90, e citando-se um decreto do Ministério das Obras Públicas e Comunicações (30/7/66), fala-se numa certa Ponte Salazar... Claro: trata-se da Ponte sobre o Tejo que em 1974 ganhou o nome de «Ponte 25 de Abril»... Esquecimentos, enfim. Responsáveis por esta edição do Código: Augusto Cunha e Alfredo Vilaça. Atenção, pois, leitor automobilista: embora o trânsito se faça pela direita, há que evitar a direita política...

O ELOGIO OFICIAL

Dois meses após ter sido nomeado membro da Comissão Instaladora do Curso de Psicologia do Porto, o psiquiatra Fernandes da Fonseca pediu a sua demissão. Foi em Abril deste ano. Surgida na sequência da contestação generalizada dos estudantes, tal atitude foi compreensivelmente aceite nos meios académicos já que, para além do mais, aquele professor era acusado de ter muitos tachos». O autoritarismo e a recusa ao diálogo com os estudantes marcaram os poucos dias em que o psiquiatra esteve à frente da CI. Toda a gente o sabia na Faculdade e, na imprensa, isso mesmo foi denunciado.

Agora, seis meses após o pedido de demissão, um despacho do MEIC exonera o prof. Fernandes da Fonseca da comissão instaladora... e mais do que exonera, o psiquiatra é elogiado. Assim, textualmente: O prof. Fernandes da Fonseca desempenhou o seu cargo de forma exemplar, com grande dedicação, zelo e competência pelo que é louvado».

Nos corredores da Faculdade pergunta-se se isto são repetições dos louvores do 24 de Abril ou nova forma de humor lançada pelo MEIC. Que seja amnésia ministerial ninguém acredita.

OUÇAM ESTA...

Aconteceu há dias no Programa-3 (Ex-Emissões Associadas de Lisboa) da RDP, na emissão das sete às 10 horas da manhã da responsabilidade do sr. Manuel Faleiro. Entrevistava-se um cantor de nome Jorge Martinho, que, depois de referir as «acusações» de que era alvo por cantar em festas do CDS, acrescentaria que a partir de agora só cantará para o MIRM, pois o CDS está «de masiado à esquerda».

Estará Igrejas Caeiro atento (como acontece em relação a programas de notável audiência popular) a tais pluralísticas entrevistas?

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE SETEMBRO:
43 800 exemplares
(Hoje 28 páginas)

EXCLUSIVOS TRIUNFO

Adopção

-Adoption-

um filme de
MARTA MESZAROS

**GRANDE PRÉMIO
DO FESTIVAL DE BERLIM**



**Obra onde explodem
grandes momentos de emoção.**

-LE MONDE-

**Um filme que se dirige à nossa
sensibilidade e à nossa inteligência**

-FRANCE SOIR-

"Adopção" um filme admirável.

-L'EXPRESS-

com
KATI BEREK / LASZLO SZABO

2.ª SEMANA
AS 21.30

cinemas

FAMILIA ALGEMELHAR A MENORES DE 12 ANOS

KOL

CONVITE

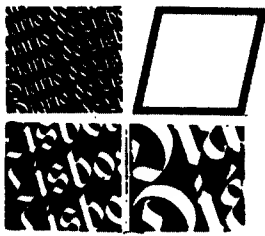
PARA HOJE

Temos o prazer de convidar V. Ex.ª, a visitar a maior exposição de mapas do País. Encerra às 23 h.

Av. Col. Bordalo Pinheiro, 87-89 — Lisboa
(à Praça de Espanha)

EXCLUSIVO

N.º 4077



NÚMERO DEDICADO

A REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

SUPLEMENTO

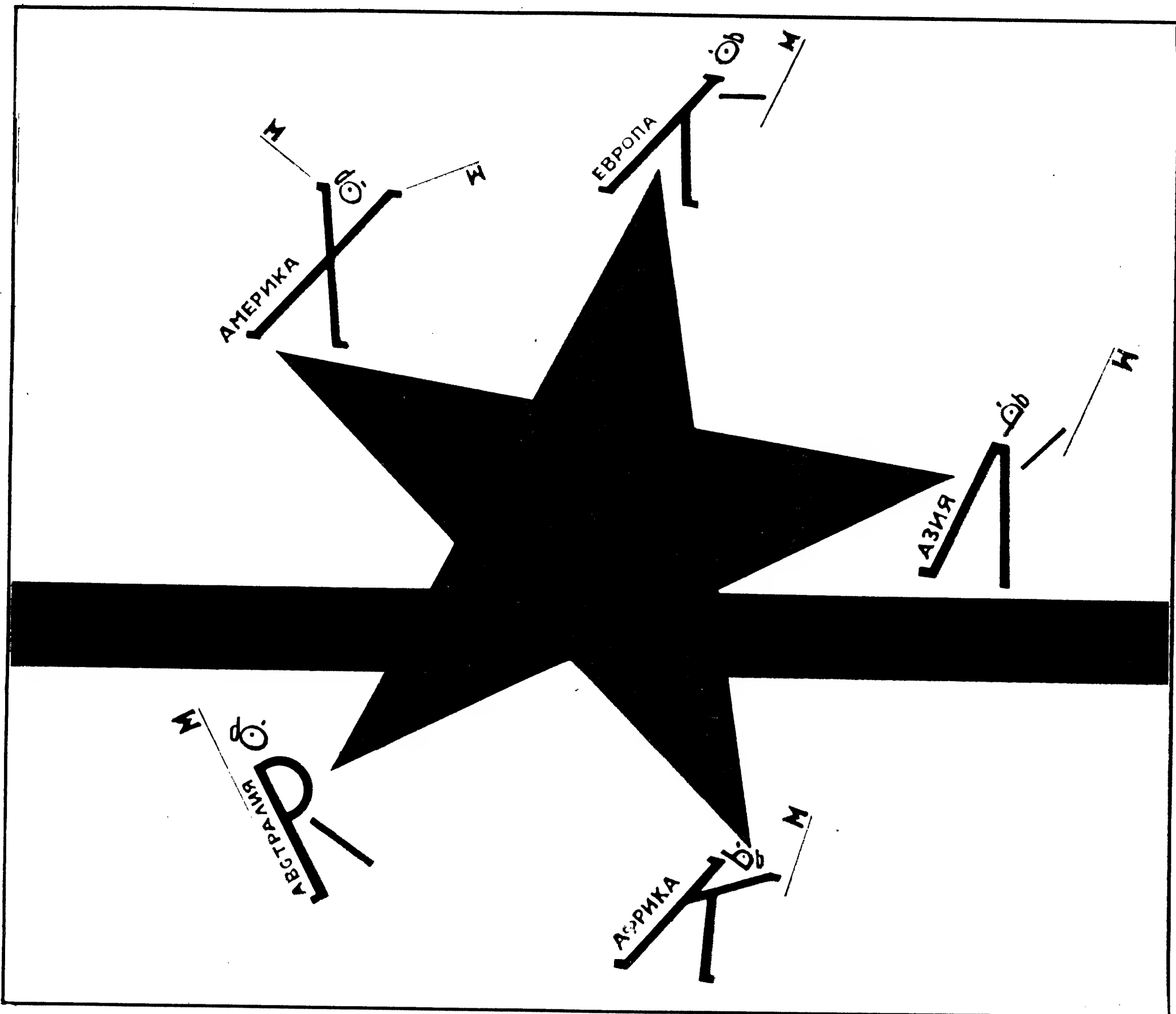
Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 4077

Quarta-feira, 2 de Novembro de 1977

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO / 1917



A capa deste suplemento é da autoria do artista soviético El Lissitzky, contemporâneo da Revolução e um dos mais destacados elementos das artes visuais da União Soviética desse tempo. Representa graficamente a síntese revolucionária: «Proletários de todo o Mundo uni-vos!». Cada ponta da estrela assinala um continente.

A Rússia chegara ao momento culminante da sua história. A preparação do levantamento era feita de um modo multilateral, firme e organizado, à maneira bolchevique. A classe operária, como nunca ainda acontecera, desobria as suas possibilidades revolucionárias e a sua energia. As fábricas de Petrogrado lembravam fortalezas armadas. Muitos trabalhavam com as espingardas encostadas aos tornos. Num prazo extremamente curto, a Guarda Vermelha de Petrogrado podia pôr em linha de combate 50 mil homens armados.

Os regimentos revolucionários da guarnição de Petrogrado e os marinheiros da Frota do Báltico preparavam-se intensamente para a insurreição. O comité militar-revolucionário enviava os seus comissários às unidades militares. As ordens não podiam ser cumpridas sem a sua confirmação, sem a sua concordância.

Na noite de 17 de Outubro, os dirigentes da organização militar do C.C. do P.O.S.D.R.(b.)-Partido Operário Social-Democrata da Rússia (Bolchevique) — foram chamados à casa clandestina onde se encontrava Lenine. A palestra estendeu-se muito para além da meia-noite. V.I. Lenine recolhia elementos, colocava inúmeras questões e distribuía tarefas concretas. Interessava-se por tudo. Os comandantes da Guarda Vermelha conhecem a estratégia dos combatentes de rua? Qual é a sua qualificação militar? Já foram designados os destacamentos especiais encarregados de ocupar a central telefónica, o telégrafo e as pontes? Como está organizado o fornecimento de armas? Como funciona o comité militar-revolucionário? São ou não convocadas diariamente reuniões das guarnições?...

O presidente da organização militar, N. I. Podvoiski lembra como, durante a palestra, se tornavam claras as falhas e as insuficiências. «A partir daquele momento comecei a ver o levantamento com os olhos de Lenine e tornava-se claro o que exactamente se devia fazer naqueles poucos dias que restavam até à data da insurreição».

Lenine dava uma importância decisiva à escolha correcta do «momento» da insurreição. Esse «momento» chegou no dia 24 de Outubro.

Resolução histórica

As forças da contra-revolução foram as primeiras a actuar. Na reunião do governo provisório realizada na noite de 23 para 24 de Outubro, Kerenski expôs um plano de acção que previa, entre outras medidas, a concentração das tropas na Praça do Palácio, o encerramento dos jornais bolcheviques e o ataque militar contra o Smolni. Depois se seguiriam outras medidas destinadas a esmagar a rebelião. Os ministros concordaram com o plano e Kerenski começou a agir.

De manhã cedo, no dia 24 de Outubro, procurando evitar a insurreição das forças revolucionárias, o governo provisório, utilizando os junkeres, procurou encerrar o órgão central do Partido Bolchevique, o jornal «Via operária». É convocada uma reunião urgente do C.C. do P.O.S.D.R.(b.), que decide limpar a redacção dos junkeres e garantir a publicação normal do jornal. A tarefa foi cumprida. O comité militar-revolucionário fez um apelo aos operários e soldados de Petrogrado, em que se anunciava o início da investida da contra-revolução. O Comité Central do



OS DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

P.O.S.D.R.(b.) adoptou uma resolução que se tornou uma directiva para a acção: passar ao ataque sem perda de tempo com todas as forças organizadas da revolução a fim de derrubar imediatamente o governo provisório.

São tomadas medidas para defender o Smolni. Na fortaleza Petropavlovskaya criou-se um estado-maior de reserva. A todos os Soviéticos e comités foi proposto trabalhar em regime permanente, recolher informações sobre a acção contra-revolucionária e transmiti-las ao estado-maior da revolução. As vias de acesso a Petrogrado foram postas sob a guarda reforçada de destacamentos revolucionários. As unidades militares leais à revolução estavam alertas, de prevenção e o seu comando sob a responsabilidade de comissários do comité militar-revolucionário. Estabeleceu-se o controlo do telégrafo central, dos correios centrais e de outros importantes estabelecimentos de Petrogrado. As pontes, levantadas por ordem do estado-maior da região militar, voltaram a baixar. Os telefones do Smolni, desligados também de acordo com a referida ordem, foram novamente ligados. A Guarda Vermelha armou-se no arsenal da fortaleza Petropavlovskaya. A revolução acumulava forças e firmemente tomava a iniciativa.

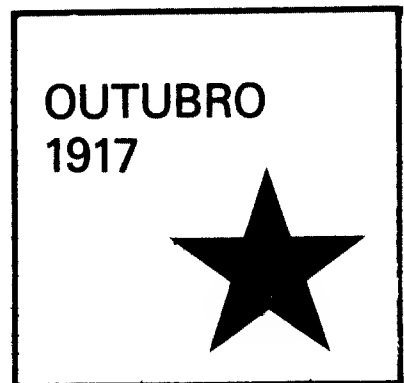
Lenine insiste pelo início imediato da insurreição, que tem de dar-se antes do II Congresso dos Soviéticos, a fim de se adiantar ao inimigo, que esperava a tentativa dos bolcheviques para o dia da sua abertura.

Eis o que Lenine escreve ao Comité Central:

«Escrevo estas linhas na noite do dia 24. A situação é extrema-

mente crítica. E agora evidente que, na verdade, a demora significará a morte.

Por todos os meios procuro convencer os meus camaradas de que tudo está por um fio, que estão na ordem-do-dia questões que não se resolvem em conferências ou congressos (mesmo que seja o Congresso dos Soviéticos) mas que se resolvem, sim, com o povo, com as massas, com a luta das massas armadas... A



história não perdoará a demora aos revolucionários, pois hoje podem sair vencedores (e vencerão com certeza), mas se tudo se deixar para amanhã arriscam-se a perder tudo».

SMOLNI

Lenine pede ao C.C. que o autorize a deixar a casa onde vivia ilegalmente e ir para o Smolni, mas, a cidade está muito agitada e o seu pedido é-lhe negado. Lenine insiste. Está preocupado porque o Comité militar-revolucionário, embora tenha preparado as forças insurrectas para o combate ainda não deu ordem

para o ataque geral.

Lenine toma a decisão audaz e arriscada devido à situação extremamente confusa, de ir para o Smolni. Veste um velho sobretudo, põe um lenço na cara, enfia na cabeça o boné, fica quase irreconhecível e, acompanhado por um homem das ligações, sai e dirige-se ao Smolni. Nas ruas da revolução Petrogrado, Lenine é detido várias vezes por patrulhas de junkeres. Mas Lenine possuía todas as qualidades de um verdadeiro revolucionário e nos momentos de perigo era valente e engenhoso. Chega assim ao Smolni e passa a dirigir todo o desenrolar da insurreição armada.

O Smolni lembrava uma enorme colmeia. Durante o velho regime, estava ali instalado o famoso «Instituto das Jovens Nobres», destinado às filhas das aristocratas russas. Existiam por lá mais de cem quartos enormes, pintados de branco, portas com placas esmaltadas. Tudo ali era calmo e sermoneado. Agora, mais parecia enxame furioso. Nas placas, escritas à mão, liam-se inscrições como: «C.E.C.», «União dos soldados socialistas», «Comitês fabris», «Comité Central Militar». No segundo andar, na sala nº 14, ficava o cérebro da revolução, o Comité Central do Partido Bolchevique. É para ali que Lenine se dirige, acompanhado pelo homem encarregado das ligações e por um barulhento grupo de soldados e operários revolucionários.

Tire a cabeleira postiza — disse a Lenine em voz baixa aquele que o acompanhava. — Você escondê-la em qualquer lado. Pode ser que ainda sirva. Nunca se sabe!

— Sim, nunca se sabe — disse Lenine a sorrir. Mas nós conquistamos mesmo o poder e por muito tempo...

Viva a revolução

Rapidamente se espalhou por Petrogrado a notícia de que Lenine estava no Smolni e dirigia o levantamento armado. Os representantes de todos os bairros vinham informar como as coisas seguiam nos seus sectores. Trazem para o centro da cidade tropas de confiança que irão realizar operações de combate. Um após outro, são ocupados estabelecimentos públicos e ruas da cidade. A revolução passa a desenrolar-se a ritmo acelerado.

Por determinação de Lenine, o comité militar-revolucionário começou a elaborar o plano de ataque ao Palácio de Inverno, onde se encontrava o governo provisório. Os ministros ainda estavam em reunião, mas já não possuíam qualquer poder. O governo caiu antes de ser derrubado...

A noite histórica passou-se quase sem derramamento de sangue. Alguns chegavam até a duvidar: será que se fez a revolução? Na manhã do dia 25 de Outubro estas dúvidas deixaram de existir, pois nas ruas foram colados manifestos onde se anunciava a vitória da revolução:

«Aos cidadãos da Rússia!

O governo provisório foi derrubado! O poder estatal passou para as mãos do comité militar-revolucionário, órgão do Soviète de deputados operários e soldados de Petrogrado, que dirige o proletariado e a guarnição de Petrogrado.

A causa pela qual o povo lutava: imediata proposta de uma paz democrática, revogação da propriedade latifundiária da terra, controlo da produção pelos operários e formação de um governo de Soviètes, foi alcançada.

Viva a revolução dos operários, soldados e camponeses».

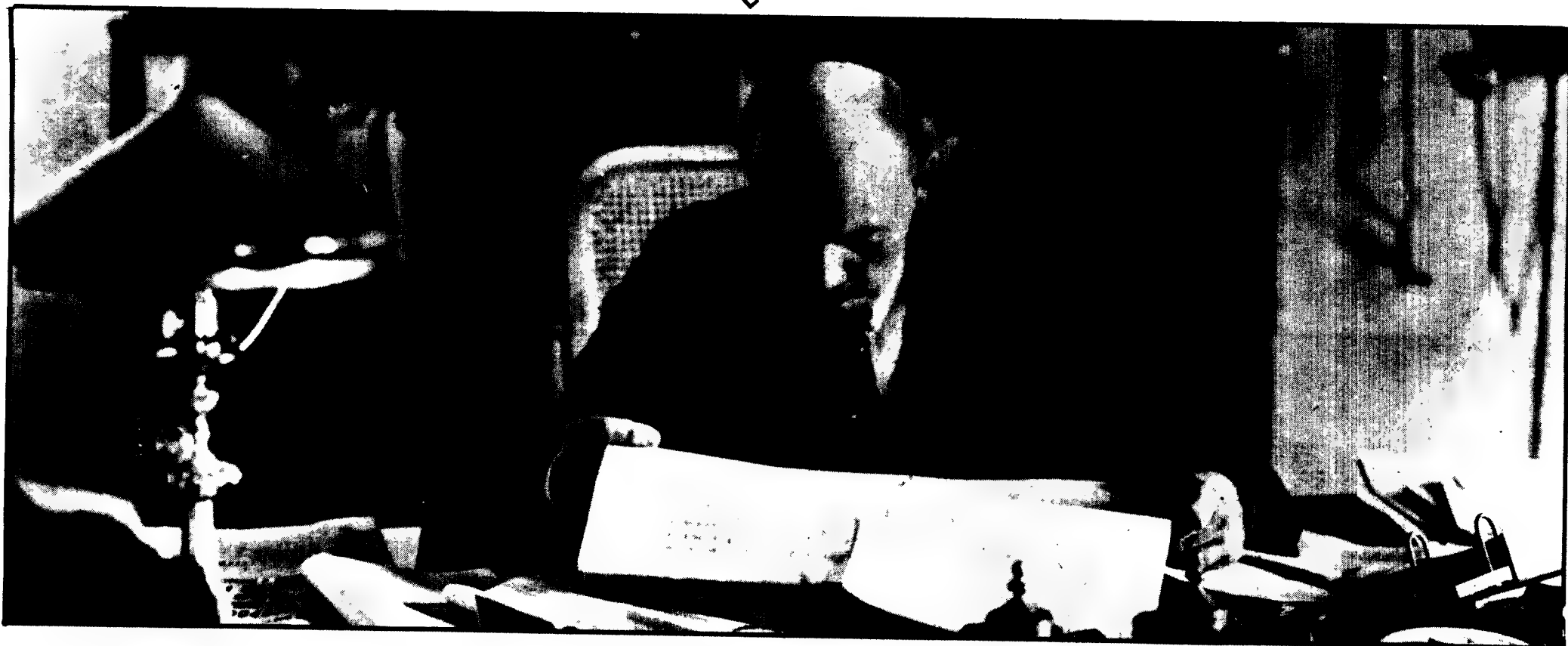
Na Sala de Sessões do Smolni, teve lugar uma reunião extraordinária do Soviète de Petrogrado. Os deputados ovacionaram o dirigente da revolução quando subiu à tribuna.

«A revolução operária e camponesa, de cuja necessidade os bolcheviques sempre falavam, foi realizada — disse Lenine. ... De hoje em diante, inicia-se uma nova era na história da Rússia, e esta, a terceira revolução russa, deverá, finalmente, conduzir à vitória do socialismo».

O cruzador «Aurora» encontrava-se no rio Neva desde 1916 para ser reparado. A tripulação do navio era uma das unidades de confiança da revolução. O ministério da marinha, que o sabia, no dia 23 de Outubro de 1917, dera ordem para que o «Aurora» fizesse rumo ao largo a fim de experimentar as máquinas. Mas, por ordem do comité revolucionário da Esquadra do Báltico, os marinheiros negaram-se a cumprir a disposição do ministério. O «Aurora» levantou o ferro mas não se fez ao mar, dirigiu-se ao Palácio de Inverno e para ele apontou os seus canhões.

Na noite de 25 de Outubro souo a histórica salva do cruzador revolucionário contra a última cidadela da contra-revolução, o Palácio de Inverno. Esta salva ressoou por todo o mundo como o eco vitorioso do início de uma nova era... ●

1 — A 1 de Fevereiro de 1918 foi introduzido na URSS o calendário solar. Por isso, o aniversário da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro é comemorado no dia 7 de Novembro.



"MILAGRE" QUE O NÃO FOI

Stanislav Tiutiukin

NOVOSTI

Há 60 anos que o mundo discute sobre o que, afinal, aconteceu na Rússia em Outubro de 1917. No Ocidente, é frequente ouvir-se, entre gente mais ou menos honesta em relação ao país dos soviéticos, que foi, na melhor das hipóteses, um «milagre russo». Outros encontram a explicação na primeira guerra mundial: o povo, em estado de desespero, teria seguido, inconscientemente, Lenine. Outros ainda, vêem nos bolcheviques os «conspiradores» que conseguiram efectuar um «golpe» brilhante e implantar a sua ditadura. E poder-se-ia continuar a enumerar tantas outras opiniões, com frequência contraditórias entre si.

Os autores destas diferentes «teses» estão todos de acordo numa coisa: a primeira revolução socialista mundial teve lugar num país atrasado onde ainda não estava criadas as condições para o socialismo. Segundo eles, a Rússia deveria ter passado pela «escola» do capitalismo, durante muitos séculos, e só depois poderia pensar na transição ao socialismo.

Foram violadas leis históricas?

Procuramos então analisar a Revolução de Outubro foi, de facto, um acidente que não reflectia as principais tendências do desenvolvimento sócio-político mundial no século XX e não têm, portanto, força de exemplo para outros países. Ou, se pelo contrário, têm um carácter lógico e premissas económicas e políticas objectivas.

Convém começar por recordar a conhecida tese de Lenine segundo a qual nenhuma insurreição cria o socialismo se não estiverem amadurecidas as condições económicas. A história demonstrou, mais de uma vez, que todo o regime político não assente na correspondente base económica e social está destinado a fracassar por muito bem que se te-

nha conduzido a revolução. Mas não seria de certo Lenine, organicamente adverso ao aventureirismo político, a conduzir a classe operária e os seus aliados na Revolução Socialista se não estivesse convencido de que, na Rússia, existiam as premissas materiais objectivas para construir o novo regime social.

Podem objectar os opositores que Lenine e os bolcheviques baseavam os seus cálculos na revolução proletária mundial e que — ainda segundo eles, opositores —, esta ajudaria a superar o atraso económico da Rússia. De facto, Lenine considerava a revolução russa como parte inseparável da Revolução Socialista mundial. Mas também compreendia, plenamente, que esses laços eram imponderáveis e, além disso, nenhuma ajuda externa, por muito importante que fosse para os destinos da revolução num país, poderia, por si só, resolver as tarefas internas que se punham ao partido revolucionário. Por isso, ao pensar a questão da possibilidade do triunfo da revolução proletária na Rússia, Vladimir Lenine analisou, antes de mais, o estado da economia e a correlação de forças das classes no interior do país.

O que era a Rússia em 1917

É evidente que, como sistema, o socialismo não pode funcionar sobre uma base económica primária, sem uma grande produção de maquinaria, um sistema bancário, vias de comunicação, etc. E sem um elevado nível de cultura, no sentido mais amplo da palavra.

O que era então a Rússia em 1917?

Era um país onde o capitalismo havia alcançado um nível médio de desenvolvimento e tinha entrado na fase do imperialismo. Nas vésperas da primeira guerra mundial a Rússia ocupava o quinto lugar no mundo pela sua produção industrial, a seguir aos EUA, Alemanha, Inglaterra e França. Tinha a segunda rede

ferroviária em extensão, ocupava o quarto lugar na produção de maquinaria e o quinto da extracção de carvão e fundição de aço.

Existia na Rússia uma grande base industrial constituída por 25 mil empresas industriais (1913). Além disso estava criado um sistema desenvolvido de bancos comerciais, dos quais cinco controlavam quase metade das operações de crédito. Isto correspondia a um nível de concentração do capital bancário superior à dos países da Europa ocidental. Durante o período do imperialismo surgiram na Rússia não menos de 200 monopólios industriais, incluídos «trusts» e consórcios.

O nível de desenvolvimento económico, por si só, não chega para avaliar se um país está amadurecido para o socialismo. Demonstra-o a actual situação de muitos países capitalistas desenvolvidos onde as condições económicas para a revolução socialista estão alcançadas e até ultrapassadas. E apesar das crises que o mundo burguês tem atravessado nos últimos decénios, esses países continuam a ser capitalistas.

Para determinar o grau de amadurecimento das premissas materiais da revolução socialista há, pois, que ter em conta outros factores sócio-políticos.

O partido das massas na Revolução

Para que a revolução seja viável é necessário existir uma situação revolucionária caracterizada, no essencial, por três sintomas. Primeiro, a impossibilidade das classes governantes manterem imutável o seu poder. Ou seja, deve existir uma crise na política praticada pelas «elites», o que cria o descontentamento e a indignação das classes oprimidas. Segundo, a situação revolucionária caracteriza-se pela brusca agudização da pobreza e calamidades que caem sobre as massas trabalhadoras. Terceiro, é necessário que surjam movimentações de amplas ca-

mas populares, determinadas pelas circunstâncias político-económicas.

A Rússia do Outubro de 1917 tinha criadas estas condições revolucionárias. As massas populares já não aceitavam viver como antes. Entre as classes dirigentes — burguesia e grandes proprietários das terras — e as classes oprimidas — proletariado e campesinato — manifestavam-se profundas contradições. Em Setembro de 1917, as greves desencadeadas envolveram 2,3 milhões de trabalhadores. Os movimentos dos camponeses pobres tornavam-se massivos. Contudo, to-

REVOLUÇÃO DE OUTUBRO



das estas condições não são ainda suficientes para o triunfo da revolução. O seu êxito exige uma classe operária organizada, disciplinada politicamente madura e preparada para as acções revolucionárias de massas. E exige uma vanguarda da classe operária: um partido verdadeiramente proletário que indique o caminho certo até à vitória.

Nas vésperas da Revolução de Outubro de 1917 a Rússia tinha 18 milhões de assalariados eventuais e quase cinco milhões de proletários. A concentração de operários em empresas era muito elevada, o que criava possibilidades suplementares à sua organização e coesão. No que respeitava à consciência política, à solidariedade e ao internacionalismo, o proletariado russo superava consideravelmente os destacamentos do movimento operário internacional. Nele estavam muito menos envolvidas as tendências gremiais e «tradeunionistas», e era muito reduzida a camada chamada «aristocracia ope-

rária».

Finalmente, o proletariado russo tinha desde 1903 um partido marxista revolucionário, grande escola de educação política que se fortaleceu nos anos da primeira revolução (1905-1907) e amadureceu ainda mais, no período da nova ascensão revolucionária de 1910 a 1914. Conduzidos pelo partido bolchevique, a classe operária e os camponeses derrubaram a autocracia czarista em Fevereiro de 1917 e fizeram triunfar a Grande Revolução Socialista oito meses mais tarde.

Começo de uma nova era

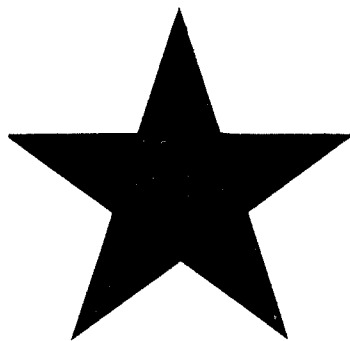
Nas vésperas de Outubro de 1917 existiam na Rússia todas as condições, tanto objectivas como subjectivas para o triunfo da revolução. E o facto da primeira revolução socialista ter acontecido num país capitalista de desenvolvimento médio, e não de capitalismo altamente desenvolvido não refuta minimamente o postulado fundamental do marxismo sobre as características da revolução proletária: ela assenta no conflito existente entre as forças produtivas e as relações de produção e, ao carácter social da produção e a forma privada de apropriação da riqueza nacional.

Foi este o conflito, aliado a outras contradições sociais e políticas que se gerou na Rússia antes da revolução socialista. Depois da guerra o país encontrava-se perante o dilema da catástrofe nacional ou da passagem de todo o poder para as mãos do proletariado, a classe social mais avançada.

O partido dos bolcheviques e Lenine, com base numa profunda análise científica da economia da Rússia e da sua estrutura social elaboraram e realizaram magistralmente o plano de transição do capitalismo ao socialismo. Outubro de 1917 marcou o começo de uma nova era do desenvolvimento de toda a humanidade e o mais importante acontecimento de todo o século XX. Iniciou a transição, à escala mundial, do capitalismo ao socialismo. ●

REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

1917


**COMO VIVIAM
OS CAMPONESES
ANTES DA REVOLUÇÃO
DE OUTUBRO**

O país soviético existe apenas há 60 anos. Nasceu do Império Russo em consequência da Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917. Como viviam os camponeses antes da Revolução?

No centro da Rússia, na região de Voronej, antes da Revolução existia a aldeia de Novo-Jivotinnoe. No início do século, foi visitada por A. Chingariov, médico e destacada personalidade social da época, que veio depois a escrever um livro: «A aldeia moribunda».

Ao descrever a casa do camponês Averian Pétrine, casa camponesa típica da aldeia pré-revolucionária, o autor mostra-nos a sua extrema pobreza. A não ser alguma roupa, que não chegava para todos os membros da família durante o Inverno rigoroso, a casa do camponês, praticamente nada mais tinha. Segundo a descrição da Chingariov, há ano e meio que a família, não sabia o que era um alimento quente, e quanto a açúcar, por exemplo, só o conheciam de ouvir falar.

Na Rússia czarista, famílias desse tipo constituíam a maioria esmagadora da população rural.

Qual era o motivo da pobreza e da miséria do campesinato da Rússia pré-revolucionária? A principal razão era esta: dois terços das terras pertenciam aos latifundiários, a família do czar e aos mosteiros, e apenas um terço cabia aos camponeses.

Os grandes latifundiários possuíam metade de todas as terras aráveis. Em média, cada latifundiário tinha tanta terra quanto 300 famílias camponesas. 85 por cento de proprie-

Nas regiões rurais da URSS, actualmente, vivem mais de 100 milhões de pessoas. Vinte e cinco milhões de trabalhadores em kolkhozes e sovkhoses, ou seja, um décimo da população do país. Cerca de doze milhões de agricultores vivem em aldeias de tamanho médio, isto é, de 100 a 1000 habitantes. Existem povoações cuja população não passa de cem pessoas. Mas no sul do país, onde o clima é suave e cálido e as terras são férteis, há grandes aldeias, onde a população se aproxima da das vilas (mais de 5 mil habitantes).

Geralmente, todas as pessoas aptas para o trabalho das localidades rurais são membros das cooperativas agrícolas, kolkhozes, ou trabalham nas empresas agrícolas estatais, sovkhoses. A extensão destas cooperativas e empresas agrícolas depende das condições do solo, do clima e da sua especialização na produção desta ou daquela cultura.

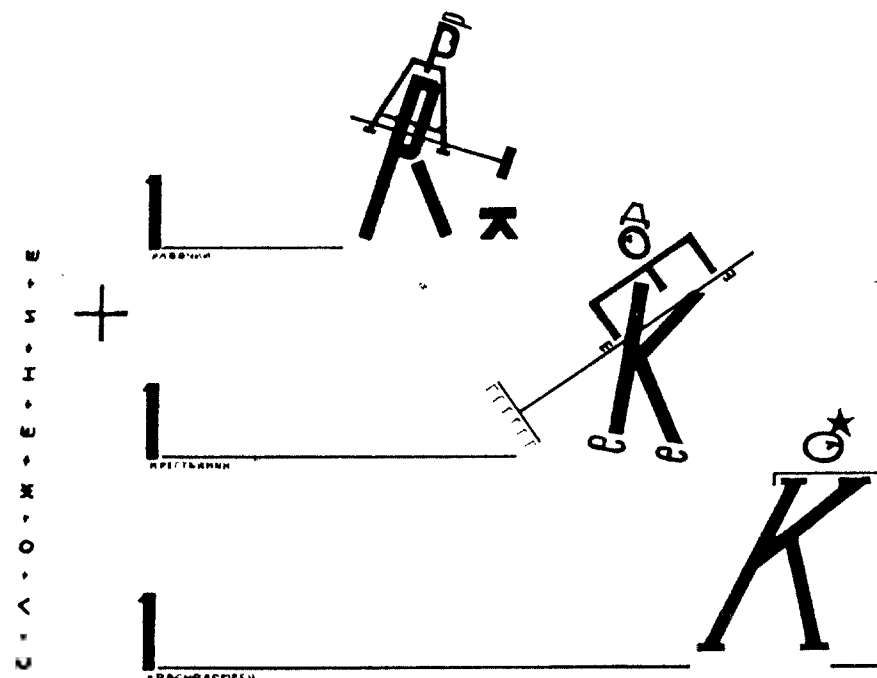
Os grandes kolkhozes e sovkhoses, economicamente desenvolvidos, incluem diversas aldeias, onde, muitas vezes, vivem de dois a três mil camponeses. Estes kolkhozes e sovkhoses, a fim de organizarem mais racionalmente o trabalho, criam quase sempre uma aldeia central, para onde pouco a pouco, se mudam os habitantes das pequenas aldeias.

As aldeias centrais são planeadas por arquitectos e construídas segundo projectos aprovados de construções urbanas.

AGRICULTURA SOVIÉTICA



A última geração
de máquinas agrícolas



dades camponesas eram pobres e tinham como proprietários gente miserável e semifaminta.

Nas suas pequenas courelas de terra pouco fértil (todas as melhores terras eram a propriedade do czar ou de latifundiários) os camponeses produziam tão pouco que não bastava para viver até à próxima colheita, milhares de camponeses arruinados partiram para as cidades em busca de trabalho, enchendo as fileiras da classe operária. Os pobres camponeses, para conseguirem viver até à próxima colheita, foram obrigados a pedir ajuda ao latifundiário ou ao proprietário rico, o kulaque. Os latifundiários emprestavam trigo e sementes, mas a juros exorbitantes. O dinheiro pago pelo arrendamento da terra e as dívidas consumiam parte considerável do rendimento dos camponeses e acabavam por arruiná-los. Na região central da Rússia, por exemplo, metade dos camponeses que haviam caído na dependência dos latifundiários, kulaques e outros exploradores, viram-se frequentemente obrigados a entregar dois terços da colheita. A pobreza dos camponeses agravava-se ainda mais com as más colheitas que se repetiam de três em três ou de cinco em cinco anos por causa das secas periódicas.

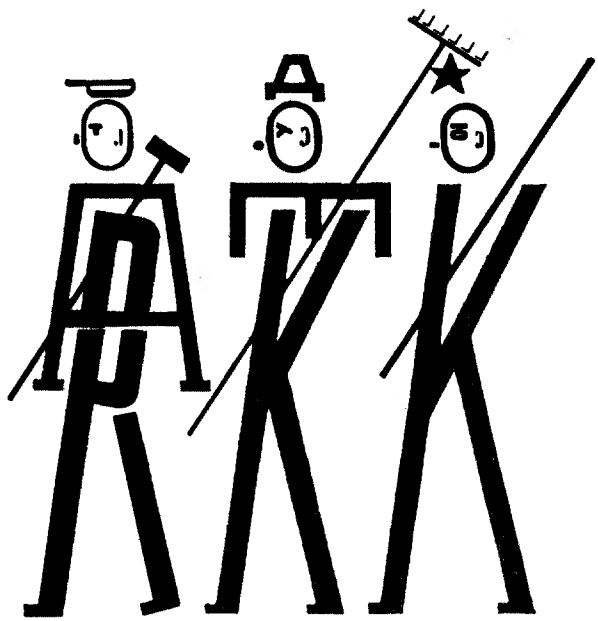
Antes da Revolução, os camponeses russos trabalhavam a terra com alfaías agrícolas extremamente primitivas. Em 1910, por exemplo, havia apenas um arado de madeira para duas propriedades camponesas e um de ferro para dez.

A maioria esmagadora dos camponeses era analfabeta. A fome crónica e a falta de assistência médica eram os motivos dos frequentes surtos de epidemias que se estendiam a enormes regiões levando milhares de vidas.

**A TERRA
AOS CAMPONESES**

Após a Revolução aumentou sensivelmente o número de pequenas propriedades graças à distribuição da terra entre os camponeses que não a possuíam na Rússia czarista. Em meados dos anos 20, dez anos depois da Revolução de Outu-

= 3
ТОВАРИЩА



1 РАБОЧИЙ + 1 КРЕСТЬЯНИН + 1 КРАСНОАРМЕЕЦ

= 3

ТОВАРИЩА

Ilustração de El Lissitzky destinada a um livro para crianças «Adição, subtracção, multiplicação e divisão», publicado em 1928. O presente desenho ilustra:

**"1 operário + 1 camponês
+ 1 soldado = 3 camaradas"**

bro, havia no país cerca de 25 milhões de propriedades camponesas. Grande parte dessas propriedades tinha um carácter de economia seminatural. Eram propriedades de consumo, com alfaías primitivas e onde predominava o trabalho manual. Milhões de



**A alfabetização
dos campos
veio com a Revolução**

camponeses apenas obtinham o sustento para si e suas famílias e nada vendiam no mercado.

Após a Revolução, o poder soviético, ao entregar a terra aos camponeses, compreendia que o seu uso em pequena escala e a nível igual não contribuiria para um considerável progresso na agricultura. Porém, não se podia fazer outra coisa, pois, no decorrer de séculos, a imagem de vida abastada dos camponeses da Rússia czarista estava obrigatoriamente ligada à posse da terra à possibilidade de a trabalhar para si e não para o latifundiário, para o kulaque ou para o usurário. E agora possuíam a terra com que tanto tinham sonhado. Como consequência, após a Revolução o número de propriedades camponesas aumentou em cinco milhões, mas a quantidade de cereais no mercado tornou-se menor do que antes da Revolução porque nas aldeias aumentara consideravelmente o consumo.

Isto foi destacado por V. I. Lenine, num artigo publicado no jornal «Pravda», de 7 de

Novembro de 1919, por ocasião do segundo aniversário do Poder Soviético. Ele escreveu: «No país de camponeses os primeiros a beneficiar, os que mais beneficiaram e que beneficiaram imediatamente com a ditadura do proletariado foram os camponeses em geral. Na Rússia dos senhores da terra e dos capitalistas, o camponês passava fome. Ele nunca teve, durante os longos séculos da nossa história; a possibilidade de trabalhar para si próprio; o camponês passava fome ao mesmo tempo que produzia centenas de milhões de «pud» («pud» era uma medida russa igual a 16 quilos e trezentos grammas) de trigo para os capitalistas da cidade e para o estrangeiro. Pela primeira vez, na ditadura do proletariado, o camponês trabalhou para si e passou a alimentar-se melhor do que o habitante da cidade. Pela primeira vez, o camponês viu de facto a liberdade: a liberdade de comer o seu pão, a liberdade de se livrar da fome».

V. I. Lenine, fundador do Estado soviético, analisava com grande interesse o estado de



**Por todos os povos da URSS
fez-se a distribuição da terra a quem a trabalha**

espírito dos camponeses. Lia com atenção a correspondência que chegava do campo, conversava com os emissários das aldeias (delegados

eleitos pelos camponeses encarregados de transmitir ao dirigente os pedidos ou desejos), prestava-lhes a ajuda necessária. Esses encontros, conversações e cartas conveniam o chefe do Governo soviético de que as amplas massas camponesas aprovavam as medidas empreendidas pelo Poder soviético no campo.

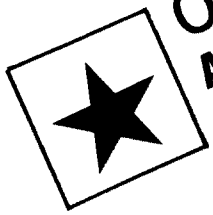
Porém, Lenine via que, apesar da constante ajuda por parte do Estado, as pequenas economias camponesas não conseguiam vencer as dificuldades. Os camponeses livres trabalhavam uma terra livre mas o caminho para o seu bem-estar não passava pelo trabalho individual num lote de terra passava pela união de esforços das suas pequenas economias em grandes empresas agrícolas, na base da cooperação, podendo empregar amplamente máquinas, mecanizar a produção e aproveitar as realizações da ciência.

**A CIDADE AJUDA
O CAMPO**

Em 1928, a URSS deu início ao cumprimento do primeiro

**A primeira geração
de tractores
soviéticos**





OUTUBRO 1917
AGRICULTURA
SOVIÉTICA

5

plano quinquenal de desenvolvimento da economia

Este plano, na sua essência, era parte de um outro mais amplo de industrialização, que permitiria em 10/12 anos transformar o país atrasado, agrário, numa potência industrial, capaz de fabricar todos os meios de produção necessários. Durante os primeiros quatro anos foram construídas na URSS mais de 1500 novas empresas industriais: fábricas de tractores, de ceifeiras-debulhadoras e automóveis, que não existiam na Rússia czarista. Isto permitiu enviar para o campo grande quantidade de maquinaria agrícola e formar assim a base para a reorganização técnica da agricultura.

A construção acelerada de grandes fábricas de tractores, como as de Estalinegrado e de Carcóvia, a fábrica de maquinaria agrícola de Rostov, permitiu fornecer à agricultura, em quantidades crescentes, tractores, ceifeiras-debulhadoras e alfaias agrícolas. As máquinas agrícolas eram vendidas a preços acessíveis e a crédito com pagamento a longo prazo. De 1928 a 1932 o campo recebeu 120 mil tractores (em 1927 trabalhavam apenas 18 mil); mas esta quantidade de máquinas ainda não chegava para fazer face às necessidades e, além do mais, os camponeses não dispunham de recursos suficientes para as adquirir.

A fim de não dispersar as máquinas agrícolas e utilizá-las com maior eficiência, o Estado criou as chamadas Estações de Máquinas e Tractores (EMT), que as alugavam aos camponeses. As EMT lavravam as terras dos Kolkhozes em condições vantajosas, ajudavam na colheita com ceifeiras-debulhadoras.

Os serviços das EMT só podiam ser utilizados pelas empresas colectivas, o que, economicamente, minava o papel de kulaque no campo e reforçava as posições do campesinato pobre.

No período da sua formação os novos kolkhozes soviéticos tinham necessidade de dirigentes instruídos e experientes. Naquela época, no campo, havia poucas pessoas com tais qualidades; antes da Revolução de Outubro os camponeses, na sua maioria, eram analfabetos e não politizados. A colectivização, no final dos anos 20, fez surgir a necessidade de uma participação mais directa dos operários de vanguarda na reorganização socialista da agricultura. Nestas condições, a classe operária do país, que fizera a revolução em aliança com o campesinato, resolveu prestar ajuda aos trabalhadores do campo. A cidade, na pessoa da classe operária, destacou-se como um amigo e aliado do campesinato trabalhador, como seu dirigente e também como uma fonte de progresso técnico. Os operários ajudavam os camponeses na reparação das alfaias agrícolas, participavam nos trabalhos do campo e explicavam-lhes a política do Partido e do Estado. Ajudavam-nos a criar os kolkhozes.

A colectivização era uma questão nova e muito complexa. Durante a sua realização foram criadas não só condições económicas para a unificação das pequenas propriedades camponesas como também se modificou nas pessoas a psicologia de proprietário individual, que se formou durante séculos com exemplos simples, explicaram-se as vantagens do sistema kolkhoziano.

O Partido Comunista e os órgãos do Estado soviético dedicaram uma atenção especial ao problema da colectivização. A classe operária do país prestou uma enorme ajuda ao campo. Desde 1928 até ao período em que foi iniciada a colectivização em massa eram enviados para o campo, todos os anos, a fim de ajudar nas campanhas de sementeiras e recolha de cereais, cerca de 250 mil operários de vanguarda, no fundamental comunistas e komosomois, propagandistas activos do movimento kolkhoziano. Nos começos de 1930, por apelo do Partido, foram enviados para os kolkhozes, com o objectivo de trabalharem ali permanentemente, mais de 25 mil comunistas, operários-voluntários, isto é, mensageiros das fábricas e empresas. Estes operários ficaram a ser conhecidos como os «25 mil». Eram em geral, operários com uma rica experiência de trabalho partidário e de organização. Eles desempenharam um papel importante no desenvolvimento da colectivização em massa. Muitos foram eleitos pelos kolkhozianos para a direcção e mesmo para presidentes dos kolkhozes, dirigiam os órgãos de poder locais, tornaram-se magníficos especialistas da produção agrícola e ligaram para sempre a sua vida ao campo.

Os kulaques tentavam frustrar a realização da colectivização: aterrorizavam e matavam os activistas da construção kolkhoziana, tentavam levantar todos os elementos anti-soviéticos dentro do país contra o sistema socialista. No campo decorria uma encarnizada luta de classes durante a qual os kulaques desapareceram como classe.

Os «25 mil» operários desempenharam um importante papel na luta contra os kulaques e na organização das primeiras EMT: Manejavam os tractores, as ceifeiras-debulhadoras, ajudavam a preparar tractoristas e outros especialistas entre os jovens kolkhozianos.

No final dos anos 20, os camponeses plenamente convencidos da vantagem da empresa colectiva, de início nas zonas cerealíferas e depois também em outras zonas do país, começaram a ingressar nos kolkhozes em massa. Mas este processo não foi um acto simultâneo: ele só terminou no país nos anos de 1937. Foi realizado durante quase dois planos quinquenais. Em vez de 25 milhões de propriedades camponesas individuais, foram criadas 240 mil empresas colectivas que uniram 93 por cento das propriedades camponesas. Apenas 1,4 milhões de camponeses continuaram com a propriedade individual, sendo a sua contribuição para a produção agrícola muito insignificante.

Nos anos 1935-1936, no país soviético, ficou plenamente estabelecido o sistema kolkhoziano. Nos fins da década de 30, a agricultura do país já estava bem abastecida de maquinaria. Nos campos trabalhavam mais de 365 mil tractores, 105 mil ceifeiras-debulhadoras e muita outra maquinaria. ●

2 de Novembro de 1966
EXCLUSIVO



Monumento a Lenine na Universidade de Kazán

O PRIMEIRO COMBATE DE LENINE

Foi na cidade de Kazán, o maior centro industrial e cultural da região do Volga, que Lenine sustentou o seu primeiro combate revolucionário quanto tinha 18 anos.

O histórico cenário da Universidade de Kazán está, hoje em dia, conservando exactamente da mesma maneira como era em 4 de Dezembro de 1887.

Neste dia, o estudante Vladimir Ilich Ulianov — que a partir de 1901 viria a adoptar o pseudónimo clandestino de Lenine — encabeçando uma coluna de colegas seus da faculdade de Direito, os arrastou, gritando e gesticulando, através do corredor que une as salas de aula com o salão de festas. Apesar das autoridades universitárias terem ordenado aos estudantes que dispersassem, estes prosseguiram a reunião durante a qual exigiram a revogação dos estatutos reacccionários da Universidade.

Como consequência do protesto, o estudante Vladimir Ilich Ulianov foi preso e, no dia seguinte, deportado de Kazán.



zán.

Na faculdade de Direito, que foi declarada histórica, estão intactos, tal como se encontravam na altura, as paredes, os tectos, os pisos, as escadas, os móveis, os documentos e o ambiente.

Na aula em que, pela última vez Vladimir Ilich Ulianov esteve como estudante, ainda estão as lâmpadas de gás, o púlpito, a estante cheia de livros e as carteiras.

Tudo foi cuidadosa e fielmente preservado, de tal maneira que ainda podem ser vistas «nuances» como as portas mais luxuosas usadas pelos professores, e as mais modestas, destinadas aos alunos.

No corredor que liga a sala de aula ao salão de festas, em que decorreu a manifestação de protesto, estão expostos documentos autênticos relativos à passagem pela Universidade daquele que, 30 anos depois, seria o chefe da Revolução de Outubro.

Na exposição podem ser vistos a matrícula, a carta de recomendação do liceu em que completou os seus estudos iniciais, uma petição a so-

licitar gratuidade, uma carta de renúncia à Universidade e muitos outros documentos.

Como a matrícula custava 16 rublos e o salário médio de um operário, na época, variava entre os 13 e 14 rublos, o jovem Ulianov solicitava matrícula grátis por causa dos seus escassos recursos.

A carta de renúncia à Universidade foi redigida por Lenine pouco depois de chegar a casa, em 4 de Dezembro, ainda que não a tenha podido entregar, pois foi preso no dia seguinte.

No documento manuscrito dirigido ao reitor, lê-se o seguinte: «Classificando como impossíveis os meus estudos na Universidade, nas condições presentes da vida universitária, tenho a honra de pedir a Vossa Senhoria proceder às correspondentes diligências para excluir-me do quadro de estudantes»...

No salão de festas onde teve lugar a histórica reunião de protesto, também é conservada a aparência que tinha há 90 anos, tendo apenas sido retirado das suas paredes as pinturas que retratavam os czares que reinavam na época.

Lenine, acompanhado da mãe e de três irmãos, chegou a Kazán em Junho de 1887, com o propósito de matricular-se na Universidade, que desde 1925 tem o seu nome.

Alugaram, junto com outra família uma casa dos arredores da cidade, que actualmente também está convertida em museu.

Durante a sua permanência em Kazán, Lenine travou o seu primeiro combate revolucionário. No breve período em que voltou à cidade, em 1888, depois de ter sido deportado, travou contacto com círculos marxistas, do qual passou a fazer parte e onde começou a estudar «O Capital». ●

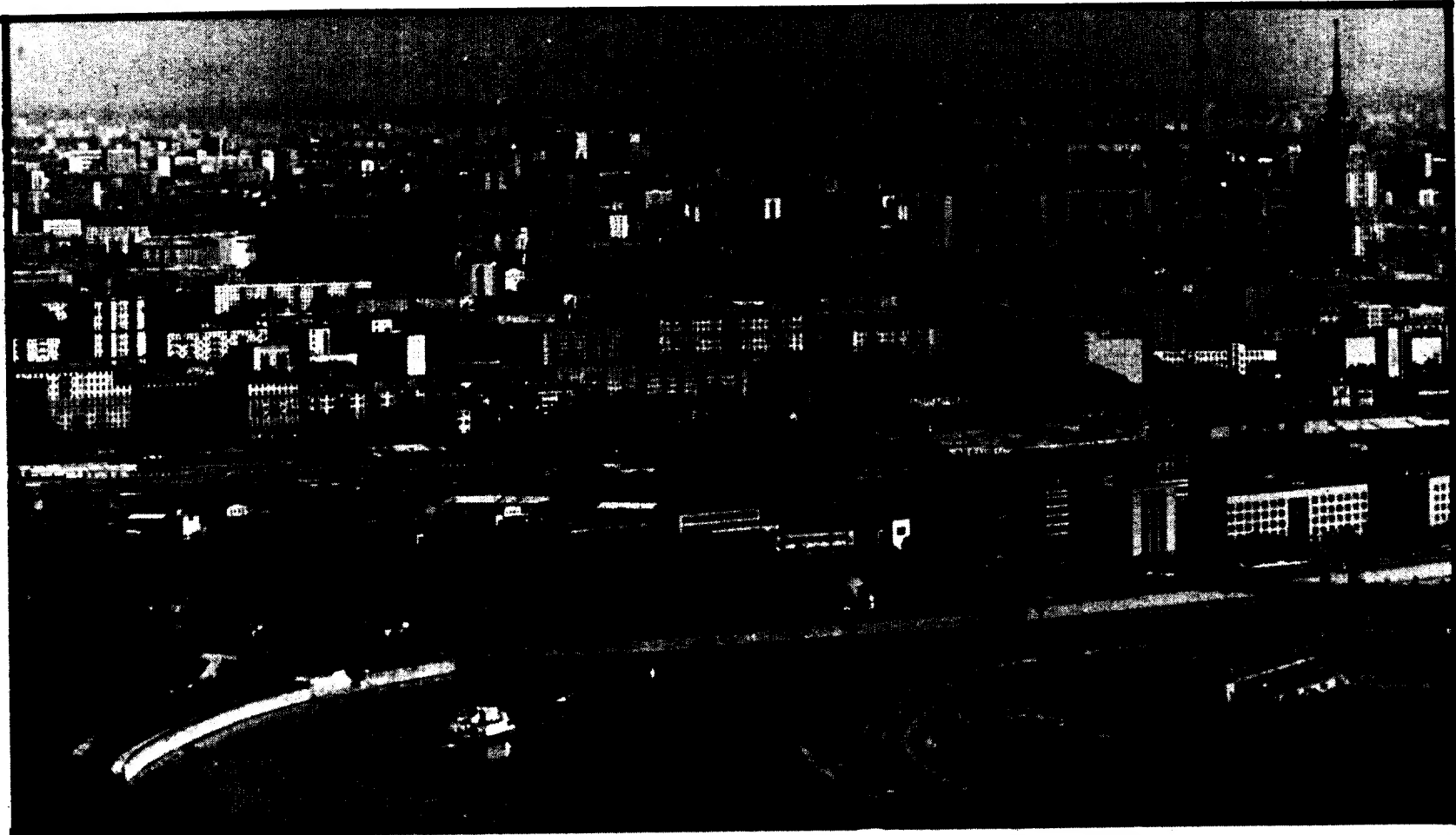
Moscovo:
capital
da URSS

Edel Suarez
PRENSA LATINA

CADA moscovita conta na actualidade com 9,6 metros quadrados de alojamento por habitante, o que equivale quase ao quádruplo da área correspondente em 1917, quando se promulgou o decreto sobre a divisão de alojamentos.

Contudo, os planos a longo prazo dos arquitectos são mais ambiciosos: cada habitante disporá em 1990 dum mínimo de 14 metros quadrados. Mas, uma vez conseguido um aumento «per capita» em relação às normas sanitárias internacionais (nove metros quadrados) o esforço principal dos arquitectos, urbanistas e construtores centra-se no presente na edificação de alojamentos mais cómodos e de melhor qualidade.

Na Exposição Permanente de Edifícios de Moscovo pode constatar-se que nos 100 mil alojamentos que se constroem este ano, o espaço dedicado à cozinha é de 10 metros quadrados (o dobro dos projectos anteriores). Os tectos são



MOSCOVO CASAS PARA TODOS

tos de dormir, que representa 32 metros quadrados, custará mensalmente 4 rublos e 50 kopeques.

O pagamento desta quantia cobre apenas a terça parte do custo de construção e manutenção do alojamento. A diferença é subsidiada pelo Estado. O custo do aquecimento central está incluído na renda, enquanto para a água quente se pagam 15 kopeques por cada membro da família. Para o gás paga-se 16 kopeques «per capita». A electricidade custa à razão de 4 kopeques por Kw/hora, reduzindo-se a tarifa a metade no caso de a família dispor de fogão eléctrico. O telefone custa por mês 2 rublos e meio (o rublo tem um valor de cerca de 40 escudos, e é dividido em cem kopeques).

Em Moscovo, como noutros pontos da URSS, também se controem habitações por sistemas de cooperativas, modalidade que possibilita a aquisição do imóvel.

Trinta por cento dos apartamentos que se controem este ano em Moscovo são feitos por essa modalidade. Um apartamento médio de dois quartos de dormir custa um máximo de 280 rublos por metro quadrado, variando o preço consoante a qualidade do edifício.

Os urbanistas de Moscovo mostram-se prudentes em prever quando estão resolvidos inteiramente os problemas da procura real de alojamento.

O plano de desenvolvimento geral de Moscovo, aprovado em 1971 e que deve estar concluído em 1990, é bastante ambicioso neste sentido. Mas o facto de a URSS figurar em primeiro lugar mundial quanto ao número de alojamentos construídos por cada mil habitantes faz supor que conseguirá ser o primeiro país do mundo a resolver este problema.

Os meios informativos soviéticos asseguram que há-de chegar o dia em que cada casal receba na cerimónia do casamento as chaves da sua nova casa. ●

mais de seis vezes nos últimos 60 anos.

Mais de 2 milhões e 400 mil dos 7 milhões e 800 mil habitantes de Moscovo melhoraram as suas condições habitacionais.

Todos os apartamentos que se constroem têm aquecimento central, electricidade, gás, água quente e outros confortos.

A melhoria da qualidade e comodidade dos novos projectos de habitação não influencia, contudo, o preço do aluguer que se mantém inalterado há 49 anos na URSS. Por cada metro quadrado pagam-se 15 kopeques. Assim, um apartamento de dois quar-



mais altos 25 centímetros, enquanto as novas concepções de projecção aumentam a quantidade de sol que iluminará cada sala.

Especial atenção é consagrada pelos arquitectos e técnicos em materiais de construção à obtenção dum isolamento acústico para garantir uma vida mais tranquila às famílias.

Também se presta atenção à construção de espaços adicionais nos apartamentos para armazenamento de diferentes objectos e mercadorias.

Esta nova fase em que se dá maior ênfase ao aspecto qualitativo deve-se ao facto de o intenso ritmo de construção de edifícios (que se verificou nos últimos anos) ter reduzido a procura de alojamentos.

Enquanto a capital soviética cresceu mais de duas vezes e meia, depois da Segunda Guerra Mundial, a quantidade de alojamentos aumentou



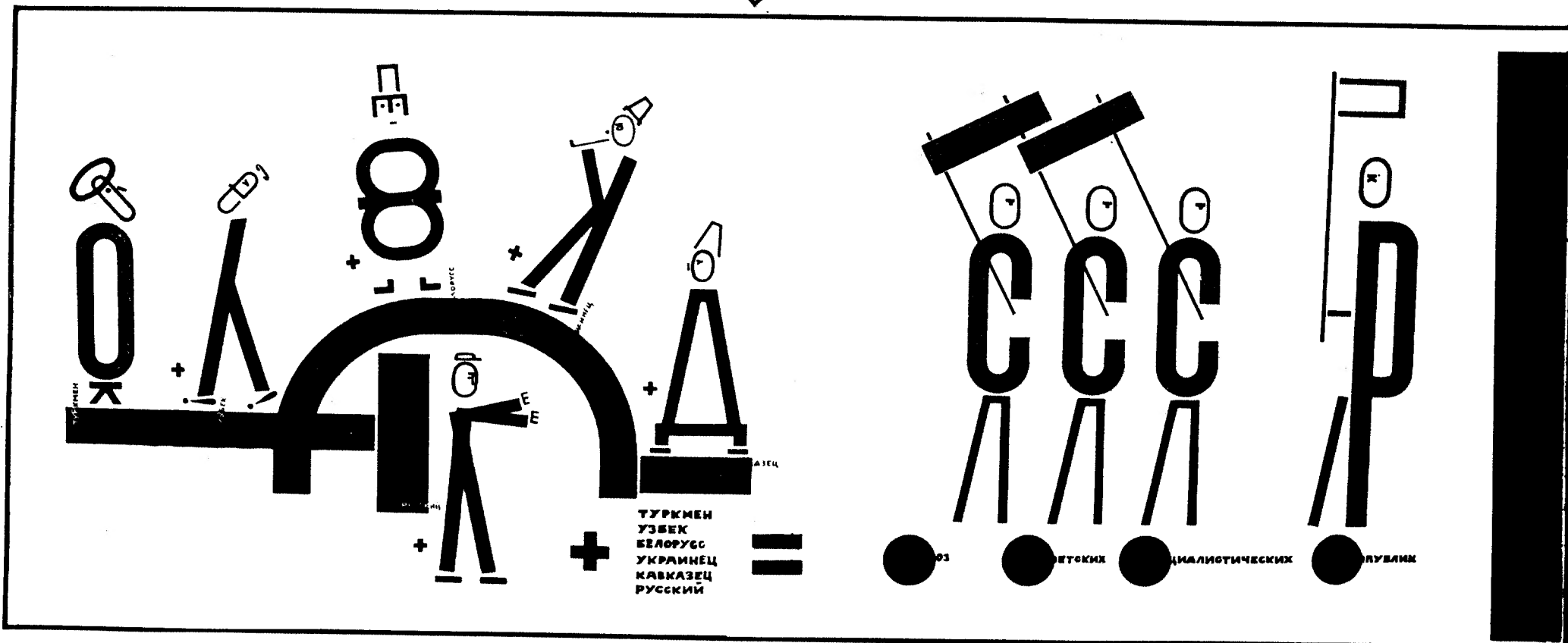


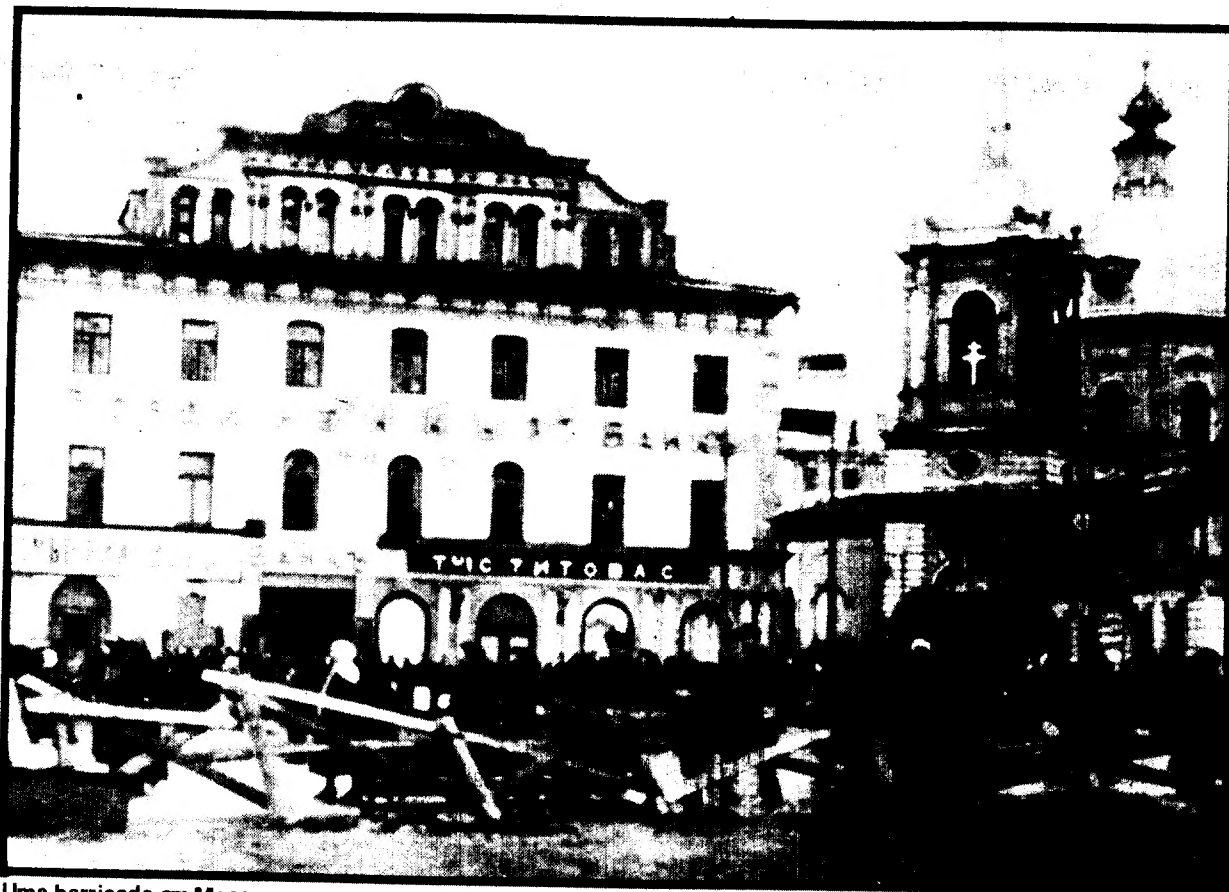
Ilustração de El Lissitzky

"TURQUEMÊNIA,
UZBEQUISTÃO,
BIELORRÚSSIA,
CÁUCASO E RÚSSIA
= URSS"

EXCLUSIVO



O assalto
ao Palácio de Inverno



Uma barricada em Moscovo



Em Petrogrado, operários e soldados capturam um carro blindado das tropas de Kerensky